

## A DINÂMICA FUNCIONAL DO CENTRO DE LISBOA

### 1. NOTA INTRODUTÓRIA

O presente estudo constitui, em grande medida, a versão revista e actualizada de um estudo que efectuámos em 1970 <sup>(1)</sup> e que teve uma finalidade prática: apoiar a equipa de arquitectos encarregada da elaboração de um plano urbanístico para o território compreendido entre o Cais do Sodré e o Campo das Cebolas. Ao Senhor Professor Arquitecto Formosinho Sanchez, responsável pelos trabalhos, não queremos deixar, por um lado, de agradecer a oportunidade que nos concedeu e, por outro lado, felicitar pela forma como idealizou e organizou os estudos.

Na análise efectuada pretendemos evidenciar os traços fundamentais da estrutura funcional do centro de Lisboa, dentro de uma perspectiva geográfica. Procurámos mostrar como as funções que melhor marcam a área central de Lisboa se relacionam com a cidade, os habitantes e o país, numa perspectiva dinâmica, quer no tempo, quer no espaço geográfico em que aqueles fenómenos se processam.

Porque não se trata de um estudo científico puro, mas sim de um apoio à equipa de arquitectos que teve a seu cargo uma intervenção num território particularmente significativo do centro de Lisboa, é natural que alguns problemas de método ou demonstrações de extremo rigor tenham sido

---

<sup>(1)</sup> «Estrutura Funcional do Centro de Lisboa». Lisboa, 1970, 64 pp. policopiadas em A3 + 42 mapas. Foi no âmbito do Projecto de Investigação LL5, do Instituto de Alta Cultura, que tivemos a oportunidade de organizar a presente versão.

relegados para segundo plano. Esteve sobretudo em mente, como linha orientadora, atingir noções significativas, contribuindo desta forma para o estabelecimento de uma base a partir da qual a intervenção arquitectónica pudesse ser fundamentada. De uma maneira genérica este estudo pretendeu situar funcionalmente o território da intervenção arquitectónica na área central e na própria cidade de que faz parte; situar dentro de uma linha evolutiva, mostrando qual tem sido o seu significado para a cidade e as possíveis linhas de rumo no futuro.

Como se admitirá com facilidade, encontrámos algumas dificuldades na elaboração deste estudo. Sem pretender justificar deficiências, mas procurando antes pôr de aviso os que irão manusear estes documentos, apontamos algumas dessas dificuldades. A primeira provém da falta de estudos comparativos, aliás resultante da quase inexistência tanto em Portugal como no estrangeiro de trabalhos pluridisciplinares deste tipo. A experiência de outros países, de muito interesse, não poderá fornecer uma base metodológica exclusiva para o caso de Lisboa, onde a problemática é diferente.

Outra dificuldade residiu na carência de fontes históricas e estatísticas de utilização fácil e pouco demorada, como seria necessário a um estudo deste tipo. Daí a frequente obrigatoriedade de utilizar séries incompletas de elementos. Assim, as quantificações efectuadas baseiam-se quase sempre em amostragens — bastante significativas, mas, apesar de tudo, amostragens.

Facilmente se concluirá que estas notas não constituem um trabalho definitivo. Pelo contrário, ficámos por um estudo que detecta tendências, aponta caminhos, quantifica na medida do possível, que poderá contribuir para o entendimento da cidade de Lisboa e da sua área central.

Dizer que são indispensáveis trabalhos interdisciplinares que visem a cidade, seria insistir na evidência. Entretanto, e partindo de uma das dificuldades apontadas, não queremos deixar de acentuar a urgência de uma investigação de base, que permita o estabelecimento de métodos e leis aplicáveis ao caso português. Impõe-se ainda um planeamento da localização das actividades terciárias na cidade, como já hoje se vai fazendo em vários países. A má localização de empresas do

sector terciário tem acarretado grandes prejuízos ao país, não só no campo económico, como no do bem-estar da população; a contabilidade desses erros demonstraria facilmente como se impõe um estudo amplo deste sector e, muito particularmente, o da área central das cidades.

## 2. O CENTRO DE LISBOA, COMO CENTRO DE GRAVIDADE DA CIDADE, DA REGIAO, DO PAÍS E DAS AREAS ULTRAMARINAS (2)

Quando muitas vezes se fala num Portugal, país macrocéfalo, esquece-se que Lisboa — a grande cabeça — representa não apenas a capital de um país de 89 000 km<sup>2</sup> e perto de 10 milhões de habitantes, mas antes o centro directivo de um território muito mais vasto e com uma população superior, além de constituir, embora em medida muito escassa, uma aglomeração com influência internacional. Assim, no crescimento de Lisboa (crescimento económico, sobretudo) influi não só o desenvolvimento da cidade em si como núcleo produtor, nem tão-pouco apenas o dos referidos 89 000 km<sup>2</sup>, mas também o dos territórios ultramarinos que a capital comanda.

Quando em Angola se inaugura uma fábrica, mesmo que os capitais investidos, as matérias-primas e a mão-de-obra sejam totalmente angolanos, mesmo que a produção seja inteiramente destinada ao mercado interno, essa fábrica vai promover um aumento no mercado de trabalho de Lisboa.

Em pequeníssima escala, como referimos, também certos acontecimentos internacionais podem influenciar a sorte da capital. Assim, num possível exemplo concreto, o aumento da produção petrolífera do Iraque poderá acarretar um incremento de capitais em Lisboa, e portanto um acréscimo de horas de trabalho, o sustentáculo parcial ou total de um novo agregado familiar. Este é o mecanismo das grandes cidades, cuja cúpula está nos centros direccionais do Mundo: Nova York, Londres, Paris, Rand.

(2) Mantemos a redacção, anterior à descolonização. Os reflexos desta no desenvolvimento das actividades terciárias de Lisboa deverão ser objecto de um estudo.

Mas numa cidade, qualquer que seja a sua dimensão, há sempre uma área mais sensível e que melhor traduz o próprio valor da cidade — o centro ou área central. Esta área concentra não só a organização superior da cidade, como a da região que lhe está sob tutela imediata e, em certos casos, mesmo a direcção de um país, ou ainda de actividades de vária ordem que se procuram além-fronteiras.

O centro da cidade reflecte portanto a dinâmica dessa aglomeração urbana e dos territórios que comanda. Uma expansão económica nesses territórios acarretará um empolamento da área central; uma recessão, pelo contrário, provocará um retraimento ou decadência.

É dentro desta perspectiva que poderá ser compreendido o centro de Lisboa. Temos, portanto, desde já, que uma delimitação rígida da área central se torna impossível, na medida em que não estamos perante uma realidade estática, mas, muito pelo contrário, perante um ser em constante transformação. O processo evolutivo da área central de uma grande cidade pode em grande medida ser comparado ao processo evolutivo dos seres vivos. Sucessivamente verifica-se a expansão de certas partes, a decadência e morte de outras e ainda a adaptação de algumas a novas funções. Nas suas linhas mais gerais esta tem sido a evolução física e económica da área central de Lisboa, através dos anos e actualmente talvez num ritmo mais acelerado que nunca — o que reflecte a própria dinâmica económica do espaço comandado pela cidade, ou melhor, pelo próprio centro. O centro de Lisboa, por este processo selectivo natural, vai-se organizando para satisfazer as funções que aí se devem processar.

Se a dinâmica económica orienta a dinâmica do centro direccionado, são sobretudo as modificações tecnológicas relacionadas com os meios de transporte, com as comunicações em geral e com a construção, que marcam o rumo da evolução física da cidade e do seu centro. Desde muito cedo que Lisboa se tornou o centro directivo do país (podemos considerar a conquista definitiva do Algarve — 1253 — como o ponto de início do domínio de Lisboa) e também logo nos primeiros tempos da expansão ultramarina ela ultrapassou as fronteiras. Até à segunda metade do século XIX, com a predominância do transporte aquático (marítimo e fluvial — um

dos principais factores do desenvolvimento inicial de Lisboa esteve certamente no factor de o Tejo constituir a melhor via de penetração no interior do país) Lisboa e o seu centro vivem voltados para o rio, apesar do esforço de Pombal em dirigir a cidade para o interior. Ainda as primeiras linhas férreas (Santa Apolónia, Barreiro-Terreiro do Paço, Cais do Sodré, Alcântara-Sintra) permitem a continuidade. Só com a estação do Rossio, na viragem do século, o centro de Lisboa é fortemente basculado para norte e vai continuar, agora sem interrupção, o processo que fora deixado em suspenso pelo urbanismo de Pombal. Mais tarde o automóvel e, recentemente, o avião vão acentuar este movimento. O centro de Lisboa começa a «morrer» progressivamente nas suas franjas oriental e ocidental (aqui especializa-se nas funções portuárias) e mesmo, mais tarde, começa a decair no seu extremo sul, o ribeirinho. Em contrapartida «esguicha» para norte, atinge um foco direccionado (Rotunda do Marquês de Pombal) e inicia um processo de alastramento, sem contudo parar o avanço para norte.

Conforme se documenta através da análise efectuada, e que adiante apresentamos, a evolução do centro de Lisboa tem sido lógica e natural, mas um tanto desordenada. E será ela a mais conveniente ao país, à cidade e aos habitantes?

O centro de Lisboa não deverá parar de crescer, pois isso representaria a estagnação do próprio país. Mesmo que se processe a projectada descentralização da economia portuguesa, ela nunca trará uma diminuição da importância do centro da capital. A verificar-se essa política descentralizadora, não se desenvolverão novos subúrbios industriais, poderão mesmo deixar de afluir à Capital algumas empresas do sector terciário, mas as funções directivas, um terciário superior de escala nacional ou internacional, terão quase sempre em Lisboa a sua localização mais lógica e, também quase sempre, a mais aconselhável.

Importará saber, entretanto, que tipo de centro convém a Lisboa. Se uma continuação do processo actual, pelo crescimento contínuo e especializado do existente, ou se, pelo contrário, não será mais conveniente bi (ou pluri)-polarizar a capital. Sem estudos convenientes em que nos possamos apoiar, mas apenas pela experiência desta e de outras cidades,

pelo ideal de um tipo de cidade e pelo próprio hábito de vida urbana, somos favoráveis à primeira hipótese, pensando todavia numa reestruturação do existente, que deveria começar desde já numa forma sistemática e coerente com as necessidades do país e da sua capital.

### 3. ASPECTOS DA EVOLUÇÃO DA ESTRUTURA FUNCIONAL DO CENTRO DE LISBOA ATÉ AO SÉCULO XIX

#### *O CENTRO DE LISBOA NA IDADE MÉDIA*

O primeiro centro da cidade esteve relacionado com a situação do castelo, onde residia a administração máxima e onde estavam centralizados os serviços administrativos centrais. À porta do castelo desenvolve-se um núcleo comercial de que o actual topónimo, Chão da Feira, ainda constitui uma reminiscência. Mas desde muito cedo (anteriormente à monarquia portuguesa) que se dá um movimento de descida de toda a cidade, e bem assim do «centro», em direcção ao porto, à Ribeira. A Mesquita Maior, cujo sítio foi tomado pela Sé cristã, já ocupa uma posição excêntrica, próximo das portas que ligavam à Ribeira. É provavelmente junto da Mesquita Maior, como é de regra nas cidades muçulmanas, que se localizam o comércio de luxo e os serviços mais sofisticados. Após a reconquista cristã, não obstante já existir um arrabalde fora de portas na direcção da actual Baixa (além do arrabalde de Alfama), o «centro» deve ter continuado nas proximidades da Sé, com tendência de expansão na direcção da Ribeira. Com o desenvolvimento da cidade, que em breve se torna a primeira aglomeração urbana do reino, dá-se também a expansão do «centro». Essa expansão tem mesmo uma efectivação na própria estrutura física da cidade com o rei D. Dinis. Com efeito, segundo o cronista Rui de Pina, aquele rei manda traçar de novo a Rua Nova dos Ferros, que partindo da muralha pré-portuguesa, na porta mais próxima da Sé, leva à Ribeira, correndo paralelamente ao rio. É a «Grand Rue» de Lisboa e como tal se manterá até ao terramoto de 1755. Aí se concentra o comércio de qualidade, aí se realiza o «passeio», aí constroem os ricos burgueses, nacionais e estrangeiros, as melhores casas da cidade.

#### *O CENTRO DE LISBOA NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XVI (1565) (3)*

Pela análise efectuada para o ano de 1565 (4) verificámos que as freguesias com maior número de unidades comerciais são: Madalena (377), S. Julião (318), S. Nicolau (184), Santa Justa (124), Santo Estêvão (65) e Mártires (64). Contudo estas freguesias têm áreas muito diferentes e a sua estrutura demográfica varia também bastante. À falta de dados sobre a população total ou de elementos de ordem qualitativa que nos permitissem saber, respectivamente, a densidade comercial e a hierarquia das funções, utilizámos outro método. Estabelecemos gráficos correlativos entre o total da população activa (no caso poderão frequentemente corresponder a unidades funcionais) e a população ocupada em certos ramos, em cada freguesia. O primeiro gráfico apresenta a correlação entre a percentagem da população activa total e a percentagem no comércio. Verifica-se (fig. 2) que a Madalena e S. Julião têm a maior concentração do comércio, o que corresponde também aos maiores valores absolutos. Mas a terceira e a quarta freguesias em concentração comercial já não são Santa Justa e S. Nicolau, mas sim a Sé e S. João da Praça, que representam reminiscências do antigo (anterior) centro. S. Nicolau vem depois, ainda com um valor acima da média, mas Santa Justa está muito abaixo da média.

Como teste daquela correlação representámos noutro gráfico a correlação entre a população activa total e o número de criados e braçais por freguesia (fig. 2). Em princípio, esse gráfico deveria ser o negativo do anterior. Na realidade assim aconteceu, apenas com anomalia nas freguesias do Loreto e dos Mártires, que aparecem com um número muito reduzido de criados e braçais. Isso explica-se facilmente pela forma como foi estruturado o recenseamento, que considerou uma

(3) Ver figura 1.

(4) JOSÉ MAGNO SANTOS PEREIRA GROSSO, «Demografia Profissional de Lisboa na Segunda Metade do Século XVI — Subsídio para o seu estudo». Dissertação de licenciatura em História apresentada na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa em 1968, 220 páginas polycopiadas + quadros estatísticos. «Livro de Lançamento e Serviço Que a Cidade de Lisboa Fez a El-Rei Nosso Senhor no Ano de 1565». Câmara Municipal de Lisboa, 4 vols., Lisboa, 1947.

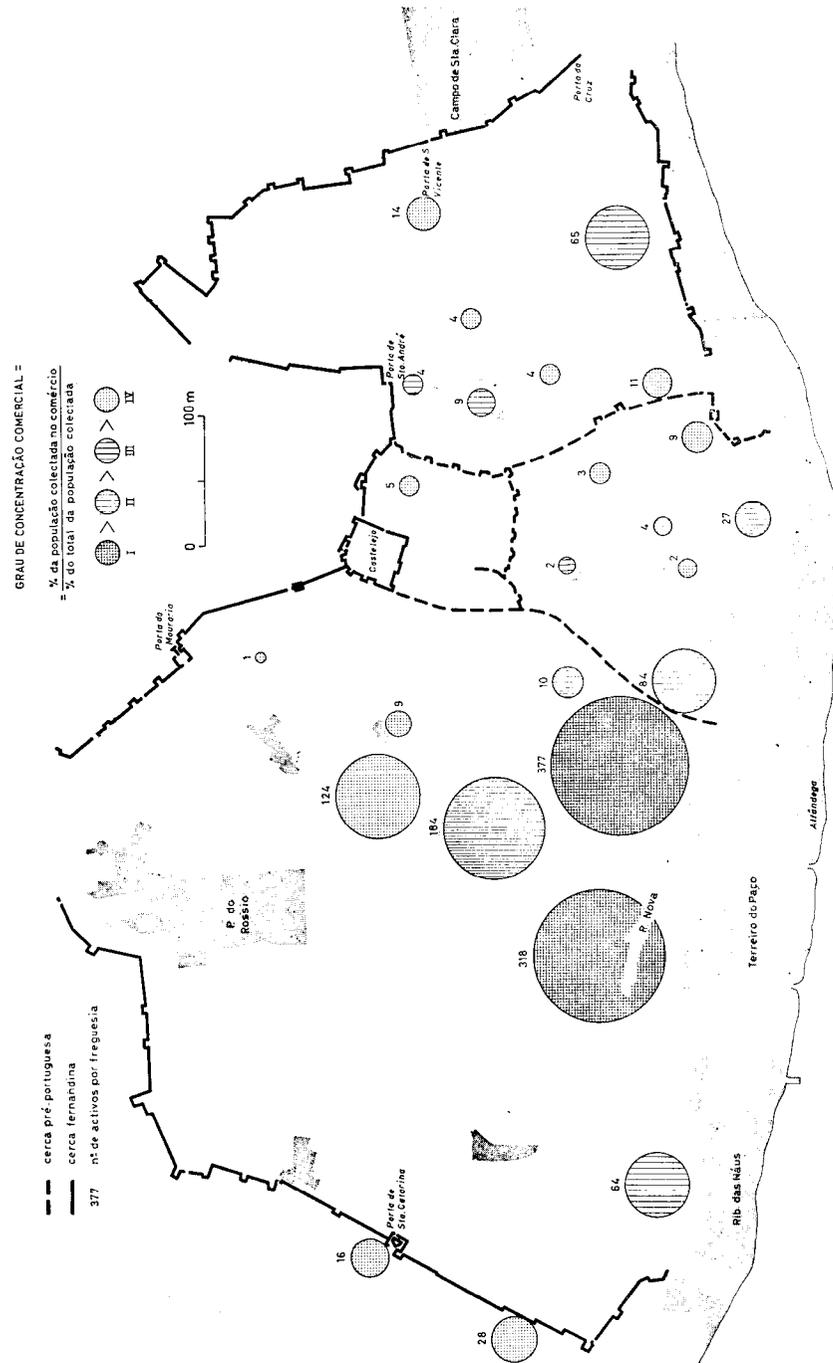


Fig. 1 — O comércio de Lisboa em 1565.

classe de homens do mar, que em grande parte têm um significado idêntico aos braçais. Sendo Loreto e Mártires duas freguesias particularmente ligadas à vida marítima, é natural que abundem os marítimos e sejam em menor número os criados e braçais, que aumentarão nas freguesias mais rurais.

Estabelecemos assim uma correlação entre o total da população activa e a população industrial (unidades industriais) por freguesia. Apesar do maior número (771, num total de 9097) de unidades industriais se encontrar na freguesia de Santa Justa, as de S. Julião (697), Madalena (431), S. João da Praça (54) e S. Nicolau (691), apresentam as concentrações mais elevadas. Por outro lado, a natureza das actividades industriais de S. Julião, Madalena, a parte mais central de S. Nicolau e da Sé ou de S. João da Praça era muito diferente da de Santa Justa e de outras freguesias periféricas. Enquanto nas freguesias do centro essa indústria correspondia a artesanato-comércio que tinha na necessidade de centralidade o principal factor de localização, em Santa Justa e noutras freguesias apareciam novos factores: necessidade de grandes superfícies, localização das fontes de energia e da matéria-prima, exalação de maus cheiros ou produção de grande quantidade de detritos desagradáveis, etc.

Contudo, a indústria mostra-se muito menos concentrada que o comércio, não estando as freguesias, com excepção de Santa Marinha, S. Bartolomeu, S. Lourenço e S. Cristóvão, muito afastadas da distribuição média.

Através desta análise podemos verificar que o centro de Lisboa tinha o seu maior desenvolvimento nas freguesias da Madalena e de S. Julião, mostrando ainda extensões nas adjacentes da Sé, S. João da Praça e S. Nicolau. No entanto, as extensões do centro para estas freguesias têm um significado muito distinto: enquanto que a Sé e S. João da Praça representam uma herança, S. Nicolau evidencia uma tendência futura — a subida na Baixa, a partir da Ribeira para o interior.

O desenvolvimento do centro através de S. João da Praça, Sé, Madalena, S. Julião, mostra uma distribuição paralela ao rio, tendo na Rua Nova dos Ferros e no Terreiro do Paço respectivamente o eixo e o núcleo directivos.



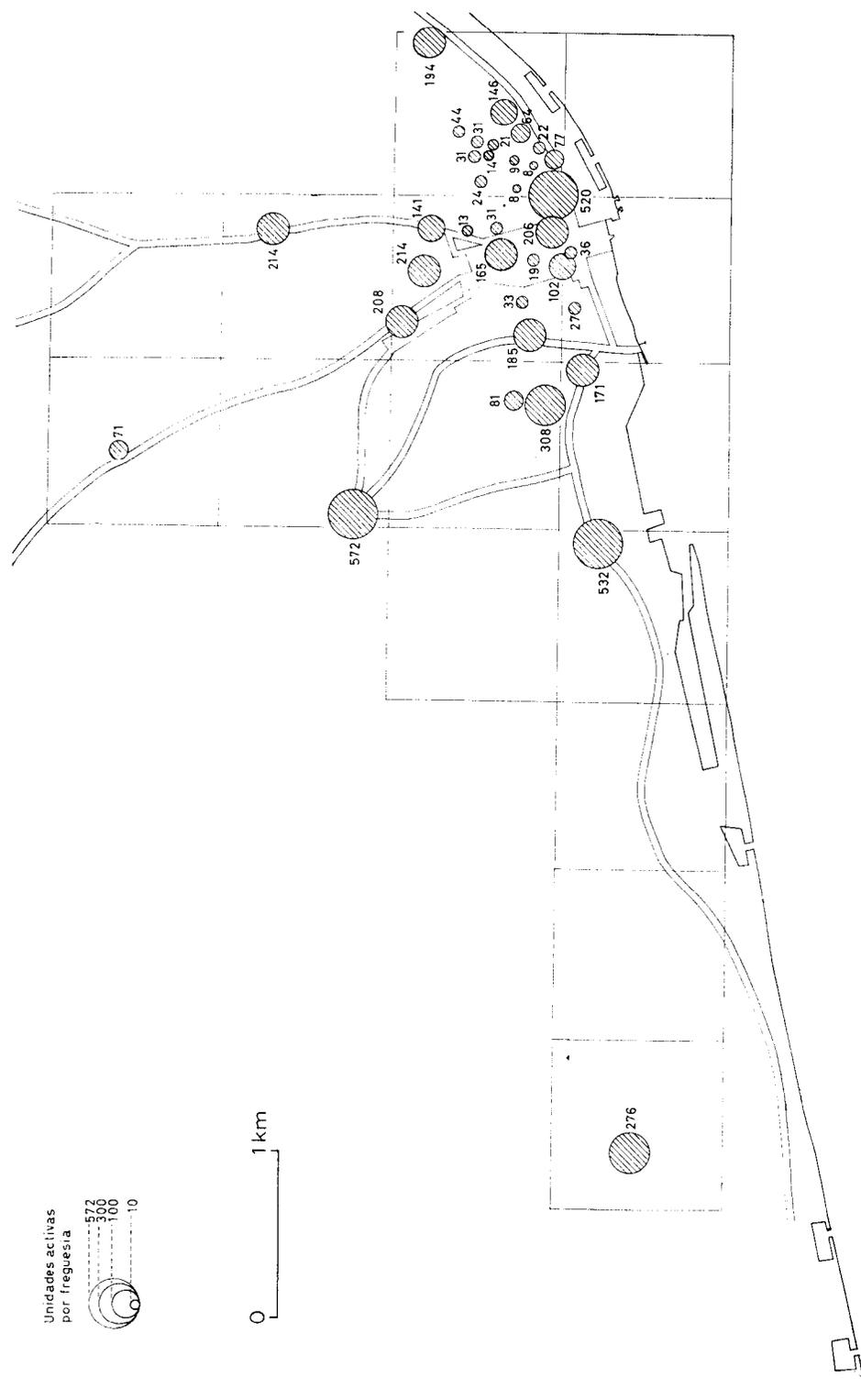


Fig. 3 — O comércio de Lisboa em 1763-1769.

mais igual. Em princípio esta evolução não é normal, visto que a tendência é geralmente para um aumento de especialização e de concentração de funções dentro do território da cidade. Esta evolução em Lisboa e para aquele momento explica-se pela proximidade do terramoto, que teve consequências particularmente desastrosas no centro da cidade. O sismo terá originado o desenvolvimento de um certo número de centros secundários, embora, e apesar das grandes destruições, o centro (pelo menos como concentração de comércio) se tivesse mantido. Ainda dentro do centro tradicional e devido às grandes devastações da Baixa nota-se sobretudo um movimento de refluxo, um retorno à freguesia da Sé, onde a acção do sismo terá sido menos devastadora.

Outros movimentos menores, dentro ou na periferia do centro (excluindo portanto o desenvolvimento de pólos secundários) se podem notar. Assim, é nítida no gráfico de correlação a importância da freguesia de S. Paulo, que mostra uma expansão para oeste, paralelamente ao rio. Menos evidentes e mais discutíveis são os avanços para norte (S. José, Santa Justa e Pena) e para noroeste, onde aparecem duas novas freguesias (Encarnação e Santíssimo Sacramento) com uma proporção relativamente forte de profissões comerciais.

Embora os dados não sejam de molde a traçar conclusões definitivas, parecem evidenciar-se algumas linhas do futuro crescimento do centro de Lisboa, que o plano pombalino vai favorecer: concentração na Baixa, com extensões para norte (Rossio), noroeste (Chiado) e oeste (Cais do Sodré). A hipótese de um renascimento do antigo centro (Sé, S. João da Praça e parte da Madalena) é posta em causa pelo traçado pombalino, que favorece as ligações norte-sul e apenas para poente da Rua da Princesa (actual Rua dos Fanqueiros) facilita as relações este-oeste. O maior desenvolvimento das áreas habitacionais a oeste e noroeste (Bica, Santos, Lapa, S. Bento-Rato-Amoreiras) vai acentuar a reestruturação do centro, em termos de forma, ao longo do século XVIII e primeira metade do século XIX (fig. 3).



#### 4. DINAMICA DA LOCALIZAÇÃO DE ALGUMAS FUNÇÕES DO CENTRO DURANTE O SÉCULO XX EM LISBOA

##### *DELIMITAÇÃO DE ÁREAS FUNCIONAL E ESPACIALMENTE HOMOGÊNEAS NA LISBOA ACTUAL*

Para que fosse possível estabelecer comparações quantitativas da localização das actividades terciárias do tipo central em vários momentos do século XX tornou-se indispensável a delimitação de áreas funcional e espacialmente homogêneas dentro da cidade. Esta delimitação estabeleceu-se a partir da experiência que temos de Lisboa e, sobretudo, dos conhecimentos a que chegámos após a análise efectuada.

Considerámos áreas funcional e espacialmente homogêneas os conjuntos urbanos delimitados não só a partir das actividades, que se processam nesses espaços, como também pela contiguidade e, em grande medida, pelas semelhanças de paisagem humana, definidas estas não só a partir das características físicas, económicas e sociais, como também pelo seu conteúdo histórico-urbano. Mas, em última análise, o factor de demarcação mais decisivo foi a identidade de comportamento na localização das funções centrais que analisámos para o século XX.

Estabelecemos nove áreas homogêneas: 1) Baixa-Chiado; 2) Cais do Sodré; 3) Avenida da Liberdade-Marquês de Pombal; 4) Avenidas Novas; 5) Avenida Almirante Reis; 6) Áreas anexas do Centro; 7) Oeste; 8) Norte; 9) Leste.

A área Baixa-Chiado constituiu até ao segundo quartel deste século o centro de Lisboa, concentrando com o Cais do Sodré a quase totalidade das actividades terciárias centrais de Lisboa. Mantém-se hoje o centro tradicional da cidade, mas com uma nítida especialização nas funções centrais. Actualmente domina apenas nos sectores da Administração Pública Central, das sedes bancárias e do comércio de retalho de produtos de consumo ocasional de nível hierárquico mais elevado, particularmente no campo dos objectos de uso pessoal.

O Cais do Sodré, a que associamos as ruas do Arsenal e do Alecrim até ao Largo Barão de Quintela, bem como parte do território de São Paulo, representa também, não

só pela sua utilização actual como pelas vicissitudes passadas, um conjunto homogêneo. Dominam aí as actividades relacionadas com a navegação, tendo-se mesmo verificado uma especialização neste sentido.

A área Avenida da Liberdade-Marquês de Pombal representa a primeira expansão da Baixa para norte, que se iniciou há cerca de meio século, mas que só ganhou valor de área central a partir do fim da Segunda Grande Guerra. Ao contrário da Baixa-Chiado predominam aí a administração privada, os serviços especiais (hotéis, médicos especialistas, agências de viagens e de companhias de aviação) e algum comércio de tipo especial. Pela existência de barreiras físicas (naturais e humanas) a Avenida da Liberdade só teve possibilidades de expansão lateral a partir do início da Lisboa de Rosa Araújo (traçado do fim do século XIX) e sobretudo a partir do seu troço superior. Recentemente essa expansão fez-se também pelo Bairro Camões, comandada pelos eixos da Rua Conde Redondo e da Duque de Loulé. Associámos ainda a esta área o território definido pelas ruas Artilharia Um, Marquês da Fronteira e Castilho, centrado na Rua Rodrigo da Fonseca, a norte da Rua Joaquim António de Aguiar. Trata-se de um sector isolado, construído nos anos 1930, para habitação da classe abastada, e que iniciou prematuramente um processo de demolição e reconstrução. Instalaram-se aí, nos últimos anos, e continuam a instalar-se, funções centrais que levam a assimilar este sector à área comandada pela Avenida da Liberdade e pelo Marquês de Pombal.

As Avenidas Novas definem-se facilmente pelo seu traçado. Os limites norte, oeste e sul são marcados respectivamente pelas avenidas de Berna, António Augusto de Aguiar e Fontes Pereira de Melo, excluindo as partes destas últimas que se associam ao Marquês de Pombal. A leste o limite corresponde sensivelmente a uma linha que vai do Largo de Dona Estefânia ao Campo Pequeno, passando pelo Arco do Cego. Trata-se da última área a ser ocupada pela onda de expansão do centro para norte. Esta ocupação verificou-se muito recentemente e só nos últimos cinco anos começou a manifestar-se decisiva na nova caracterização do território. A passagem quase que brusca de área residencial do princípio do século a área de actividades centrais deve-se primordial-

mente a dois factores: ao alto nível de acessibilidade das Avenidas Novas e ao intenso surto de reconstrução local iniciado durante os anos 60. Entretanto mantém-se uma área

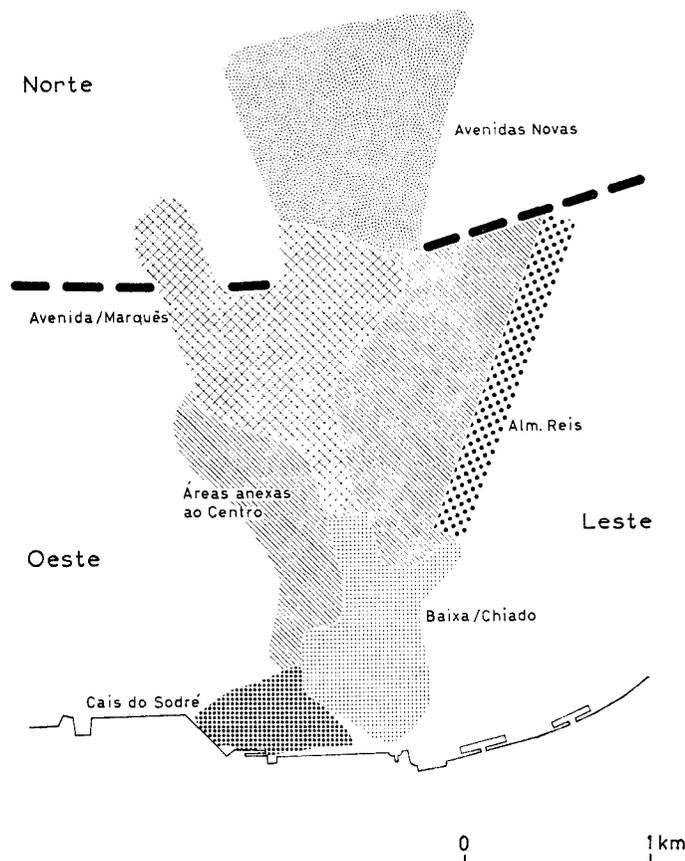


Fig. 5 — Áreas homogéneas.

de grande densidade de habitação, estando também neste capítulo a sofrer uma remodelação total. Na realidade, os novos edifícios que se constroem são ocupados quer por actividades de tipo central, quer por residências de rendas elevadas. Assim, ao mesmo tempo que se verifica uma transformação no carácter das actividades terciárias, verifica-se uma diferenciação nítida nos níveis sociais que habitam as Avenidas Novas (6).

(6) Ver capítulo «Desequilíbrios Funcionais no Centro de Lisboa».

A Avenida Almirante Reis, que se associa à Rua da Palma, constitui um caso único na geografia de Lisboa. Herança moderna de um dos principais acessos da periferia suburbana e rural ao centro, ela manteve em grande medida essa função, gerando a localização de actividades correlativas. A Avenida Almirante Reis tem, do ponto de vista geográfico, um significado semelhante ao do eixo Avenida da Liberdade-Avenida Fontes Pereira de Melo-Avenida da República, só que, por circunstâncias essencialmente de ordem económica, social e histórica, o seu desenvolvimento e ocupação processaram-se de forma diferente. A Avenida Almirante Reis ao mesmo tempo que representa uma extensão para norte do sector oriental do centro tradicional de Lisboa, é o centro local (em forma de faixa, *ribbon*) das densas manchas habitacionais que a envolvem. Não podendo competir com a outra linha de extensão do centro para norte, a Avenida Almirante Reis especializou-se nalgumas funções que necessitam de grande acessibilidade, mas que não comportam rendas muito elevadas. Assim se instalam aí pequenos escritórios de empresas, comércio de retalho e comércio grossista. Este último representa a subida para norte das actividades deste tipo (por vezes as mesmas empresas) que se localizavam na parte oriental da Baixa. O comércio de retalho é muito variado, pois serve não só a população residente nas proximidades como muita população rural que continua a ter na Avenida Almirante Reis a principal via de acesso ao centro. Contudo, verificou-se uma especialização de um certo tipo de comércio: mobiliário e electrodomésticos. Trata-se de actividades que necessitam de grandes superfícies, sem comportar rendas elevadas, particularmente o comércio de móveis. Repare-se que ainda neste aspecto a Avenida Almirante Reis denota características que a assimilam a outras extensões secundárias da periferia do centro ou a situações secundárias no centro: electrodomésticos na Rua Conde Redondo e nas transversais e *back-streets* da Baixa; móveis na Rua de Santa Marta, Rua de São José, no Bairro Alto e na Rua de São Bento e, a outro nível, na Avenida da República e em situações secundárias da Baixa e do Chiado. A Avenida Almirante Reis, o único *ribbon* funcional de Lisboa, constitui um dos aspectos mais interessantes da geografia urbana da cidade. A sua

escala permite usufruir das qualidades de grande eixo de circulação e, simultaneamente, das de rua. As profundas modificações que se deverão operar dentro de poucos anos na área do Martim Moniz e a extensão para norte do Metropolitano darão a esta via novas forças concorrenciais na atracção de funções do centro, que um planeamento conjunto da cidade não poderá deixar de ter presente (1).

As «Áreas Anexas do Centro» constituem um território delimitado de uma forma um tanto imprecisa, particularmente a leste, mas que se diferencia quer das áreas mais centrais, quer das áreas nitidamente residenciais ou industriais. A ocupação destes territórios, onde o centro penetra numa forma esparsa e mais ou menos intensa, é do tipo misto e nunca chega a atingir uma uniformidade. Em qualquer caso, estamos em presença de áreas onde predomina a função habitacional e cuja ocupação é bastante antiga (raramente posterior a 1900). Nalguns casos tem grande importância a função industrial anexa ao centro, que é uma constante de todas as grandes cidades ocidentais e de que o Bairro Alto constitui um caso típico. As tipografias são um exemplo desta actividade industrial (fig. 6). Noutros casos são tipos especiais de comércio de retalho que invadem estas áreas; assim acontece, por exemplo, com as antiguidades: Rua D. Pedro V, Rua da Escola Politécnica, Rua de São José, Rua de Santa Marta. Nos sectores mais recentes, como nas proximidades da Praça do Chile e da Avenida Almirante Reis, desenvolve-se um comércio afim ao desta última via: mobiliário, electrodomésticos; a Rua António Pereira Carrilho constitui um bom exemplo. Chega mesmo a acontecer que uma via secundária atinja um grau elevado de especialização comercial — caso das sapatarias da Rua António Pedro. Também o comércio grossista e os armazéns (arrecadações) encontram grandes vantagens nestas áreas e aí se instalam. Outras funções que caracterizam as áreas anexas ao centro são: os pequenos escritórios ou agências de movimento reduzido; pequenas lojas sofisticadas do tipo *boutique*, bares modernos, também com certo grau de sofisticação. Nota-se, finalmente, que a pros-

(1) Ver capítulo «Relações entre a morfologia e as funções.

tituição, procurando, fora do centro, localizações de grande acessibilidade, se estende frequentemente por estas áreas.

A parte da cidade de Lisboa que fica a oeste do centro, se bem que não constitua um todo homogêneo, pode diferenciar-se nas suas linhas muito gerais da parte leste e da parte norte, particularmente se tivermos em conta as extensões suburbanas. Na realidade, se excluirmos a periferia imediata do centro, alguns dos sectores mais antigos, em particular o bairro de Alcântara, os bairros de Casas Económicas e o Vale de Alcântara, podemos considerar — e essa é a panorâmica geral — que o sector oeste de Lisboa e seus subúrbios é o sector rico da cidade. Este facto vai ter influência na localização de algumas funções de centro que estão nitidamente numa posição excêntrica. Repare-se que mesmo no passado (a partir do século XVII) essa foi a tendência e que se no século XVI, e, anteriormente, o rei tinha um palácio em Xabregas e o Vale de Chelas era procurado para repouso das famílias abastadas, a partir do século XVII, o caminho é nitidamente ocidental: palácios do Calvário, das Necessidades, da Ajuda, de Belém. O porto (Rocha do Conde de Óbidos e Alcântara), certos ministérios (Ultramar, Negócios Estrangeiros) e algumas vias recentes com grande acessibilidade (Avenida Infante Santo, Avenida Dom Carlos I) contribuíram para a localização a oeste de algumas funções de tipo central. O facto de certos quadros superiores habitarem esta área terá contribuído para que aí apareçam alguns tipos de serviços — análise de mercado, especialidades médicas (2). Mas as embaixadas e as legações diplomáticas, predominando no Bairro da Lapa, constituem o facto mais significativo da ocupação desta área por funções de tipo central ou paracentral, numa localização excêntrica (3).

A área norte de Lisboa apresenta relativamente à ocidental algumas semelhanças sociais e económicas, mas uma complexidade maior no que respeita à dinâmica funcional. Esta complexidade provém do facto de o centro não ser estático.

(2) Fenómeno idêntico se verifica no sector mais rico (Avenida de Roma) da área norte.

(3) Embora com menor intensidade, o mesmo se começa a verificar na área norte.

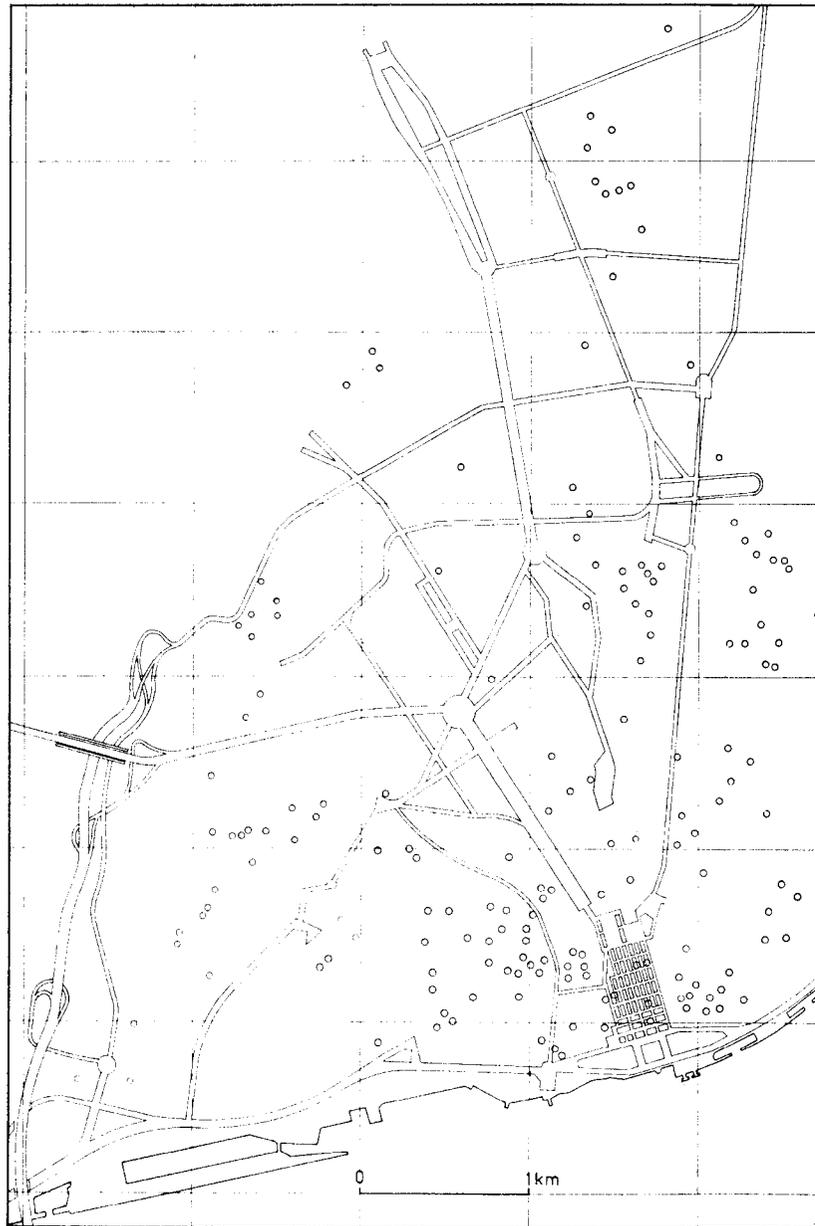


Fig. 6 — Tipografias - 1970.

Como já referimos, a tendência de expansão do centro é para norte e, assim, mesmo longe da área central já se vão sentindo as consequências deste rumo da expansão. Podemos, para melhor compreensão do fenómeno, comparar o que se está passando com outros fenómenos de difusão de natureza diferente — a difusão de fenómenos biológicos, por exemplo, ou a onda de colonização de um vasto território virgem. Na realidade, a norte de Lisboa encontram-se autênticos focos, eixos e frentes pioneiras da expansão do centro. As Avenidas Novas podem considerar-se a última frente consolidada. A Fundação Calouste Gulbenkian (associada à Praça de Espanha) poderá vir a ser um foco pioneiro. Mas a tornar este sistema mais complexo aparecem o carácter sócio-económico da população residente e o alto grau de acessibilidade de algumas vias. Se o primeiro facto é menos determinante, que a oeste, na localização de algumas funções típicas do centro, já o segundo (vias) tem muito mais força a norte.

A área oriental da cidade, que se continua pelos subúrbios industriais que marginam o rio Tejo, pode considerar-se a área pobre. As características sócio-económicas da sua população, a dominância da indústria e também, em certa medida, a fraca acessibilidade às novas áreas centrais, fazem com que raríssimas empresas fujam ao centro buscando aí um local para o exercício da sua actividade. Como se pode verificar ao longo da nossa documentação cartográfica, a leste da Baixa e da Avenida Almirante Reis existe um vazio quase total no que respeita a localização de funções terciárias de escalão mais elevado. Duas únicas excepções: a localização de alguns organismos centrais da administração pública e elevado número de despachantes. A primeira é dominada pelo Ministério do Exército (Museu de Artilharia, Estado Maior do Exército e outros no Campo de Santa Clara); a segunda não chega realmente a ser uma excepção, pois representa melhor uma extensão (quase contínua) do centro para leste, através da zona portuária (fig. 5).

*MOVIMENTO NA LOCALIZAÇÃO DE ALGUMAS FUNÇÕES CENTRAIS DURANTE O SÉCULO XX EM LISBOA*

A segunda parte deste capítulo é constituída por uma série de quadros estatísticos <sup>(10)</sup>, que acompanhados da respectiva cartografia dispensam um comentário extenso. Da leitura destes quadros e mapas sobressai duma forma bem nítida a dinâmica do centro de Lisboa durante o século XX. Como factos mais salientes temos:

- a — Uma grande expansão da área central da cidade;
- b — Uma nítida expansão para norte;
- c — O desenvolvimento de áreas especializadas dentro da área central;
- d — A continuação do movimento expansivo para norte;
- e — A manutenção de algumas e o aparecimento de outras actividades terciárias de tipo central nalguns sectores da área a oeste do centro;
- f — A inércia total da área da cidade a leste do centro.

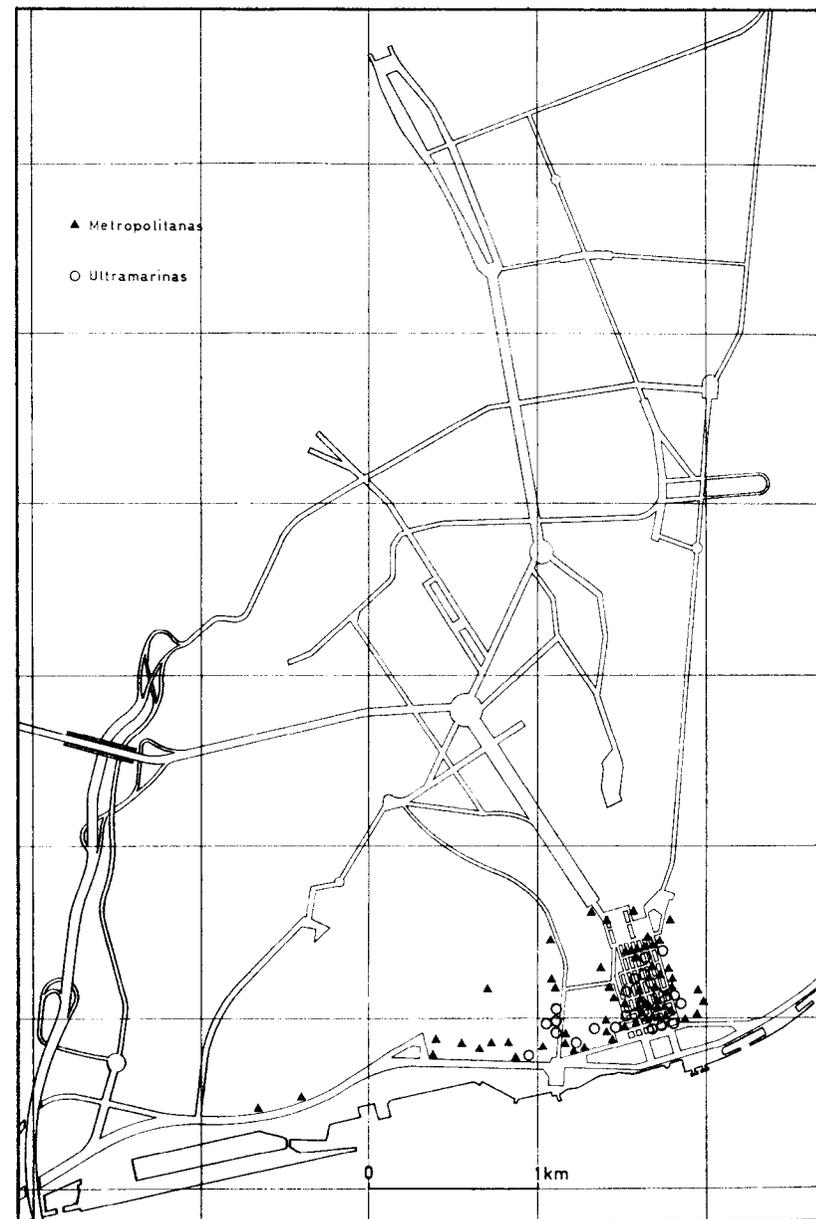


Fig. 7 — Escritórios de companhias — 1900.

<sup>(10)</sup> Nos quadros estatísticos que se seguem, a grande variação dos valores absolutos nos vários anos deve-se ao facto de as amostragens que conseguimos obter serem diferentes. Os elementos foram colhidos em almanaques e anuários comerciais, bem como em listas telefónicas.

## ESCRITÓRIOS DE COMPANHIAS METROPOLITANAS

	1900	1922	1940	1950	1960	1970
Baixa-Chiado .....	43	90	72	69	28	32
Cais do Sodré .....	6	36	16	22	9	11
Marquês-Avenida .....	—	3	8	20	25	34
Avenidas Novas .....	—	—	1	—	6	21
Almirante Reis .....	—	2	3	2	1	3
Áreas Anexas do Centro	3	15	8	9	8	7
Norte .....	—	—	4	4	1	5
Leste .....	4	13	9	8	1	2
Oeste .....	9	5	10	13	8	12
<i>Total</i> .....	65	164	131	147	87	127

## ESCRITÓRIOS DE COMPANHIAS ULTRAMARINAS

	1900	1922	1940	1950	1960	1970
Baixa-Chiado .....	18	45	32	32	24	20
Cais do Sodré .....	6	8	2	2	2	2
Marquês-Avenida .....	—	—	—	1	3	11
Avenidas Novas .....	—	—	—	1	1	4
Almirante Reis .....	—	1	—	—	—	1
Áreas Anexas do Centro	—	—	1	2	2	2
Norte .....	—	1	1	1	1	1
Leste .....	—	2	6	2	1	2
Oeste .....	—	—	—	1	4	7
<i>Total</i> .....	24	57	42	42	38	50

Note-se a maior dinâmica locativa das empresas metropolitanas. O facto de estas se localizarem predominantemente na Baixa e em elevada percentagem na parte ocidental da cidade, poderá ter relação com o porto.

## ESCRITÓRIOS DE COMPANHIAS METROPOLITANAS

Áreas	1900	1922	1940	1950	1960	1970
Baixa-Chiado .....	65,79	58,50	54,72	55,20	31,92	24,96
Cais do Sodré ....	9,18	16,90	12,16	17,60	10,26	8,58
Marquês-Avenida .....	—	1,95	6,08	16,00	28,50	26,52
Avenidas Novas .....	—	—	0,76	—	6,84	16,38
Almirante Reis .....	—	1,30	2,28	1,60	1,14	2,34
Áreas Anexas do Centro	4,59	9,75	6,08	7,20	9,12	5,46
Norte .....	—	—	3,04	3,20	1,14	3,90
Leste .....	6,12	8,45	6,84	4,60	1,14	1,56
Oeste .....	13,77	3,25	7,60	10,40	9,12	9,36
<i>Total</i> .....	100	100	100	100	100	100

## ESCRITÓRIOS DE COMPANHIAS ULTRAMARINAS

Áreas	1900	1922	1940	1950	1960	1970
Baixa-Chiado .....	75,04	78,75	76,16	76,16	63,12	40,00
Cais do Sodré .....	24,96	14,00	4,76	4,76	5,26	4,00
Marquês-Avenida .....	—	—	—	2,38	7,89	22,00
Avenidas Novas .....	—	—	—	2,38	2,63	8,00
Almirante Reis .....	—	1,75	—	—	—	2,00
Áreas Anexas do Centro	—	—	2,38	4,76	5,26	4,00
Norte .....	—	1,75	2,38	2,38	2,63	2,00
Leste .....	—	3,50	14,28	4,76	2,63	4,00
Oeste .....	—	—	—	2,38	10,52	14,00
<i>Total</i> .....	100	100	100	100	100	100

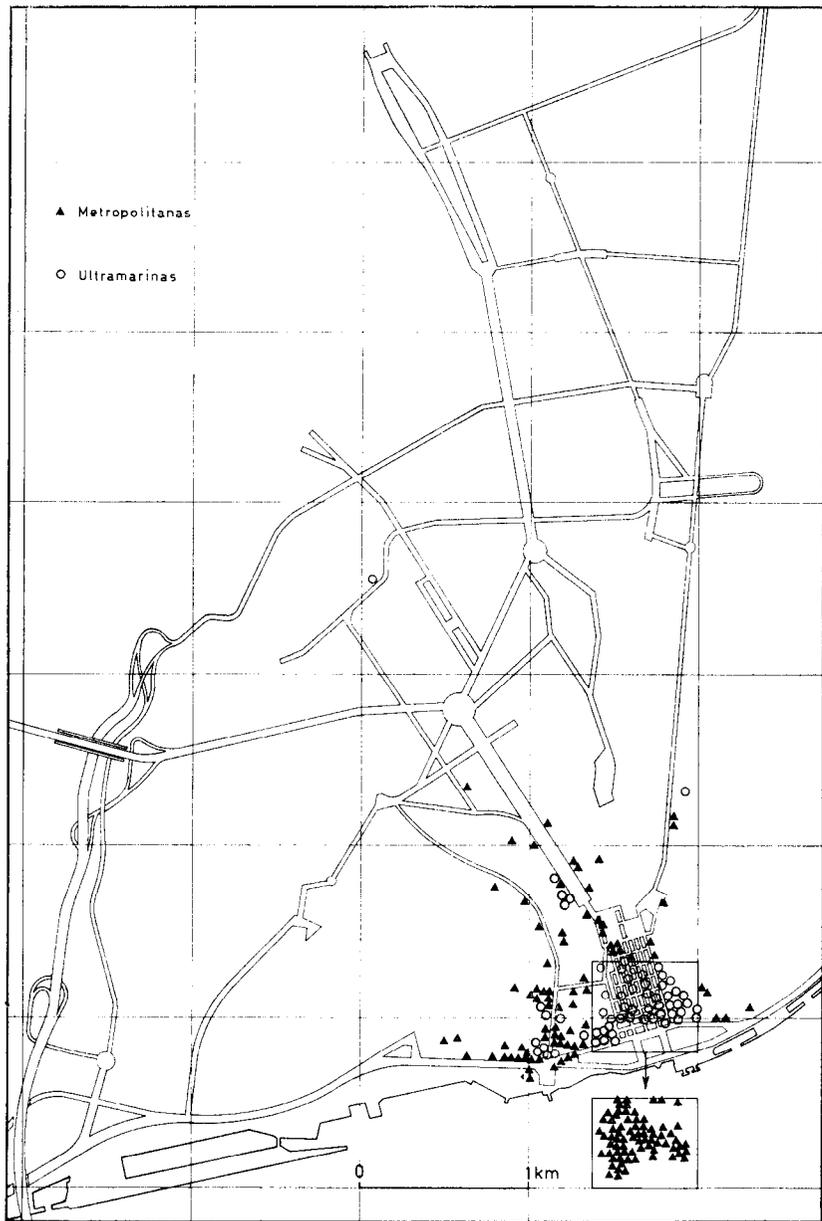


Fig. 8 — Escritórios de companhias — 1922.

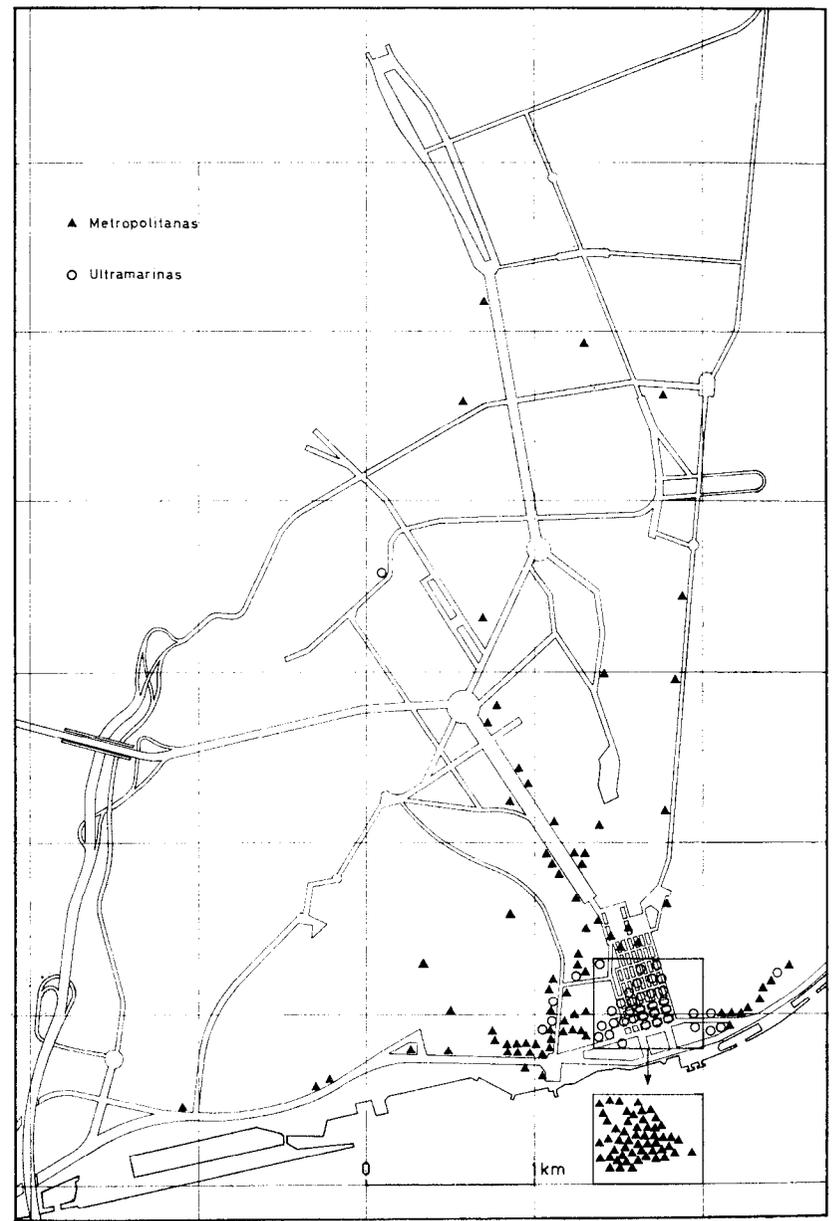


Fig. 9 — Escritórios de companhias — 1940.

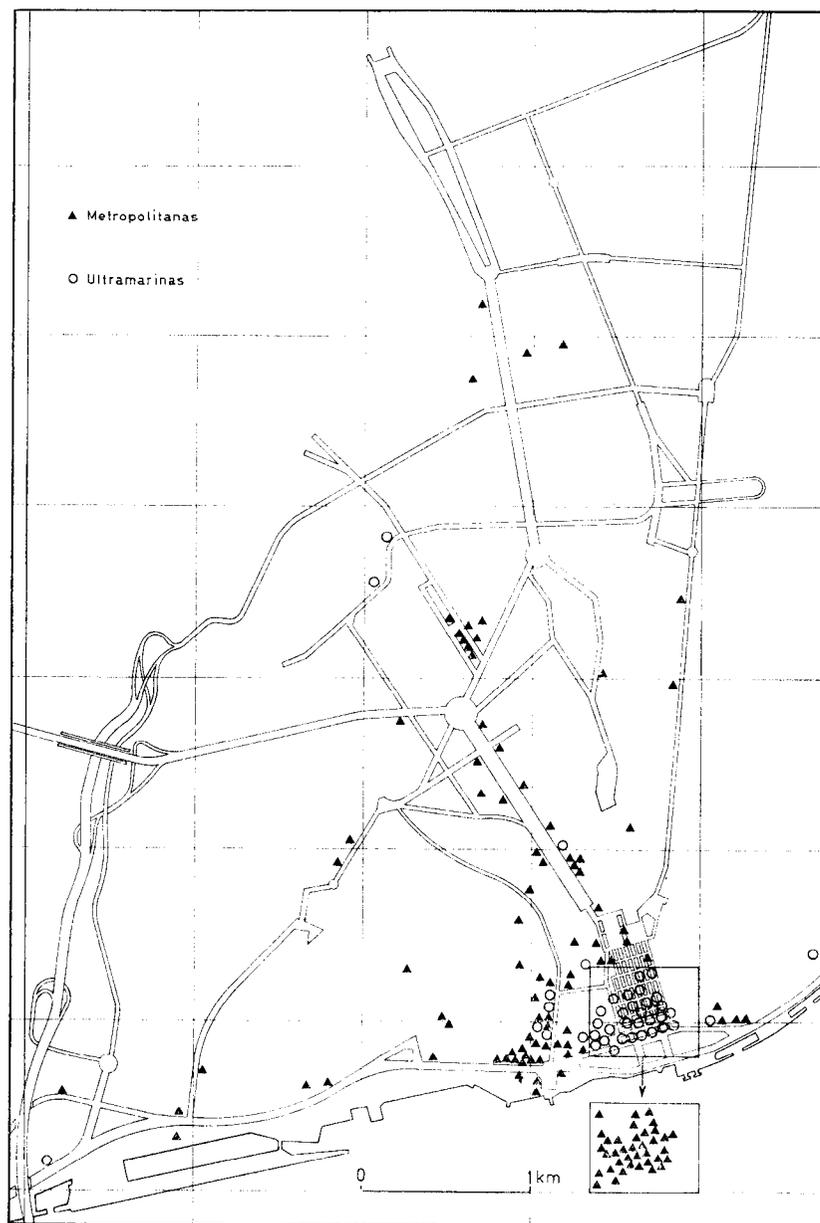


Fig. 10 — Escritórios de companhias — 1950.

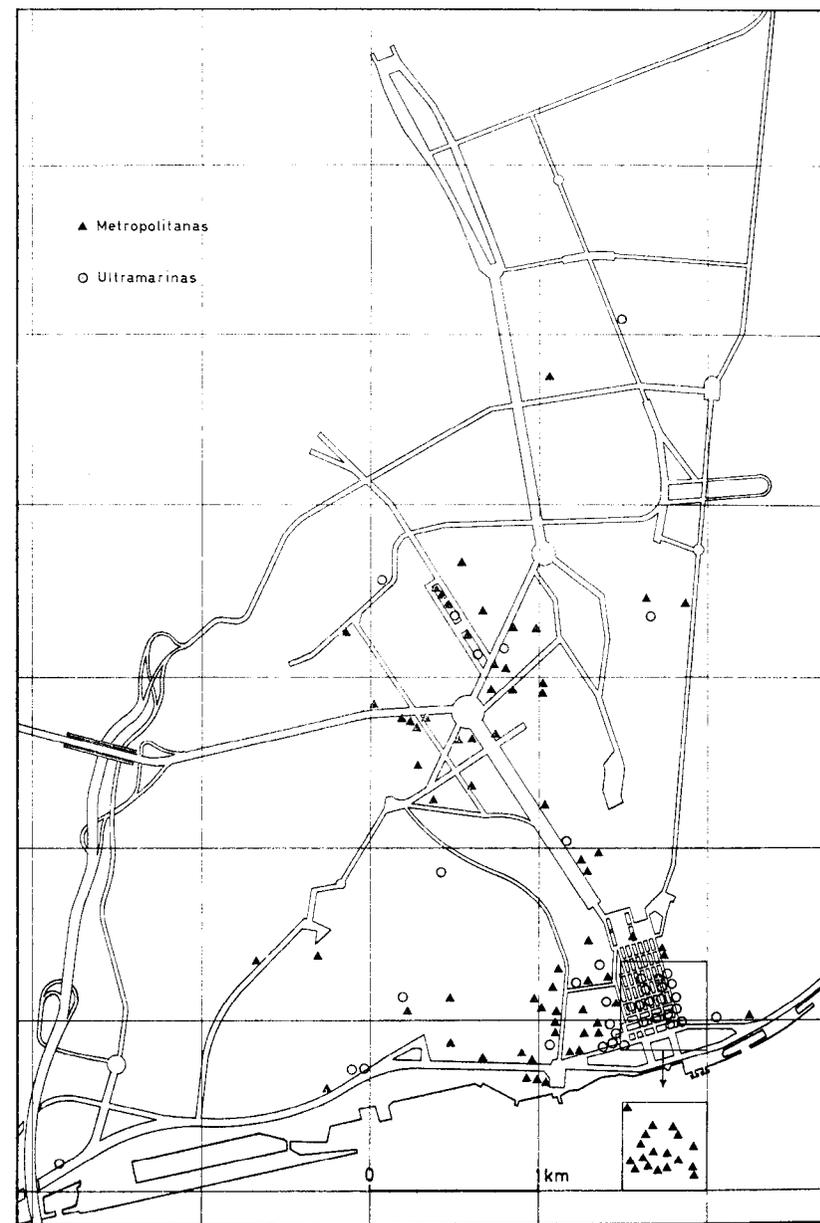


Fig. 11 — Escritórios de companhias — 1960.

*Tendências Gerais de Evolução do Terciário Superior em Lisboa*  
(segundo FRANÇOIS BENHAMOU)

Período 1958-1968

Estabelecimentos que mudaram de localização: 65,2 %  
Estabelecimentos que não mudaram de localização: 34,8 %

Áreas	Movimento a favor de...	Variação do número de estabelecimentos
Baixa .....	16,7 %	- 50 %
Marquês de Pombal .....	51,4 %	+ 125 %
Avenidas Novas .....	9,7 %	+ 25 %
Outras .....	22,2 %	
<i>Total</i> .....	100 %	—

*Localização das Sedes de Sociedades em Lisboa, 1958-1968*  
(segundo FRANÇOIS BENHAMOU)

Áreas	1958	1968
Baixa-Chiado e periferias .....	58,3 %	28,4 %
Marquês-Avenidas Novas .....	33,3 %	54,0 %
Outras .....	8,3 %	17,9 %

Adaptado de FRANÇOIS BENHAMOU, *Étude Géographique du Tertiaire Supérieur à Lisbonne*, Paris 1969, pág. 111 a 128.

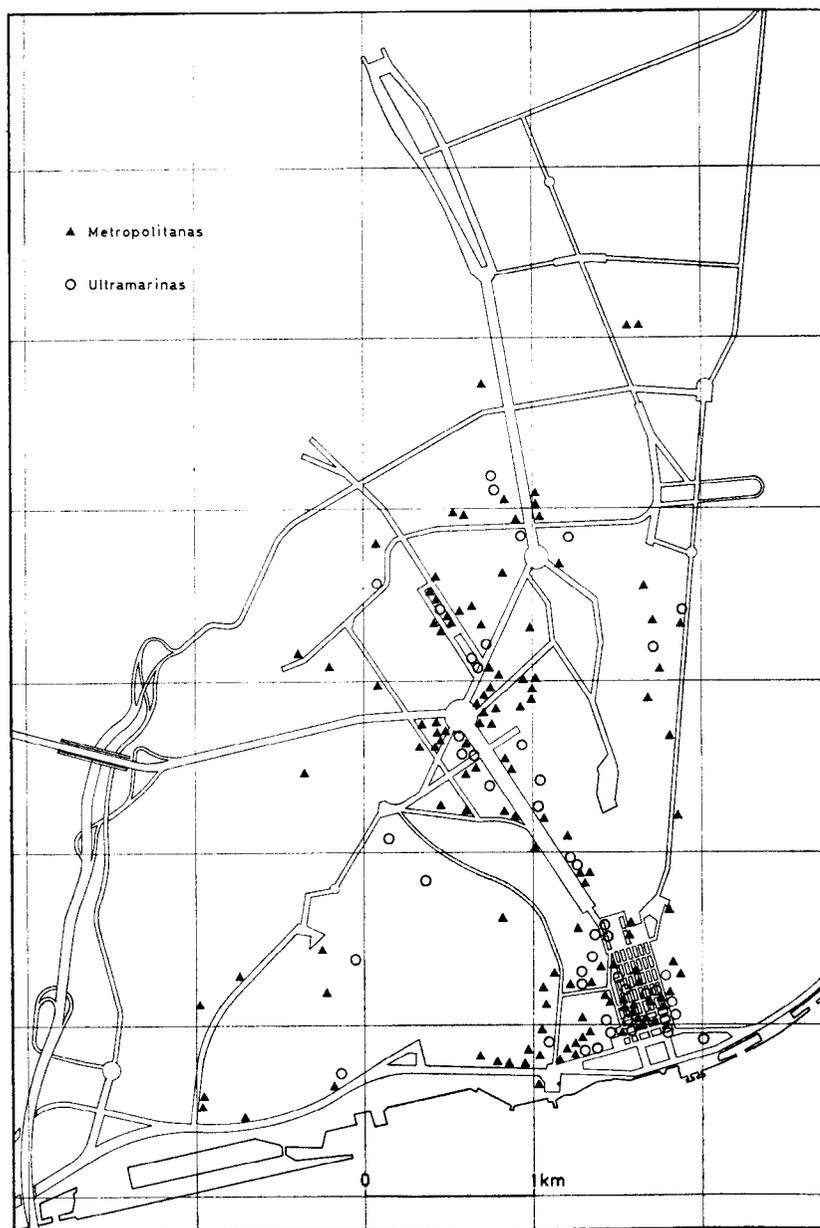


Fig. 12 — Escritórios de companhias — 1970.

*Localização das Sociedades de Serviços, 1965-1968*  
(segundo FRANÇOIS BENHAMOU)

Áreas	1965	1968
Baixa-Chiado e periferias .....	40 %	14,1 %
Marquês, Avenidas Novas e Norte .....	40 %	73,7 %
Outras .....	20 %	12,1 %

Adaptado de FRANÇOIS BENHAMOU, *Étude Géographique du Tertiaire Supérieur à Lisbonne*, Paris 1969, pág. 111 a 128.

*Localização das Especialidades Médicas, 1958-1968*  
(segundo FRANÇOIS BENHAMOU)

Áreas	1958	1968
Baixa-Chiado e periferias .....	50 %	19,2 %
Marquês, Avenidas Novas e Norte .....	27 %	62,8 %
Outras .....	23 %	17,9 %

Adaptado de FRANÇOIS BENHAMOU, *Étude Géographique du Tertiaire Supérieur à Lisbonne*, Paris 1969, pág. 130-131.

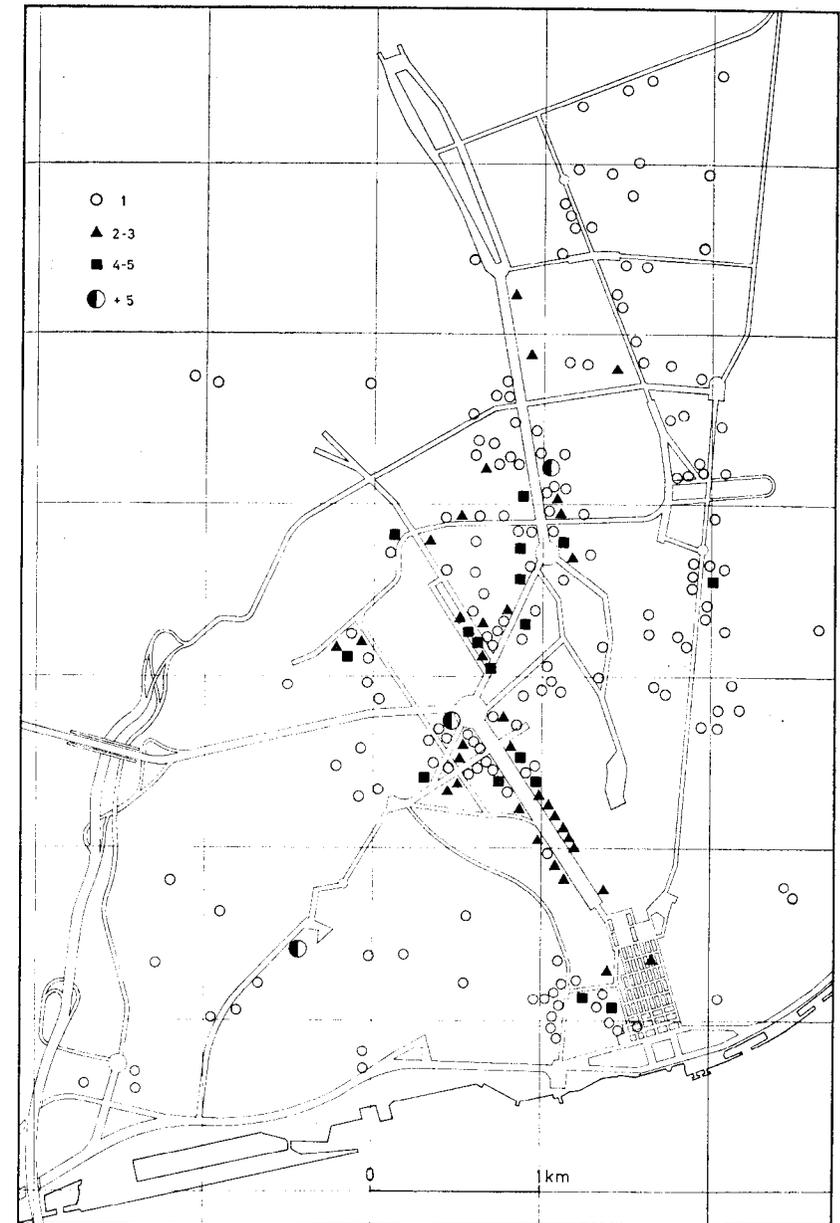


Fig. 13 — Especialistas médicos — 1970.

## COMPANHIAS DE SEGUROS

Áreas	1900	1922	1940	1950	1960	1970
Baixa-Chiado .....	7	45	28	32	32	24
Cais do Sodré .....	1	5	8	10	6	5
Marquês-Avenida .....	—	—	1	6	11	15
Avenidas Novas .....	—	—	—	—	—	2
Almirante Reis .....	—	—	—	—	—	—
Áreas Anexas do Centro	—	5	2	1	1	1
Norte .....	—	—	—	—	—	—
Leste .....	—	2	2	1	2	—
Oeste .....	—	1	—	—	—	—
<i>Total</i> .....	8	58	41	50	52	47

## COMPANHIAS DE NAVEGAÇÃO

Áreas	1900	1922	1940	1950	1960	1970
Baixa-Chiado .....	6	6	6	4	6	4
Cais do Sodré .....	7	12	14	15	9	12
Marquês-Avenida .....	—	—	—	—	—	—
Avenidas Novas .....	—	—	—	—	—	—
Almirante Reis .....	—	—	—	—	—	—
Áreas Anexas do Centro	—	—	—	—	—	—
Norte .....	—	—	—	—	—	—
Leste .....	1	1	2	1	2	1
Oeste .....	—	—	—	1	—	1
<i>Total</i> .....	14	19	22	21	17	18

As companhias de seguros, muito relacionadas com os bancos e com as companhias de navegação, mantiveram-se até muito tarde na Baixa-Chiado. Actualmente sobem para norte do Marquês de Pombal.

As companhias de navegação localizam-se em sectores da cidade próximos das áreas portuárias.

## COMPANHIAS DE SEGUROS

Áreas	1900	1922	1940	1950	1960	1970
Baixa-Chiado .....	87,50	77,40	68,29	64,00	61,44	50,88
Cais do Sodré .....	12,50	8,60	19,51	20,00	11,52	10,60
Marquês-Avenida .....	—	—	2,43	12,00	21,12	31,80
Avenidas Novas .....	—	—	—	—	—	4,24
Almirante Reis .....	—	—	—	—	—	—
Áreas Anexas do Centro	—	8,6	4,87	2,00	1,92	2,12
Norte .....	—	—	—	—	—	—
Leste .....	—	3,44	4,87	2,00	3,84	—
Oeste .....	—	1,72	—	—	—	—
<i>Total</i> .....	100	100	100	100	100	100

## COMPANHIAS DE NAVEGAÇÃO

Áreas	1900	1922	1940	1950	1960	1970
Baixa-Chiado .....	42,84	31,56	27,24	19,04	35,28	22,80
Cais do Sodré .....	49,98	63,12	63,56	71,40	59,92	66,60
Marquês-Avenida .....	—	—	—	—	—	—
Avenidas Novas .....	—	—	—	—	—	—
Almirante Reis .....	—	—	—	—	—	—
Áreas Anexas do Centro	—	—	—	—	—	—
Norte .....	—	—	—	—	—	—
Leste .....	7,14	5,26	9,08	4,76	11,76	5,55
Oeste .....	—	—	—	4,76	—	5,55
<i>Total</i> .....	100	100	100	100	100	100

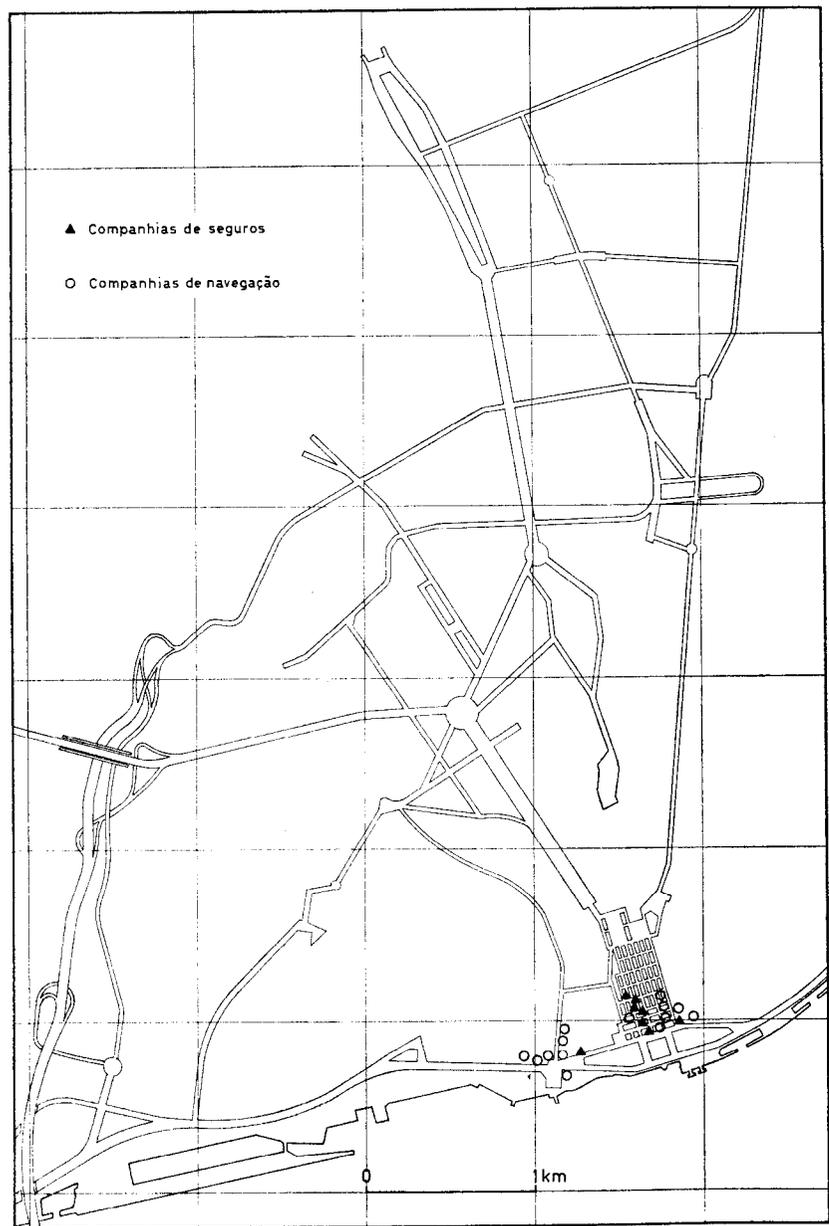


Fig. 14 - Companhias de seguros e companhias de navegação — 1900.

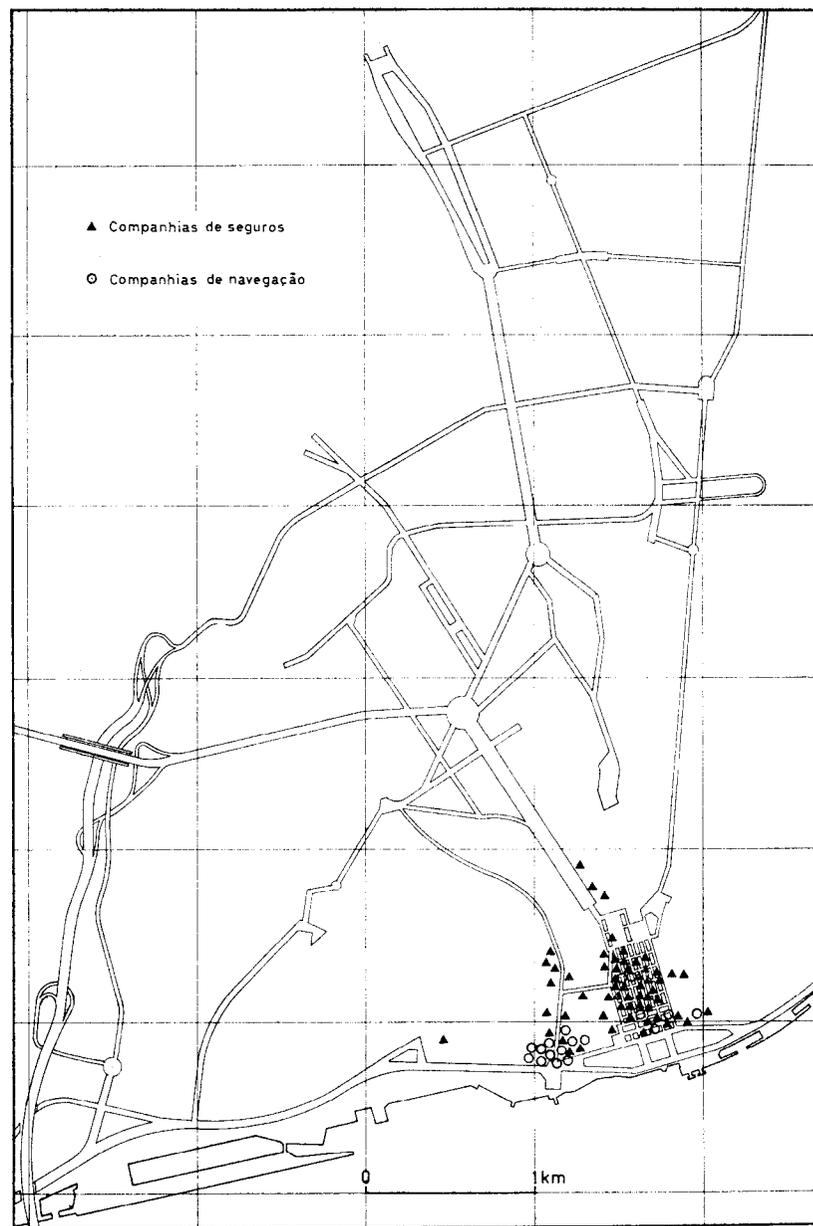


Fig. 15 — Companhias de seguros e companhias de navegação — 1922.

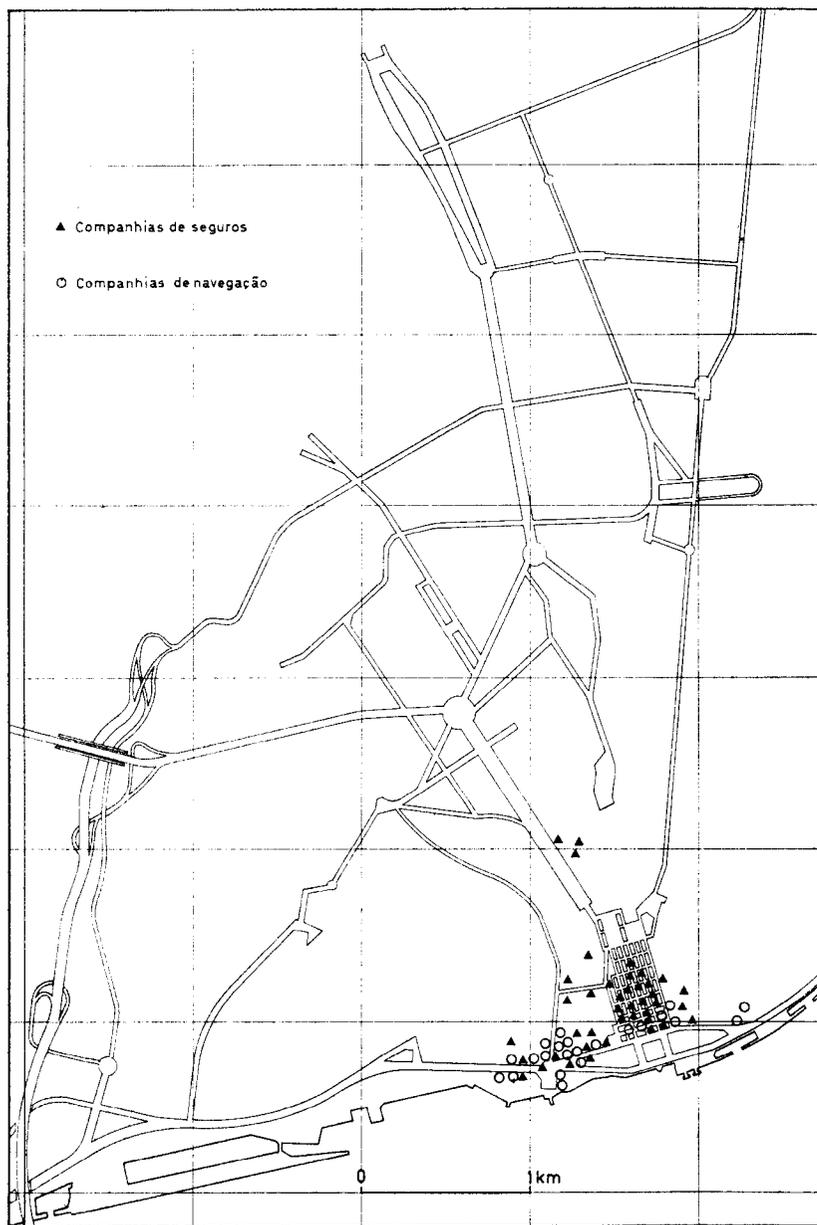


Fig. 16 — Companhias de seguros e companhias de Navegação — 1940.

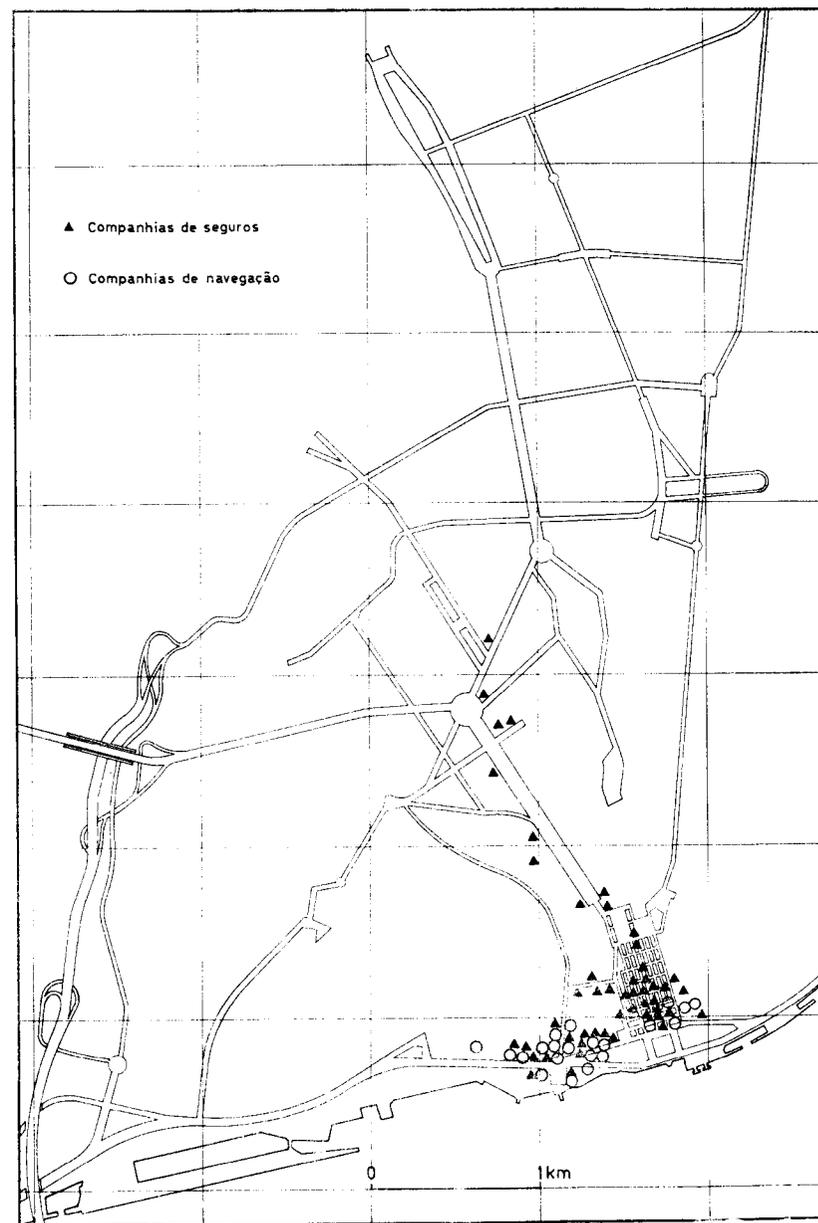


Fig. 17 — Companhias de seguros e companhias de navegação — 1950.

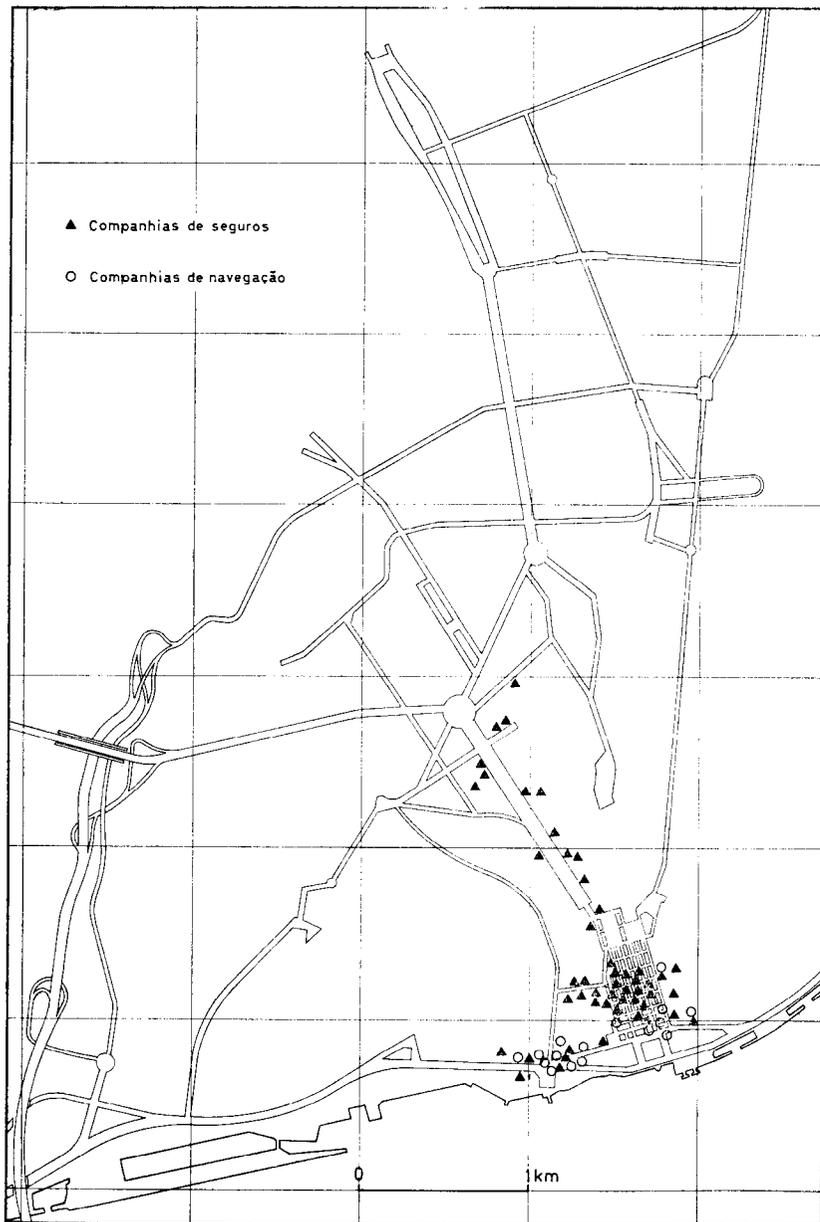


Fig. 18 — Companhias de seguros e companhias de navegação — 1960.

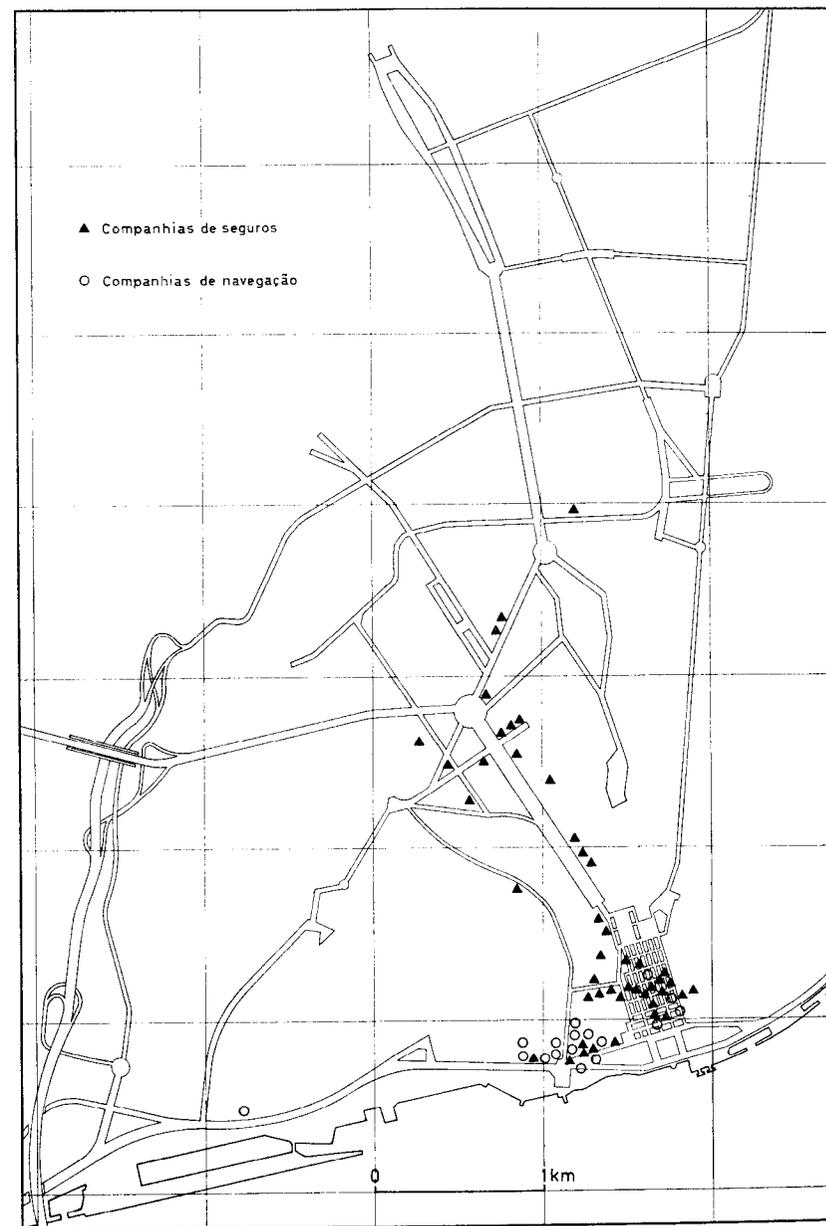


Fig. 19 — Companhias de seguros e companhias de navegação — 1970.

## MINISTÉRIOS, SECRETARIAS E SUBSECRETARIAS DE ESTADO

Áreas	1902	1922	1940	1951	1965	1970
Baixa-Chiado .....	7	11	10	11	16	16
Cais do Sodré .....	—	—	—	—	—	—
Marquês-Avenida .....	—	—	—	—	1	1
Avenidas Novas .....	—	—	—	—	—	—
Almirante Reis .....	—	—	—	—	—	—
Áreas Anexas do Centro	—	—	1	1	3	3
Norte .....	—	—	—	—	—	2
Leste .....	—	—	—	—	—	—
Oeste .....	—	1	2	3	4	6
<i>Total</i> .....	7	12	13	15	24	29

## ORGANISMOS CENTRAIS DOS MINISTÉRIOS

Áreas	1902	1922	1940	1951	1965	1970
Baixa-Chiado .....	46	38	43	32	37	27
Cais do Sodré .....	—	2	2	1	—	2
Marquês-Avenida .....	—	—	1	12	24	21
Avenidas Novas .....	—	—	1	4	9	17
Almirante Reis .....	—	—	—	—	—	—
Áreas Anexas do Centro	4	5	13	13	21	24
Norte .....	—	—	4	5	14	22
Leste .....	7	11	11	9	15	19
Oeste .....	3	4	9	13	17	30
<i>Total</i> .....	60	60	84	89	137	162

Embora mais lenta, a dinâmica locativa da administração pública é semelhante à da administração privada. Evidencia-se uma maior dispersão, com larga incidência em áreas pouco centrais, o que se explica em grande medida pelo facto de a eficiência dos serviços públicos não depender tanto da

## MINISTÉRIOS, SECRETARIAS E SUBSECRETARIAS DE ESTADO

Áreas	1902	1922	1940	1951	1965	1970
Baixa-Chiado .....	100	91,63	76,9	73,26	66,56	55,04
Cais do Sodré .....	—	—	—	—	—	—
Marquês-Avenida .....	—	—	—	—	4,16	3,44
Avenidas Novas .....	—	—	—	—	—	—
Almirante Reis .....	—	—	—	—	—	—
Áreas Anexas do Centro	—	—	7,69	6,66	12,48	10,32
Norte .....	—	—	—	—	—	6,88
Leste .....	—	—	—	—	—	3,44
Oeste .....	—	8,37	15,38	19,93	16,64	20,64
<i>Total</i> .....	100	100	100	100	100	100

## ORGANISMOS CENTRAIS DOS MINISTÉRIOS

Áreas	1902	1922	1940	1951	1960	1970
Baixa-Chiado .....	74,78	63,08	51,17	35,84	28,86	16,47
Cais do Sodré .....	—	3,32	2,38	1,12	—	1,12
Marquês-Avenida .....	—	—	1,19	13,44	18,72	12,81
Avenidas Novas .....	—	—	1,19	4,48	7,02	10,37
Almirante Reis .....	—	—	—	—	—	—
Áreas Anexas do Centro	6,52	8,30	15,47	16,90	16,38	14,64
Norte .....	—	—	4,76	5,60	10,92	13,42
Leste .....	11,40	18,26	13,09	10,08	11,70	11,59
Oeste .....	4,89	6,64	10,71	16,90	13,26	18,30
<i>Total</i> .....	100	100	100	100	100	100

«clientela» como depende a dos privados. Note-se, todavia, que embora se não contabilizem, pela reduzida acessibilidade deste sector, os prejuízos de uma localização menos apropriada de alguns organismos públicos podem ser elevados.

## ORGANISMOS CORPORATIVOS

Áreas	1940	1951	1965	1970
Baixa-Chiado .....	18	18	13	11
Cais do Sodré .....	3	1	2	5
Marquês-Avenida .....	9	16	21	26
Avenidas Novas .....	—	—	5	12
Almirante Reis .....	—	1	1	1
Áreas Anexas do Centro .....	2	6	12	5
Norte .....	—	—	1	4
Leste .....	1	—	—	1
Oeste .....	2	4	4	9
<i>Total</i> .....	35	46	59	74

Áreas	1940	1951	1965	1970
Baixa-Chiado .....	51,30	39,06	21,58	14,85
Cais do Sodré .....	8,55	2,17	3,32	6,75
Marquês-Avenida .....	25,65	34,72	34,86	35,10
Avenidas Novas .....	—	—	8,30	16,20
Almirante Reis .....	—	2,17	1,66	1,35
Áreas Anexas do Centro .....	5,70	13,02	19,92	6,75
Norte .....	—	—	1,66	5,40
Leste .....	2,85	—	—	1,35
Oeste .....	5,70	8,68	6,64	12,15
<i>Total</i> .....	100	100	100	100

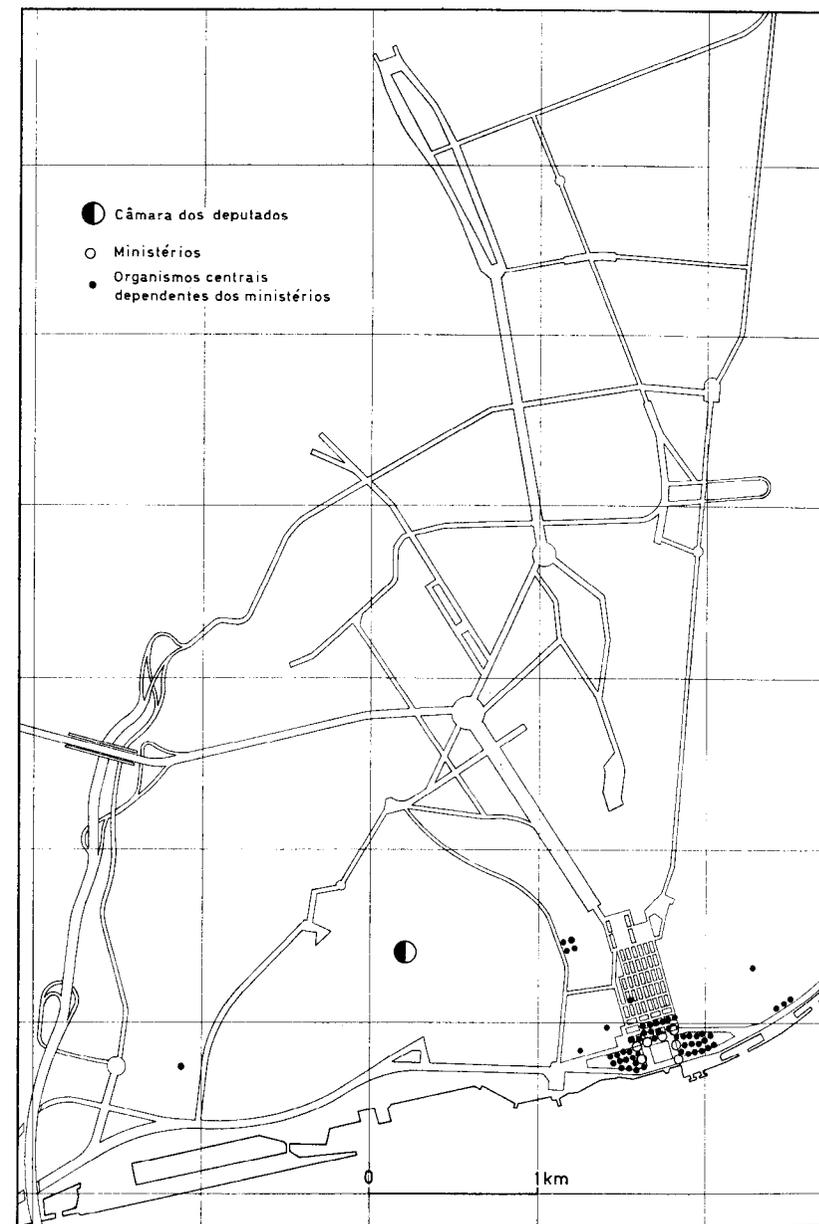


Fig. 20 — Administração central — 1902.

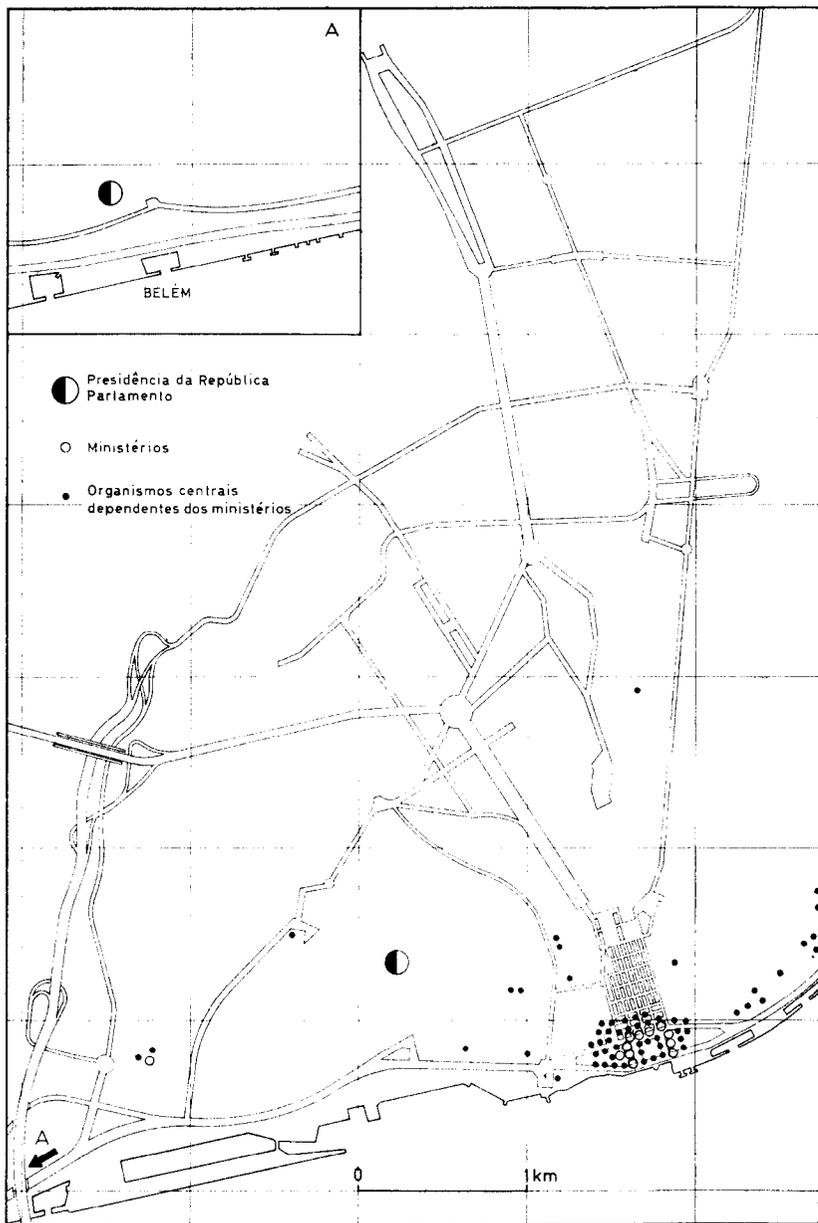


Fig. 21 — Administração central — 1922.

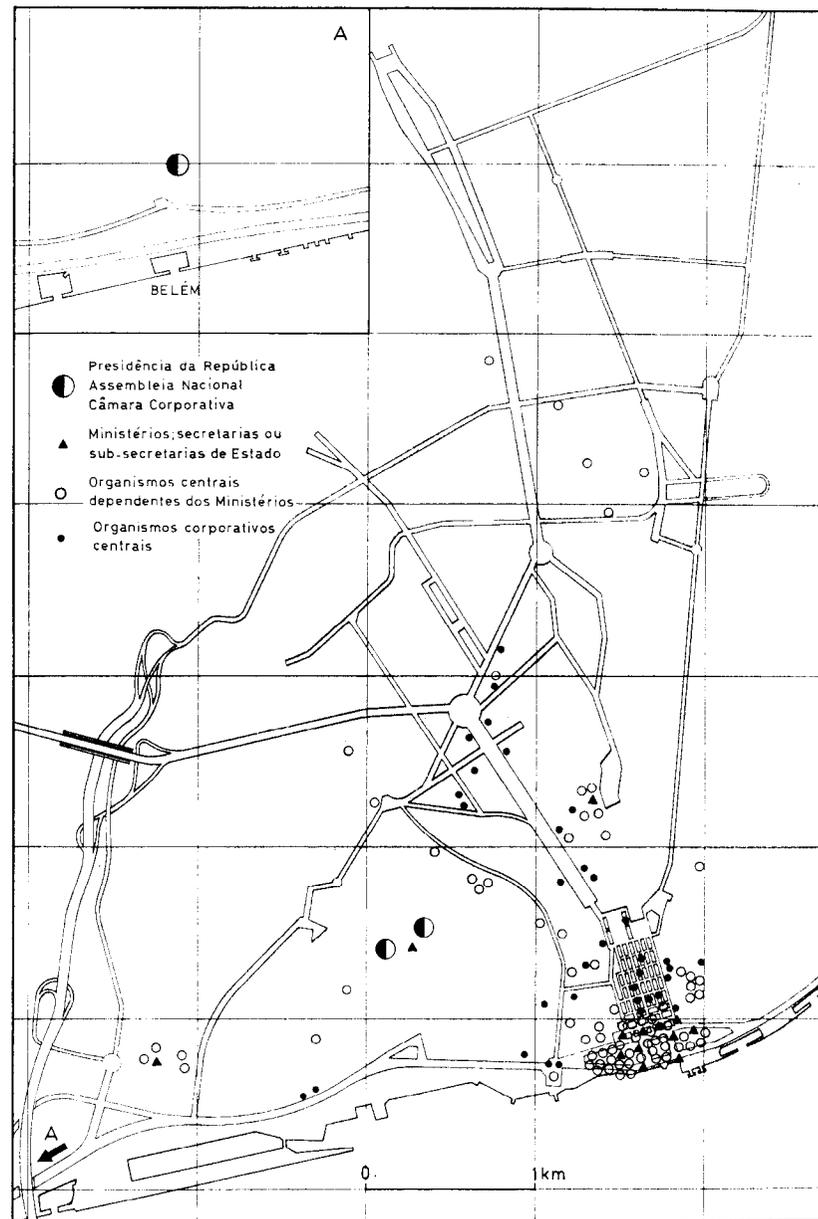


Fig. 22 — Administração central — 1940.

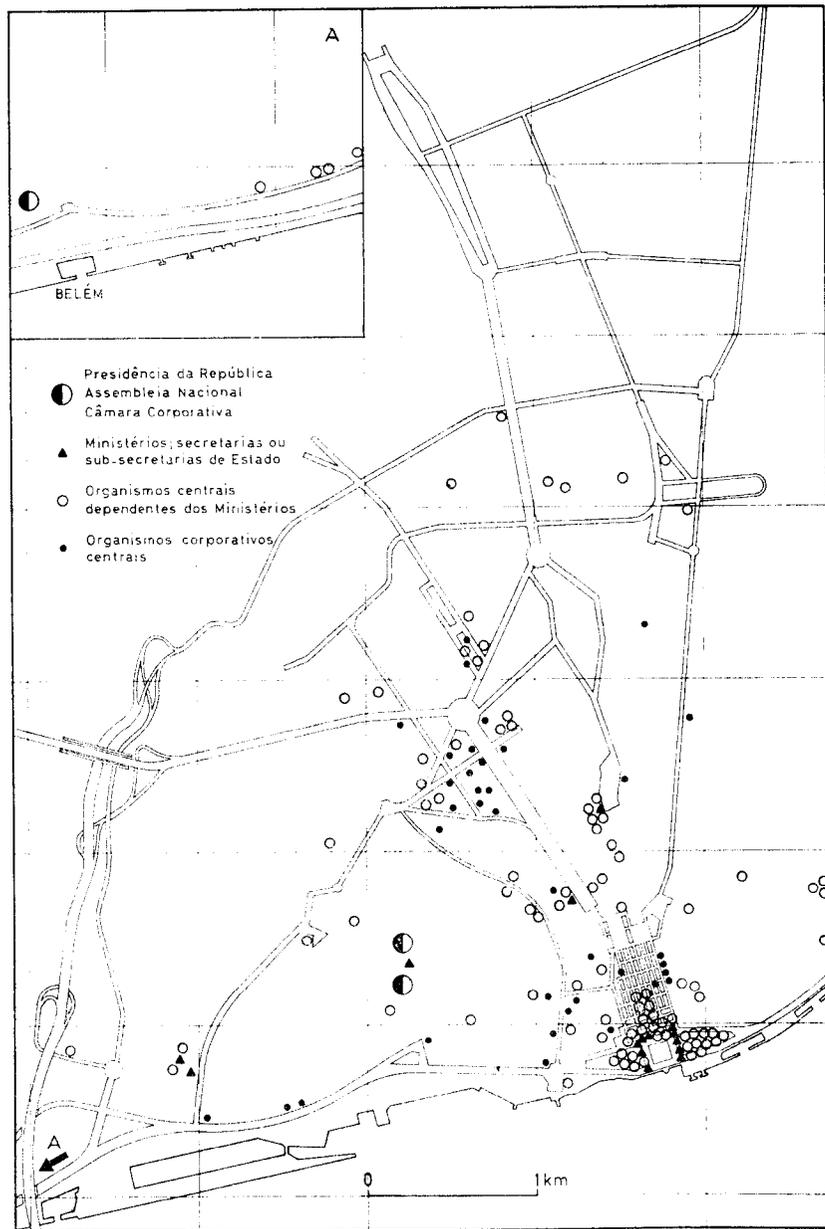


Fig. 23 — Administração central — 1951.

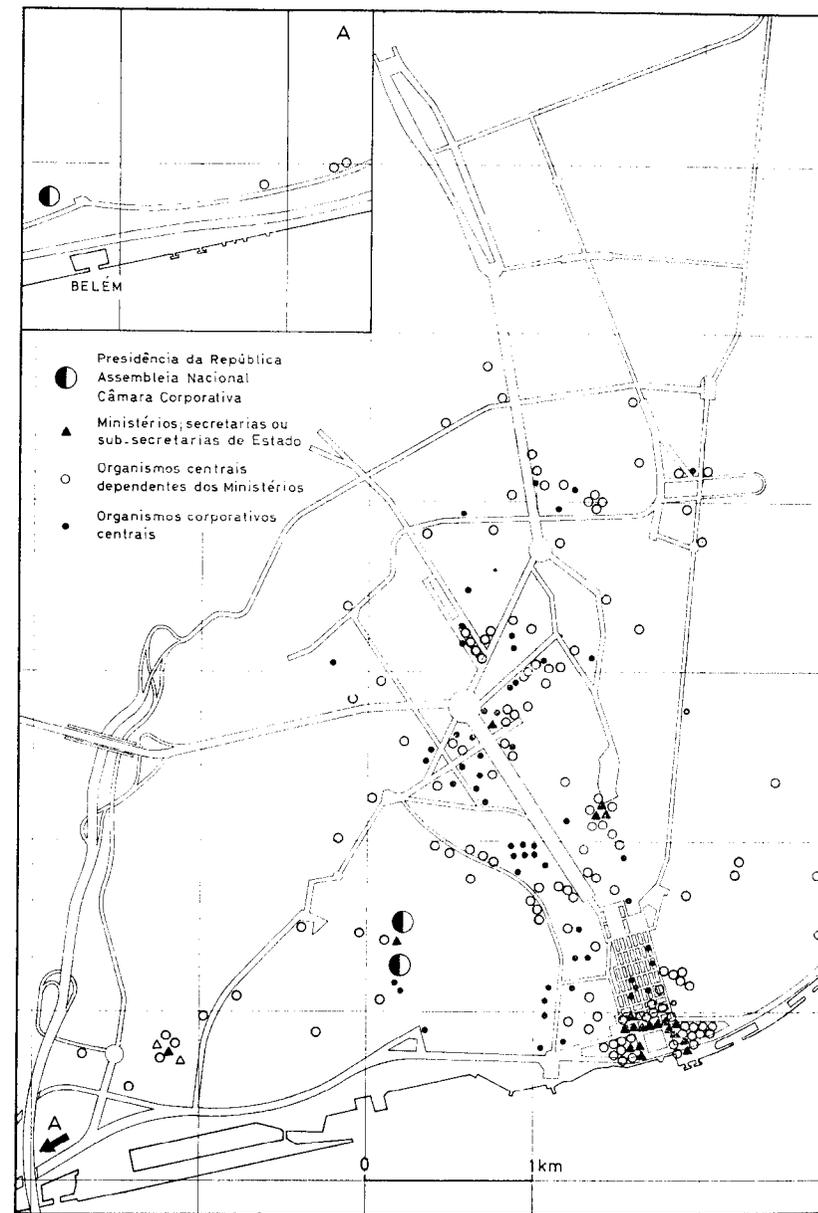


Fig. 24 — Administração central — 1965.

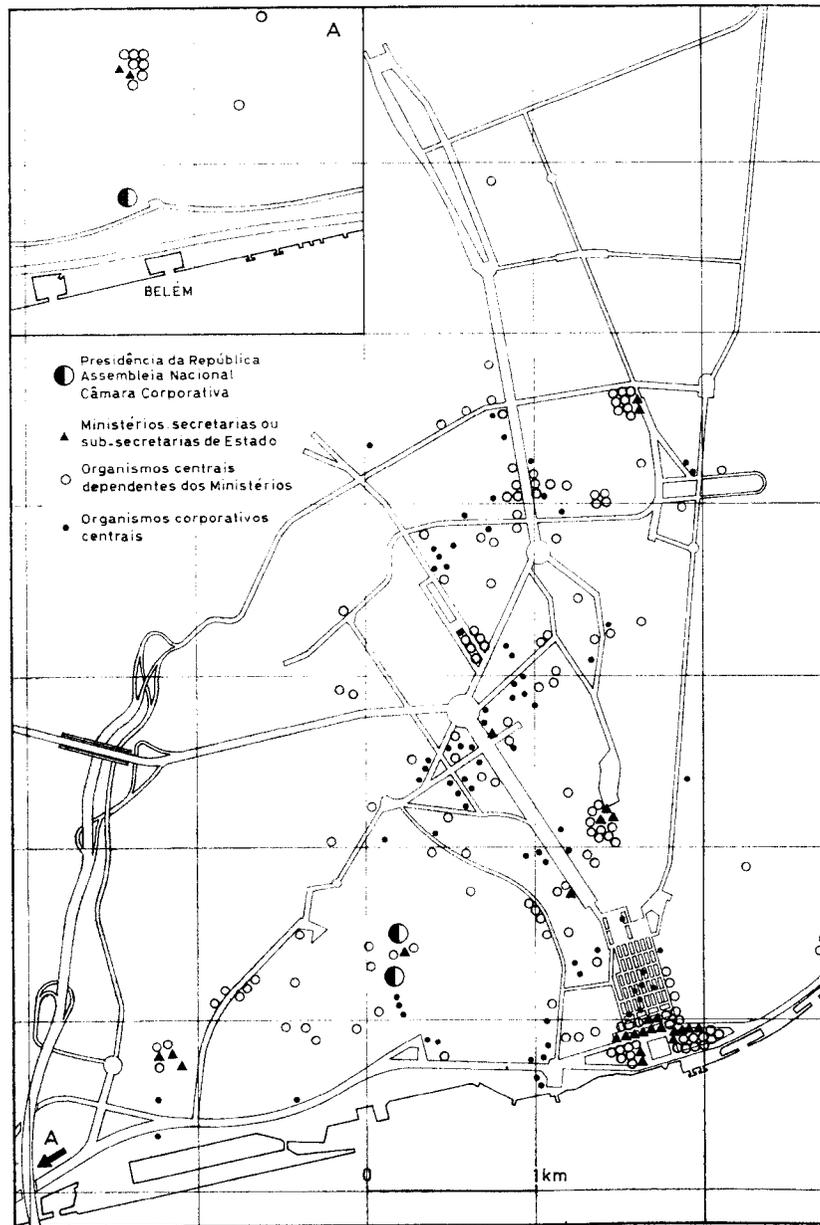


Fig. 25 — Administração central — 1970.

## HOTEIS

Áreas	1902	1924	1948	1960	1970
Baixa-Chiado .....	8	15	13	10	14
Cais do Sodré .....	4	—	1	1	1
Marquês-Avenida .....	—	1	6	13	22
Avenidas Novas .....	—	—	1	2	5
Almirante Reis .....	—	—	—	—	—
Áreas Anexas do Centro ....	—	1	—	2	1
Norte .....	—	—	—	—	2
Leste .....	—	—	—	—	1
Oeste .....	—	—	—	1	1
<i>Total</i> .....	12	17	21	29	47

Áreas	1902	1924	1948	1960	1970
Baixa-Chiado .....	66,64	88,20	61,88	34,40	29,68
Cais do Sodré .....	33,32	—	4,76	3,44	2,12
Marquês-Avenida .....	—	5,88	28,56	44,72	46,64
Avenidas Novas .....	—	—	4,76	6,88	10,60
Almirante Reis .....	—	—	—	—	—
Áreas Anexas do Centro ....	—	5,88	—	6,88	2,12
Norte .....	—	—	—	—	4,24
Leste .....	—	—	—	—	2,12
Oeste .....	—	—	—	3,44	2,12
<i>Total</i> .....	100	100	100	100	100

Se apresentássemos os valores dos quartos disponíveis e sobretudo de quartos modernos, o domínio da área Marquês-

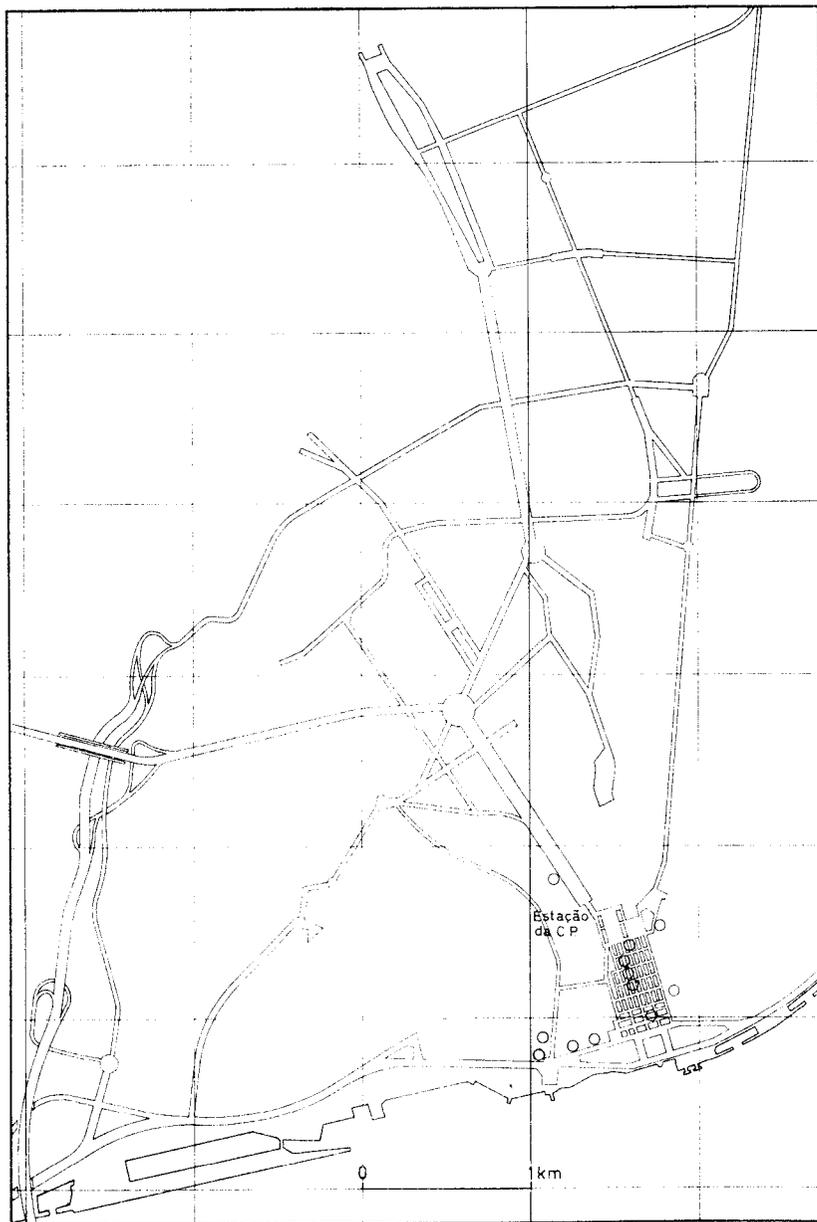


Fig. 26 — Hotéis — 1902.

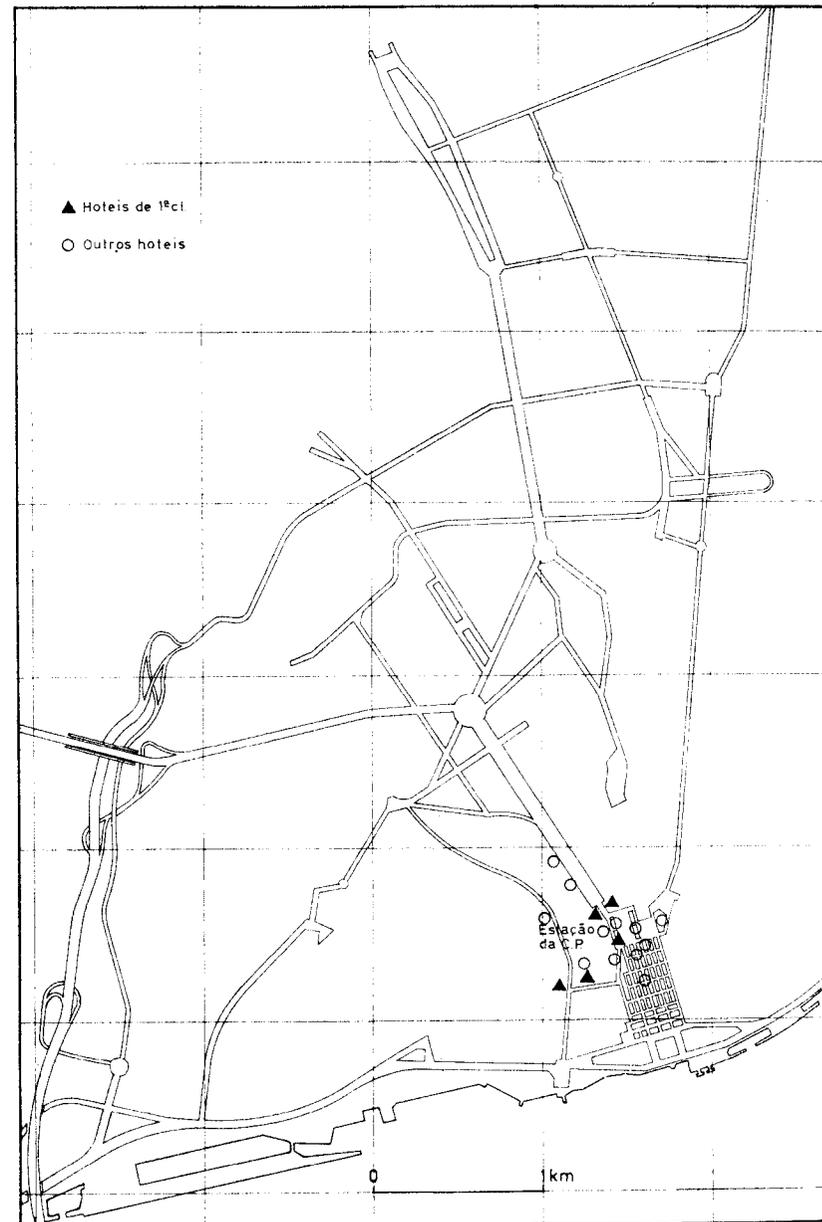


Fig. 27 — Hotéis — 1924.

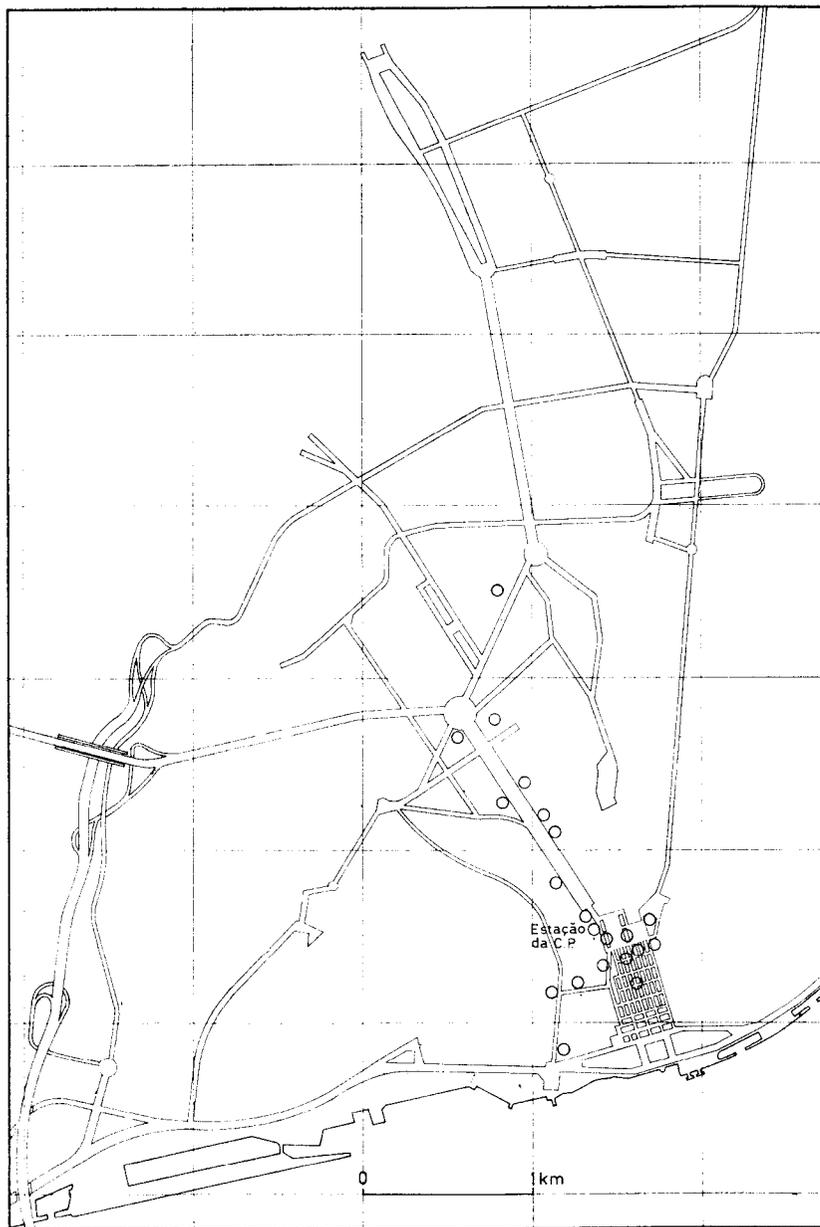


Fig. 28 -- Hotéis -- 1948.

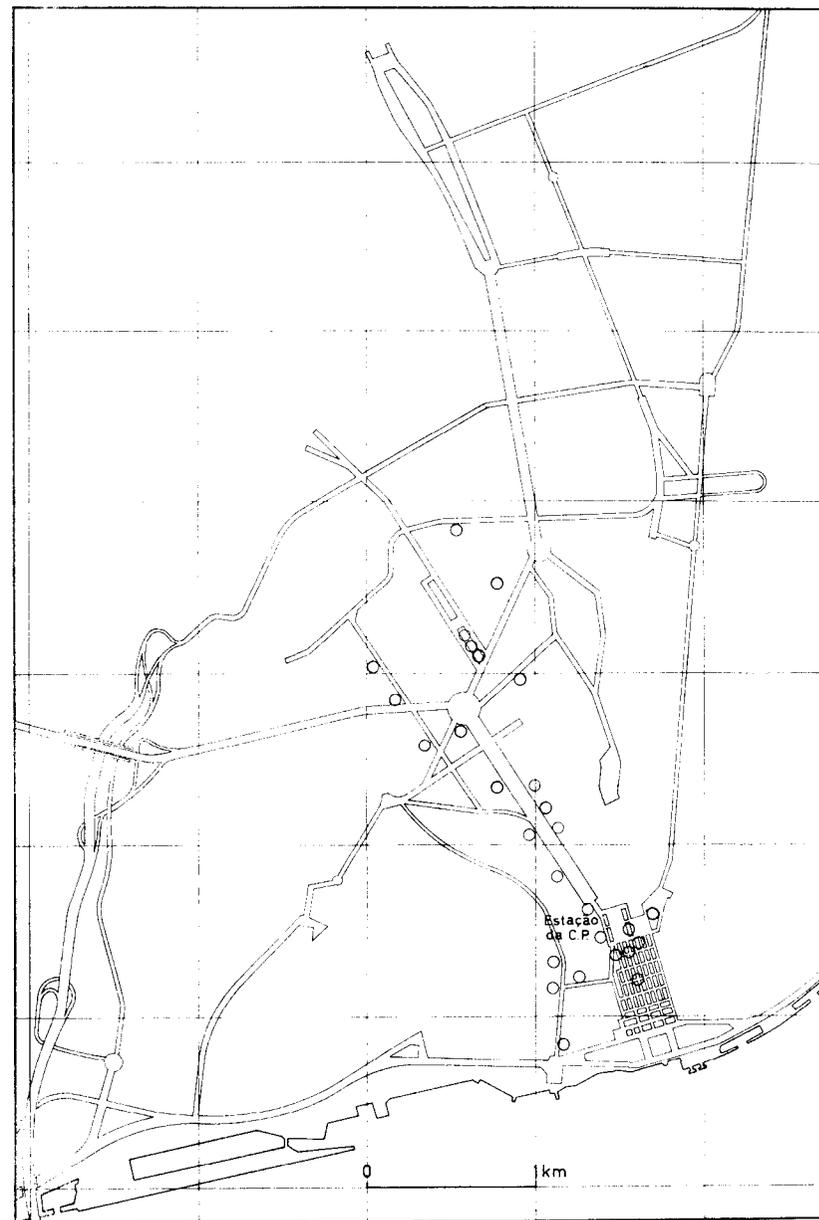


Fig. 29 -- Hotéis -- 1960.

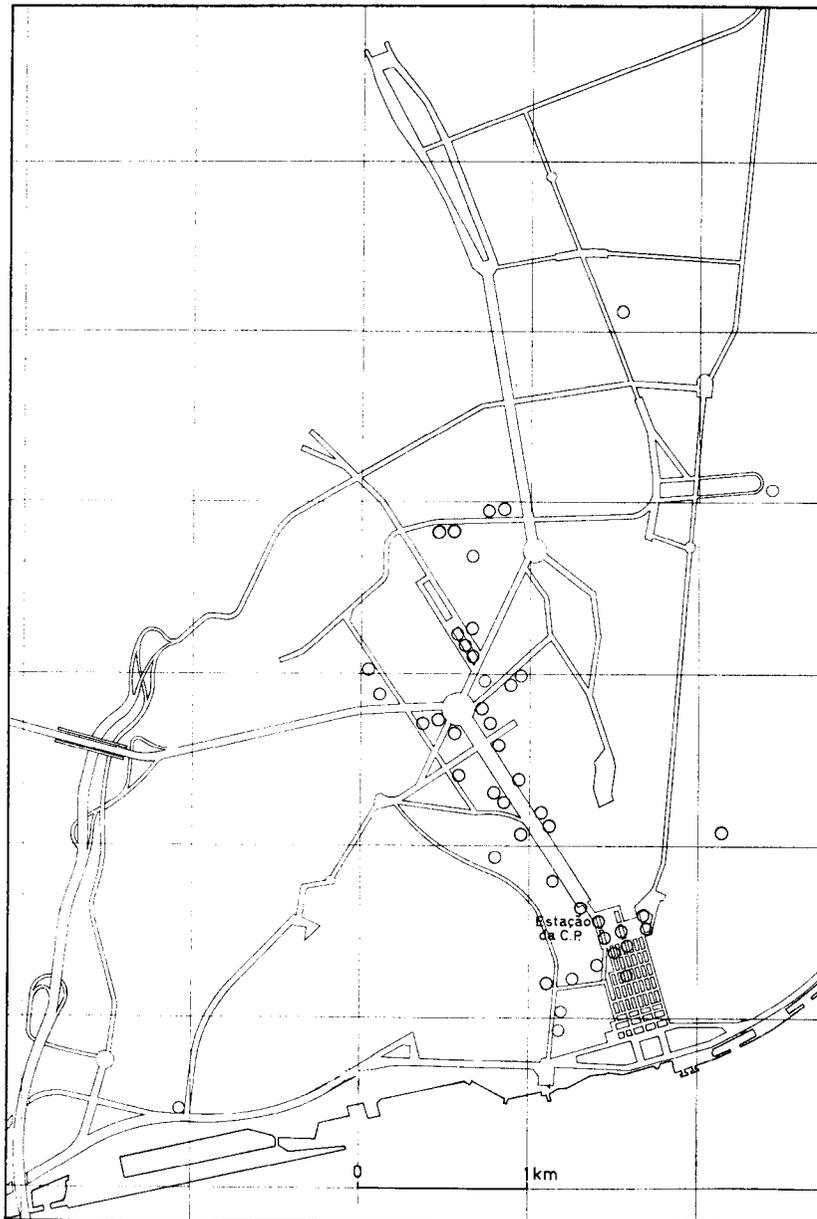


Fig. 30 — Hotéis — 1970.

## COMPANHIAS DE AVIAÇÃO

Áreas	1948	1970
Baixa-Chiado .....	2	2
Marquês-Avenida .....	8	19
<i>Total</i> .....	10	21

Áreas	1948	1970
Baixa-Chiado .....	20	9,52
Marquês-Avenida .....	80	90,48
<i>Total</i> .....	100	100

-Avenida seria ainda maior. Esta localização relaciona-se com outras constituindo um complexo bastante homogêneo: hotéis, companhias de aviação, agências de viagem, lojas de artesanato e, talvez, os restaurantes chineses.

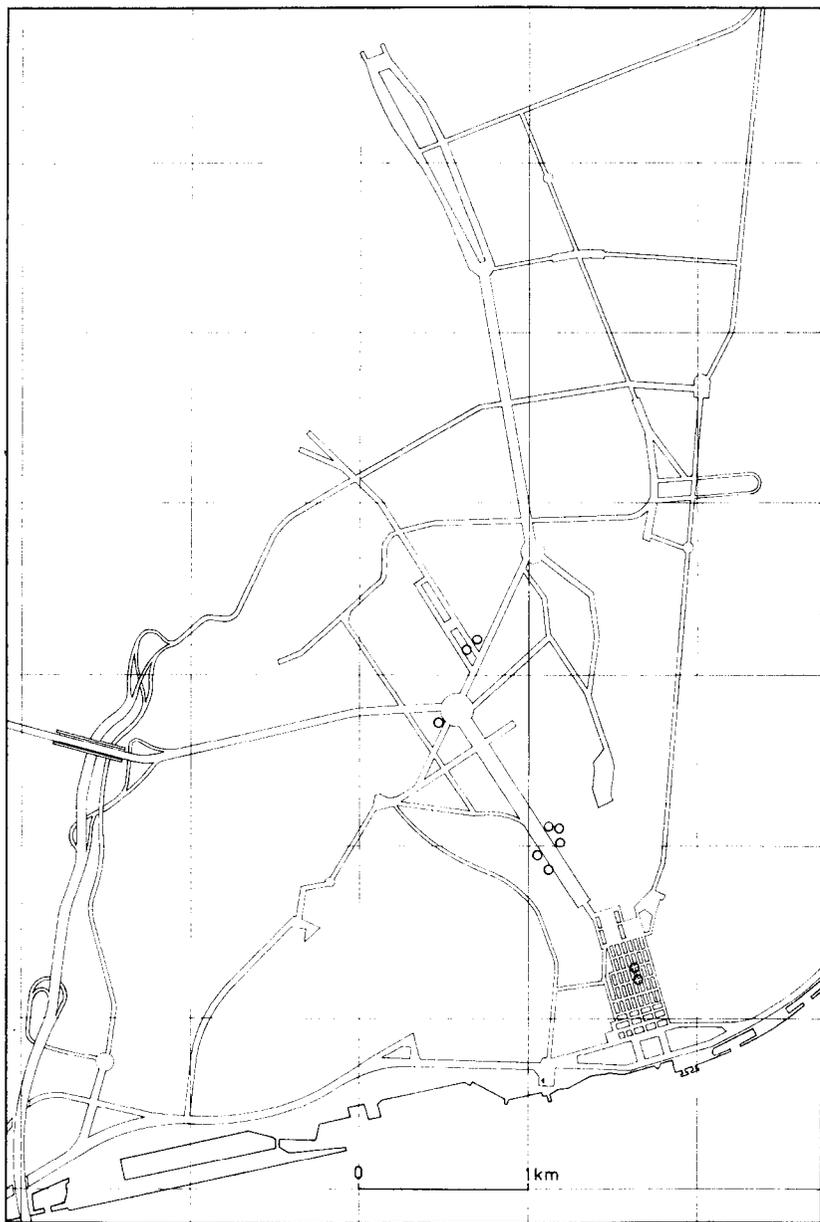


Fig. 31 — Companhias de aviação — 1948.

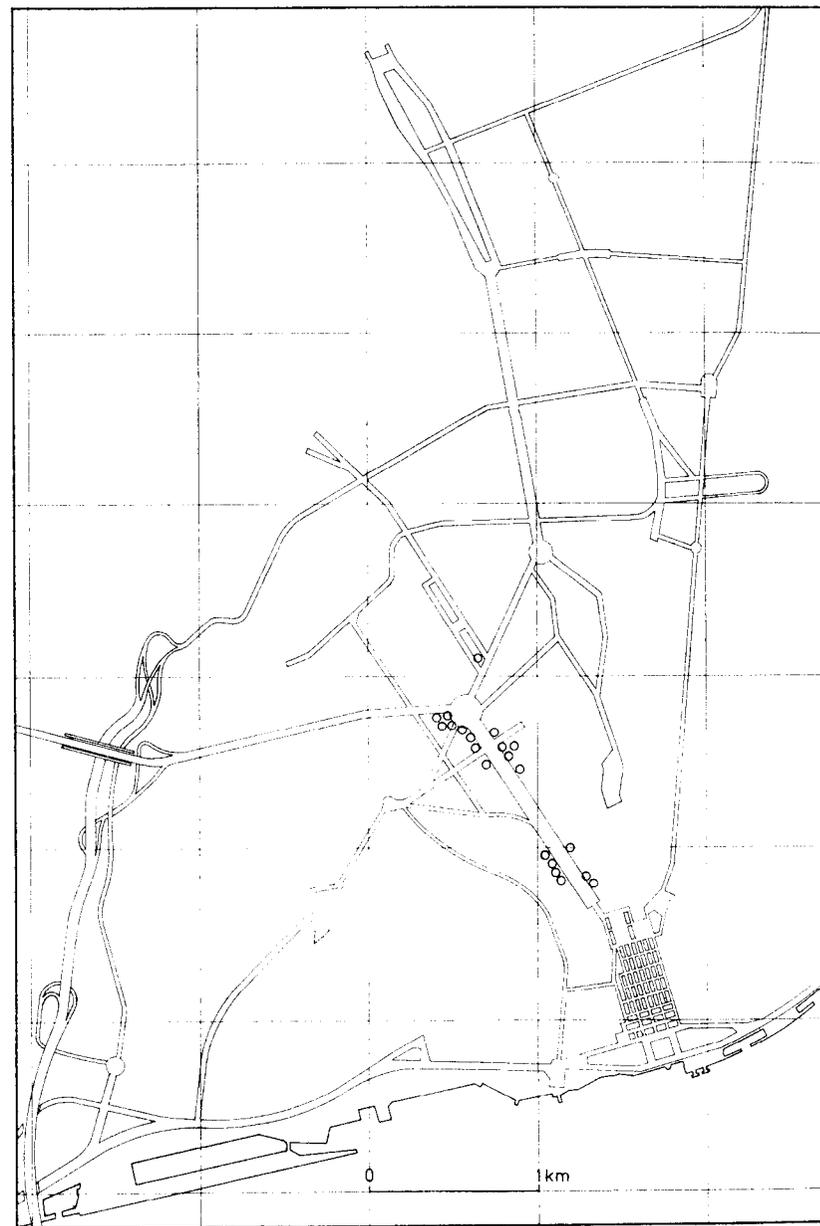


Fig. 32 — Companhias de aviação — 1970.

## EMBAIXADAS E LEGAÇÕES DIPLOMATICAS

Áreas	1903	1922	1948	1960	1970
Baixa-Chiado .....	3	4	1	1	—
Cais do Sodré .....	2	3	—	—	—
Marquês-Avenida .....	1	5	9	9	10
Avenidas Novas .....	—	4	5	8	6
Almirante Reis .....	—	—	—	—	—
Áreas Anexas do Centro .....	2	—	2	3	1
Norte .....	—	1	—	2	5
Leste .....	—	—	—	—	—
Oeste .....	7	5	12	8	11
<i>Total</i> .....	15	22	29	31	33

## CONSULADOS

Áreas	1903	1922	1948	1960	1970
Baixa-Chiado .....	9	18	6	5	4
Cais do Sodré .....	5	9	6	7	5
Marquês-Avenida .....	1	4	10	11	5
Avenidas Novas .....	—	3	3	2	5
Almirante Reis .....	1	—	—	—	—
Áreas Anexas do Centro .....	1	2	5	2	1
Norte .....	—	1	—	5	4
Leste .....	1	—	—	—	—
Oeste .....	9	4	2	5	7
<i>Total</i> .....	27	41	32	37	31

No capítulo das embaixadas e legações diplomáticas predominam os sectores residenciais mais ricos da cidade. No que concerne aos consulados, embora se evidencie ainda a importância daqueles sectores, tomam relevo as situações de proximidade do porto e as áreas mais centrais da cidade.

## EMBAIXADAS E LEGAÇÕES DIPLOMATICAS

Áreas	1903	1922	1948	1960	1970
Baixa-Chiado .....	19,98	18,20	3,44	3,22	—
Cais do Sodré .....	13,32	13,62	—	—	—
Marquês-Avenida .....	6,66	22,70	30,96	28,98	30,3
Avenidas Novas .....	—	18,20	17,20	25,76	18,18
Almirante Reis .....	—	—	—	—	—
Áreas Anexas do Centro .....	13,32	—	6,88	9,66	3,03
Norte .....	—	4,54	—	6,44	15,15
Leste .....	—	—	—	—	—
Oeste .....	46,62	22,70	41,28	25,76	33,33
<i>Total</i> .....	100	100	100	100	100

## CONSULADOS

Áreas	1903	1922	1948	1960	1970
Baixa-Chiado .....	33,93	43,74	18,72	13,50	12,88
Cais do Sodré .....	18,50	21,87	18,72	18,90	16,10
Marquês-Avenida .....	3,70	9,72	31,21	29,70	16,10
Avenidas Novas .....	—	7,29	9,36	5,40	16,10
Almirante Reis .....	3,70	—	—	—	—
Áreas Anexas do Centro .....	3,70	4,86	15,60	5,40	3,22
Norte .....	—	2,43	—	13,50	12,88
Leste .....	3,70	—	—	—	—
Oeste .....	33,93	9,72	6,24	13,50	22,54
<i>Total</i> .....	100	100	100	100	100

## SERVIÇOS IMPORTANTES DE ALGUMAS EMBAIXADAS

Áreas	1948	1960	1970
Baixa-Chiado .....	—	—	—
Cais do Sodré .....	2	—	—
Marquês-Avenida .....	1	3	6
Avenidas Novas .....	—	2	1
Almirante Reis .....	—	—	—
Áreas Anexas do Centro .....	2	1	—
Norte .....	—	1	—
Leste .....	—	—	—
Oeste .....	3	2	2
<i>Total</i> .....	8	9	9

## CÂMARAS DE COMÉRCIO

Áreas	1922	1960	1970
Baixa-Chiado .....	1	3	2
Cais do Sodré .....	2	—	—
Marquês-Avenida .....	1	2	1
Avenidas Novas .....	—	2	3
Almirante Reis .....	—	—	—
Áreas Anexas do Centro .....	2	1	—
Norte .....	—	—	3
Leste .....	—	—	—
Oeste .....	1	1	1
<i>Total</i> .....	7	9	10

## SERVIÇOS IMPORTANTES DE ALGUMAS EMBAIXADAS

Áreas	1948	1960	1970
Baixa-Chiado .....	—	—	—
Cais do Sodré .....	25,00	—	—
Marquês-Avenida .....	12,50	33,33	66,66
Avenidas Novas .....	—	22,22	11,11
Almirante Reis .....	—	—	—
Áreas Anexas do Centro .....	25,00	11,11	—
Norte .....	—	11,11	—
Leste .....	—	—	—
Oeste .....	37,50	22,22	22,22
<i>Total</i> .....	100	100	100

## CAMARAS DE COMÉRCIO

Áreas	1922	1960	1970
Baixa-Chiado .....	14,28	33,33	20,00
Cais do Sodré .....	28,56	—	—
Marquês-Avenida .....	14,28	22,22	10,00
Avenidas Novas .....	—	22,22	30,00
Almirante Reis .....	—	—	—
Áreas Anexas do Centro .....	28,56	11,11	—
Norte .....	—	—	30,00
Leste .....	—	—	—
Oeste .....	14,28	11,11	10,00
<i>Total</i> .....	100	100	100

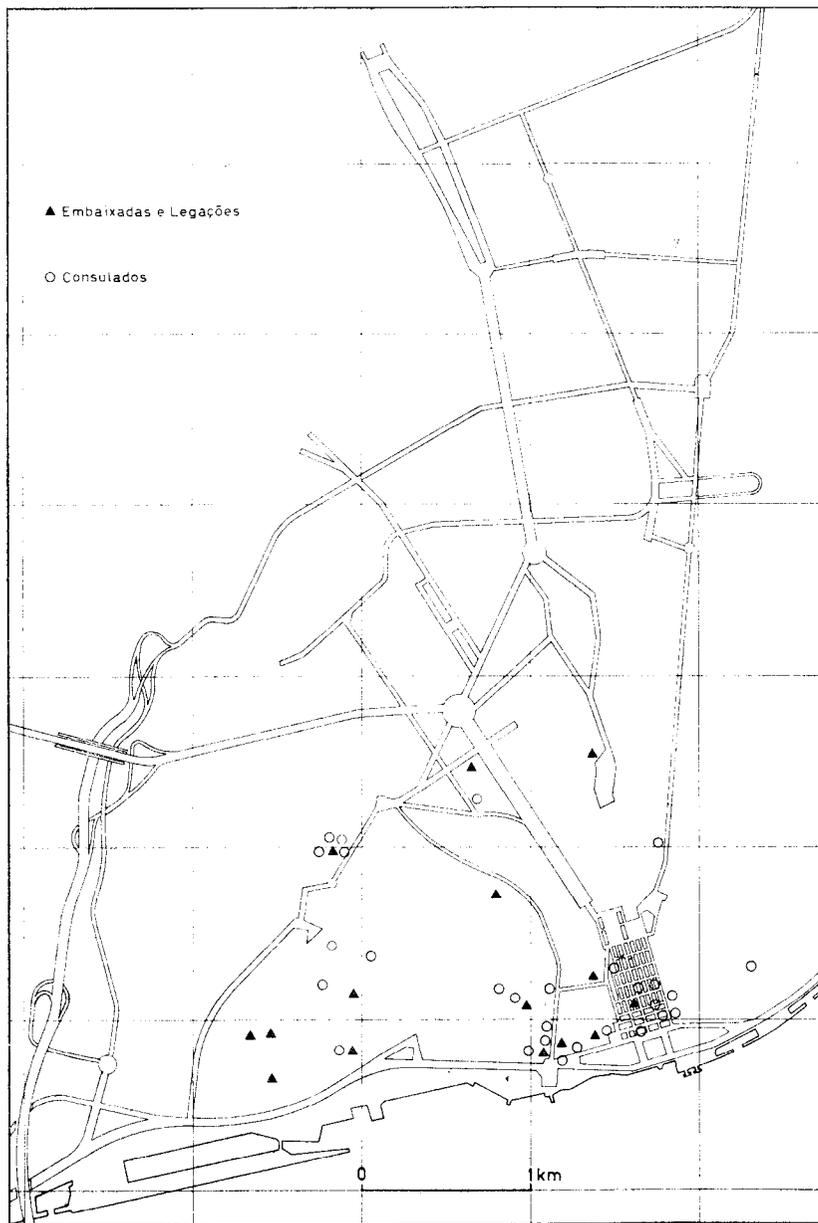


Fig. 33 — Embaixadas, legações, consulados — 1903.

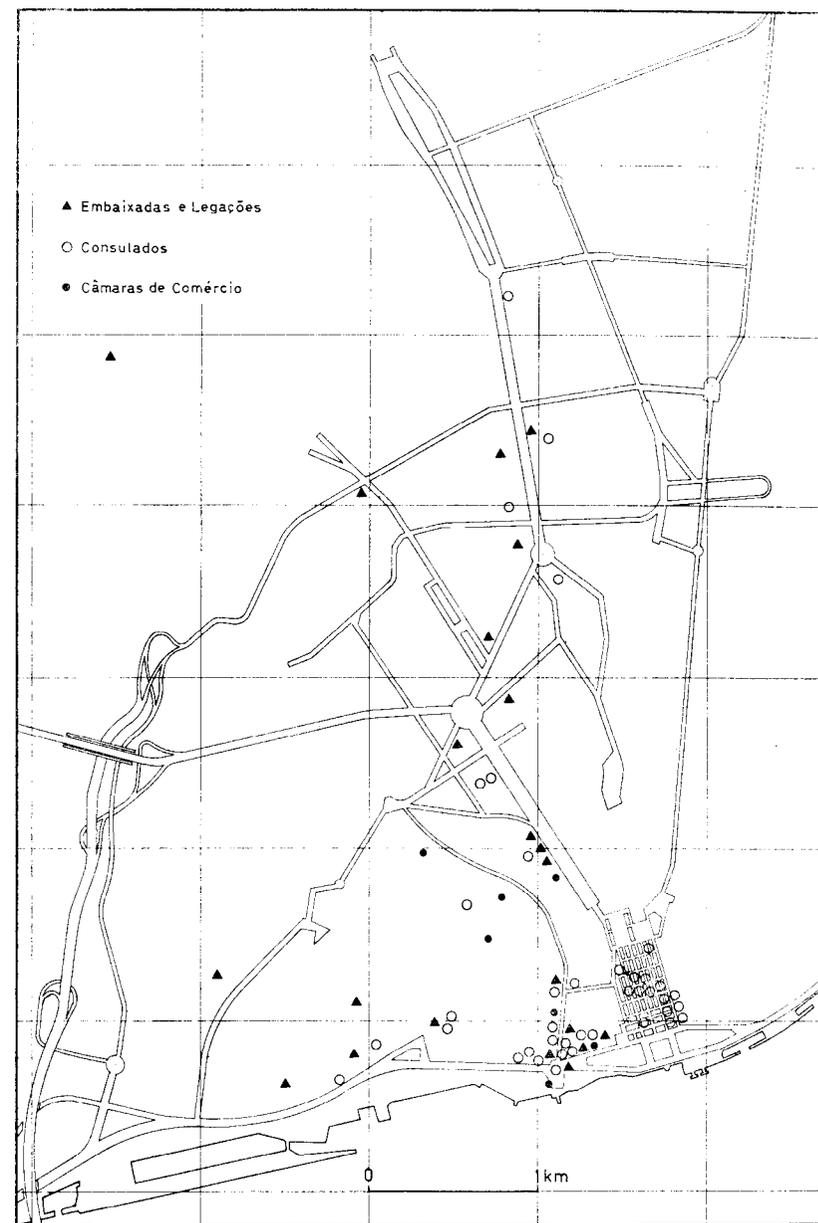


Fig. 34 — Embaixadas, legações, consulados — 1922.

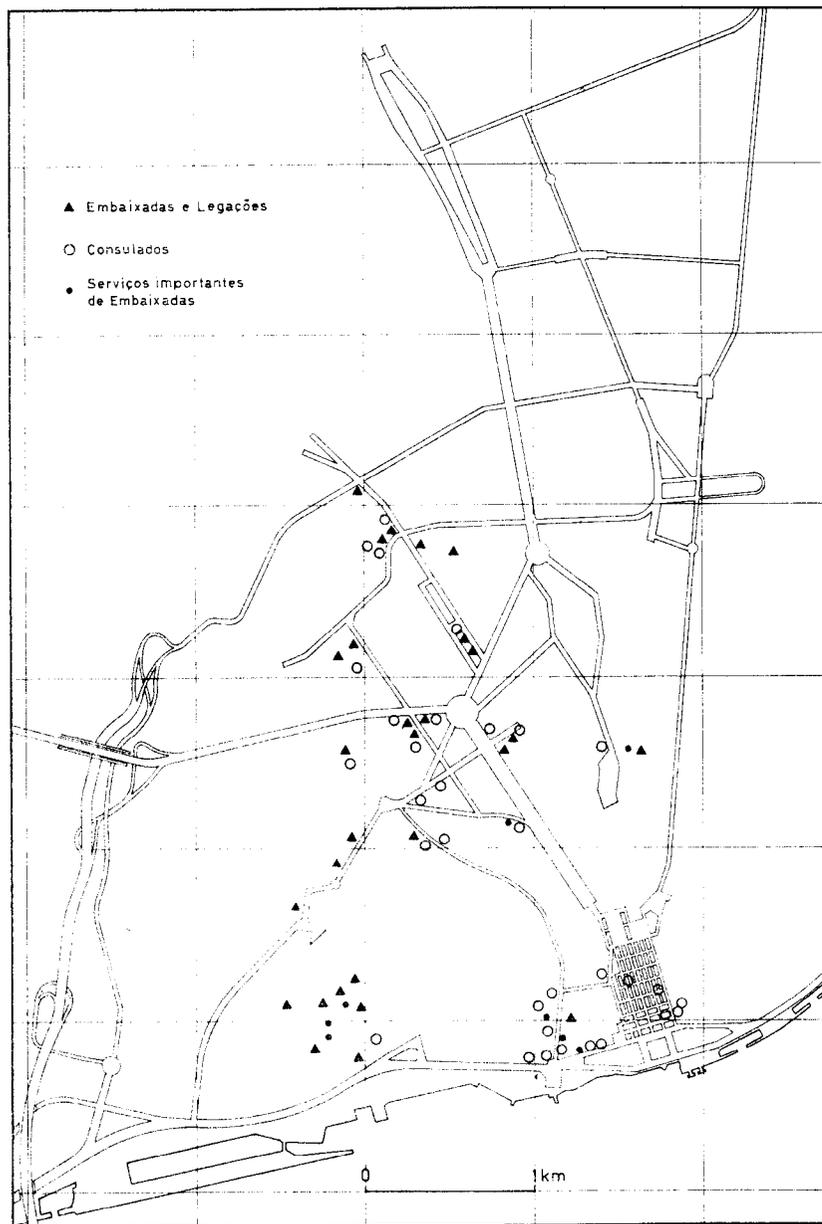


Fig. 35 — Embaixadas, legações, consulados — 1948.

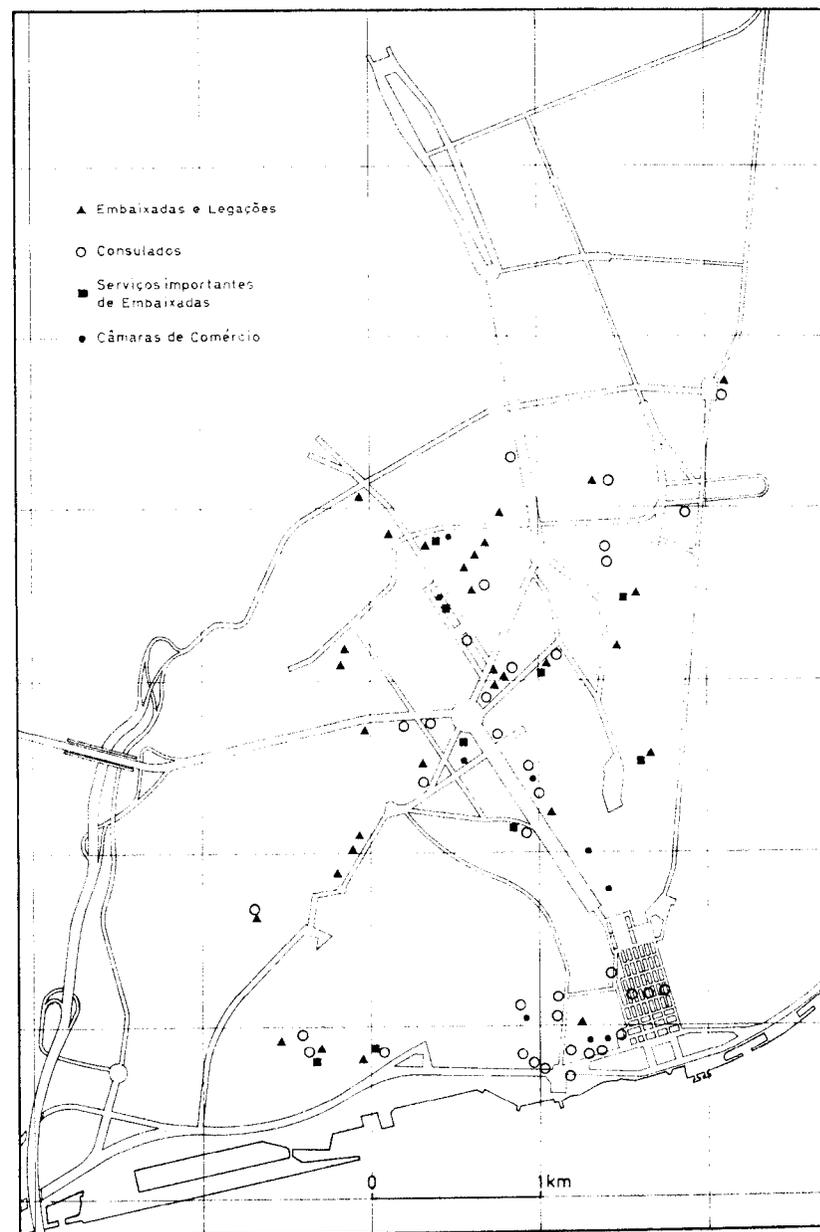


Fig. 36 — Embaixadas, legações, consulados e outros serviços — 1960.

## CONCESSIONARIOS DE AUTOMÓVEIS (STANDS)

Áreas	1922	1940	1950	1960	1970
Baixa-Chiado .....	7	1	1	1	1
Cais do Sodré .....	1	2	—	—	—
Marquês-Avenida .....	7	11	11	9	14
Avenidas Novas .....	1	1	3	4	13
Almirante Reis .....	—	—	—	—	1
Áreas Anexas do Centro .....	—	1	1	2	3
Norte .....	—	—	—	5	6
Leste .....	—	—	—	—	—
Oeste .....	—	1	1	2	3
<i>Total</i> .....	16	17	17	23	41

MAQUINAS REGISTRADORAS, DE CONTABILIDADE,  
COMPUTADORES (LOJAS DE)

Áreas	1922	1940	1950	1960	1970
Baixa-Chiado .....	4	5	5	3	2
Cais do Sodré .....	—	1	1	—	—
Marquês-Avenida .....	—	—	—	2	9
Avenidas Novas .....	—	—	—	3	6
Almirante Reis .....	—	—	—	—	3
Áreas Anexas do Centro .....	—	1	1	—	2
Norte .....	—	—	—	2	5
Leste .....	—	—	—	—	1
Oeste .....	—	—	—	—	4
<i>Total</i> .....	4	7	7	10	32

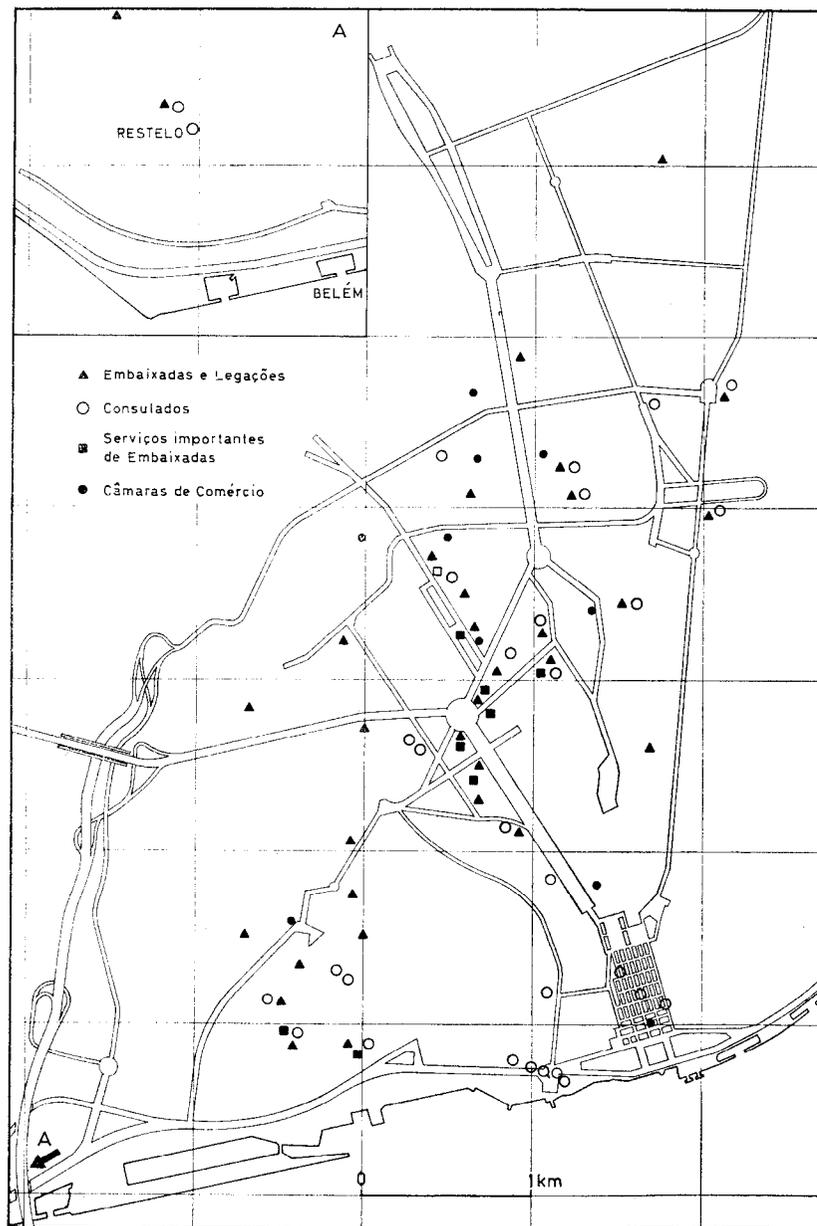


Fig. 37 — Embaixadas, legações, consulados e outros serviços — 1970.

Este sector do comércio que começa, na primeira parte deste século, por se instalar na Baixa e, no caso dos automóveis, na Avenida da Liberdade, acabará por dominar na área do Marquês de Pombal e nas Avenidas Novas, onde

## CONCESSIONARIOS DE AUTOMÓVEIS (STANDS) (p. 100)

Áreas	1922	1940	1950	1960	1970
Baixa-Chiado .....	43,75	5,88	5,88	4,34	2,43
Cais do Sodré .....	6,25	11,76	—	—	—
Marquês-Avenida .....	43,75	64,68	64,68	39,06	34,02
Avenidas Novas .....	6,25	5,88	17,64	17,36	31,59
Almirante Reis .....	—	—	—	—	2,43
Áreas Anexas do Centro .....	—	5,88	5,88	8,68	7,29
Norte .....	—	—	—	21,70	14,58
Leste .....	—	—	—	—	—
Oeste .....	—	5,88	5,88	8,68	7,29
<i>Total</i> .....	100	100	100	100	100

MAQUINAS REGISTRADORAS, DE CONTABILIDADE,  
COMPUTADORES (LOJAS DE) (p. 100)

Áreas	1922	1940	1950	1960	1970
Baixa-Chiado .....	100,00	71,40	71,40	30,00	6,24
Cais do Sodré .....	—	14,28	14,28	—	—
Marquês-Avenida .....	—	—	—	20,00	28,08
Avenidas Novas .....	—	—	—	30,00	18,72
Almirante Reis .....	—	—	—	—	9,36
Áreas Anexas do Centro .....	—	14,28	14,28	—	6,24
Norte .....	—	—	—	20,00	15,60
Leste .....	—	—	—	—	3,12
Oeste .....	—	—	—	—	12,48
<i>Total</i> .....	100	100	100	100	100

dispõe de instalações e acessibilidade. Os *stands* de automóveis já evidenciam, entretanto, uma tendência para se instalar nos grandes eixos de saída da cidade, a norte e oeste.

## ANO DE 1970

Áreas	Análises de Mercado e Consultores Industriais	Materiais de Acústica
Baixa-Chiado .....	1	—
Cais do Sodré .....	—	—
Marquês-Avenida .....	16	2
Avenidas Novas .....	10	2
Almirante Reis .....	4	—
Áreas Anexas do Centro .....	1	—
Norte .....	8	4
Leste .....	2	—
Oeste .....	8	2
<i>Total</i> .....	50	10

Áreas	Análises de Mercado e Consultores Industriais (p. 100)	Materiais de Acústica (p. 100)
Baixa-Chiado .....	2	—
Cais do Sodré .....	—	—
Marquês-Avenida .....	32	20
Avenidas Novas .....	20	20
Almirante Reis .....	8	—
Áreas Anexas do Centro .....	2	—
Norte .....	16	40
Leste .....	4	—
Oeste .....	16	20
<i>Total</i> .....	100	100

Os presentes quadros estatísticos referem-se a actividades de desenvolvimento recente, o que se reflecte na localização observada na cidade de Lisboa: predomínio no «novo centro» (Marquês de Pombal-Avenidas Novas) e em expansão para norte e oeste. Note-se a maior ligação com as áreas residenciais de nível económico mais elevado e a inexistência na parte oriental da cidade.

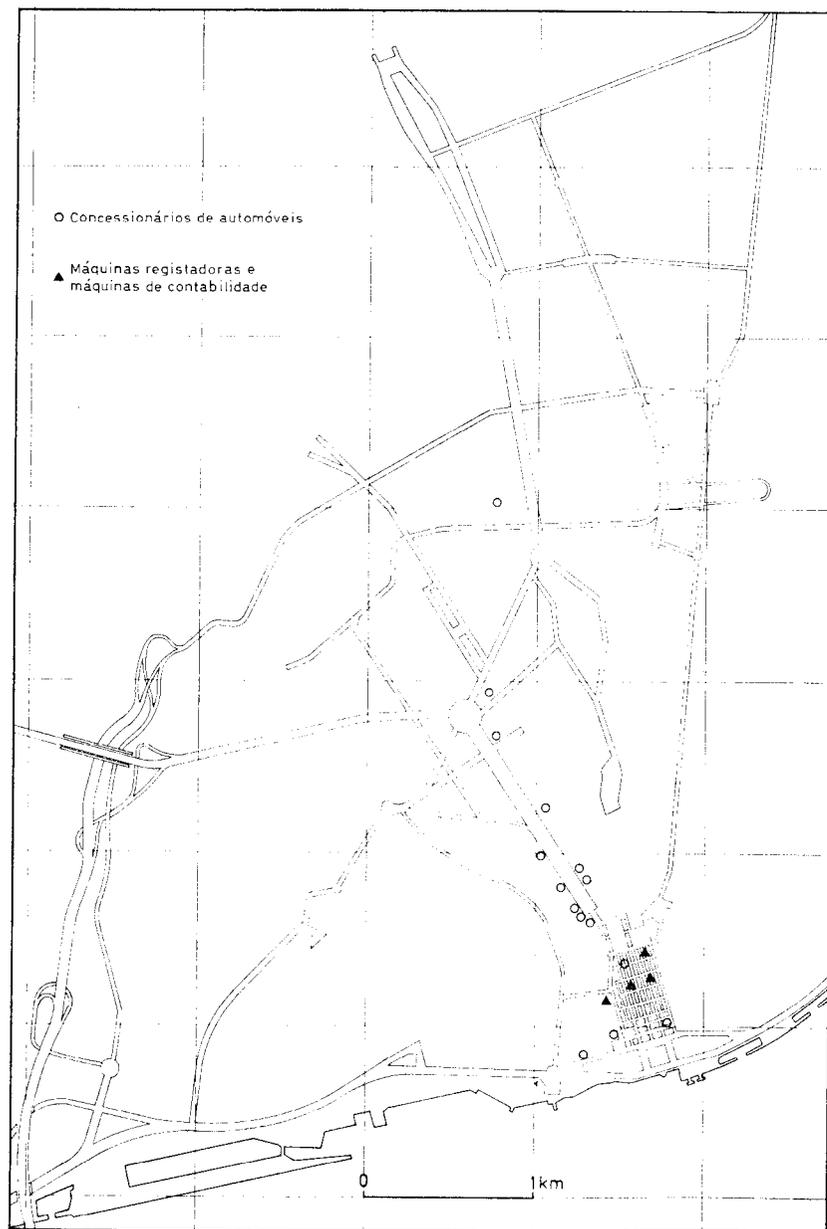


Fig. 38 — Concessionários de automóveis, máquinas registradoras e de contabilidade — 1922.

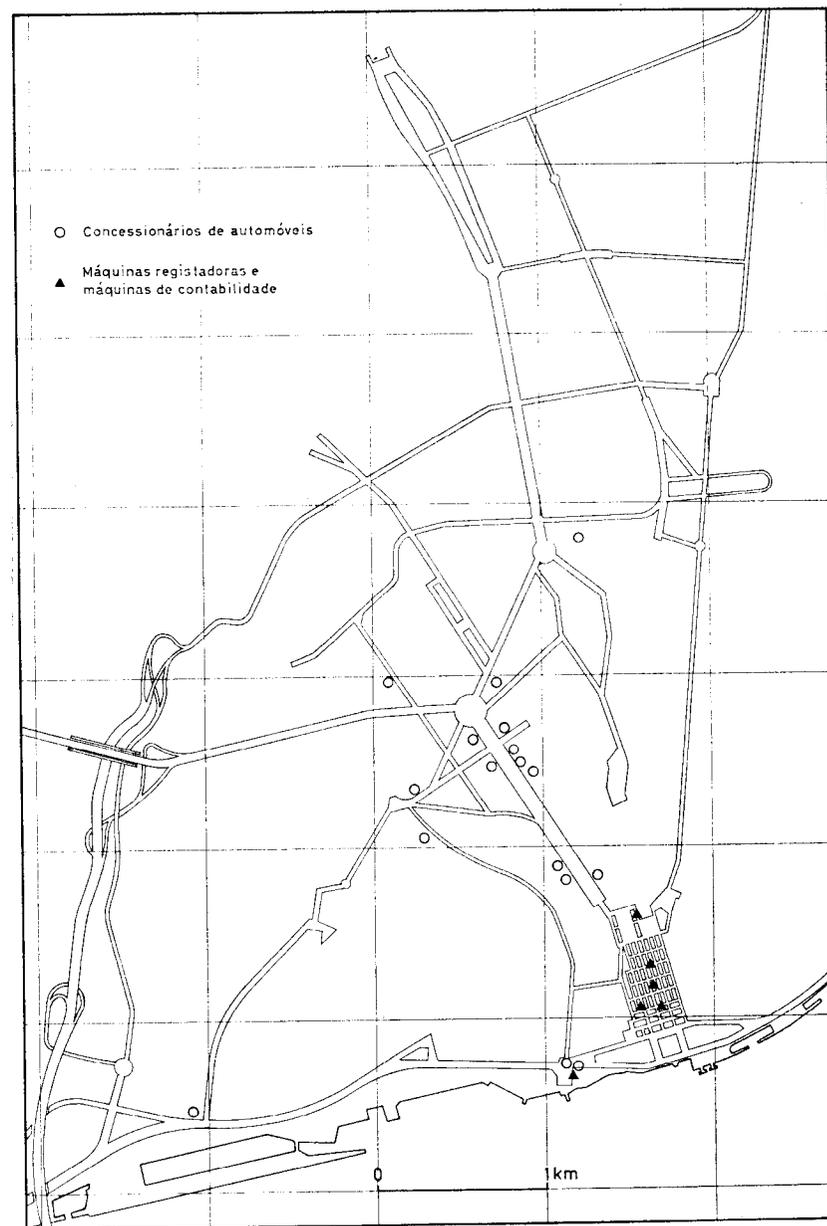


Fig. 39 — Concessionários de automóveis, máquinas registradoras e de contabilidade — 1940.

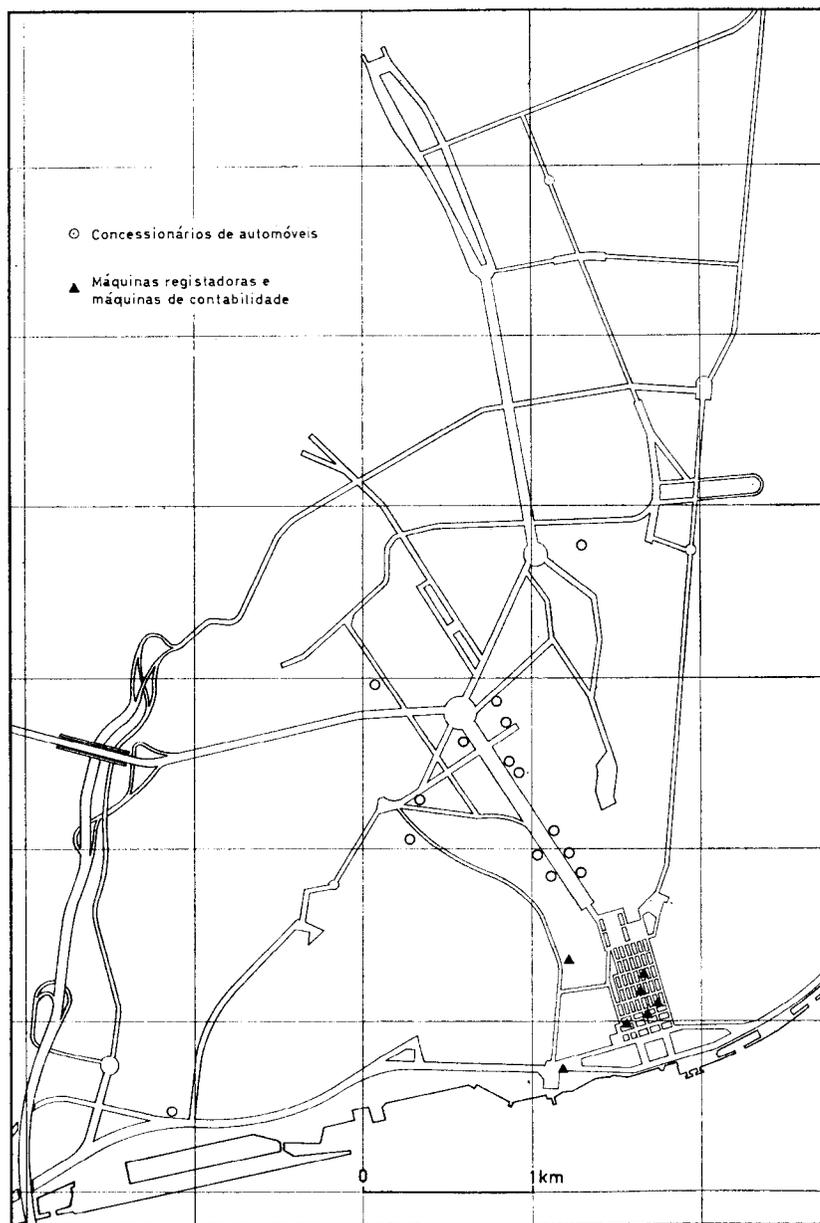


Fig. 40 — Concessionários de automóveis, máquinas registradoras e de contabilidade — 1950.

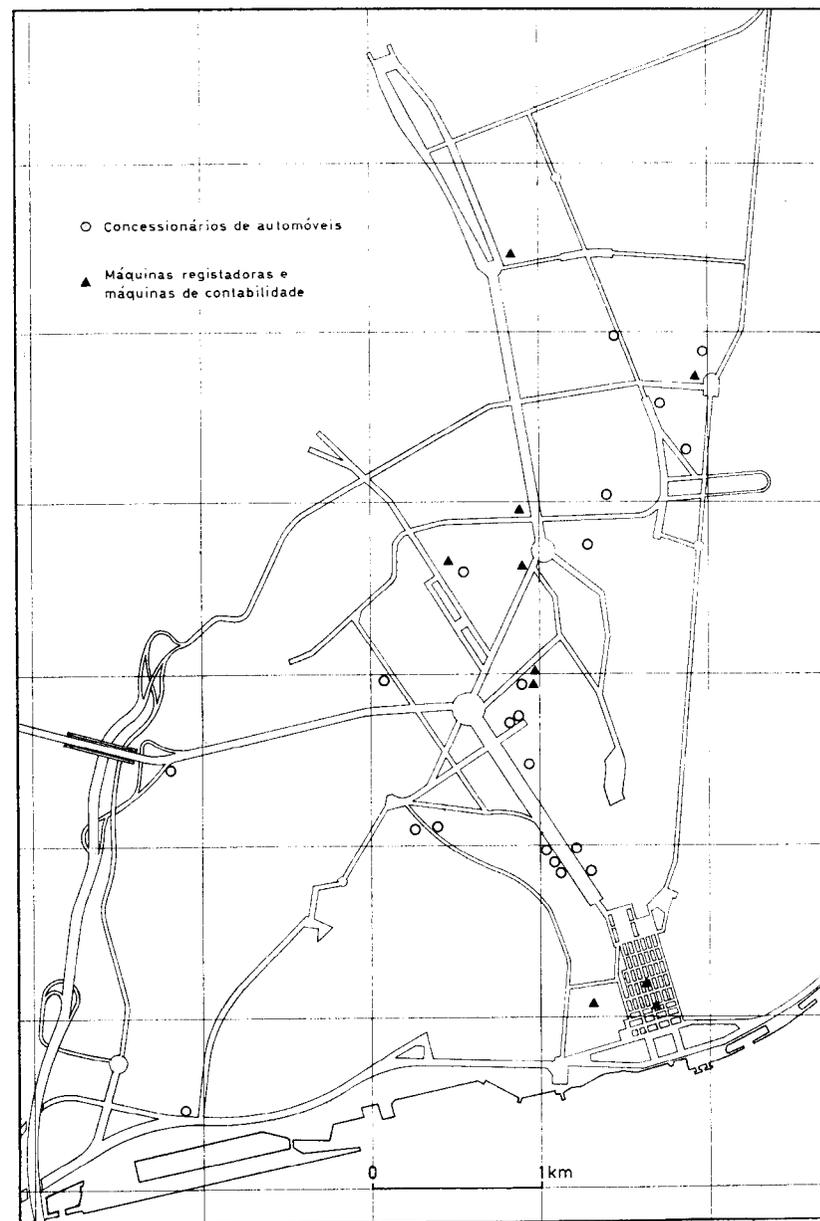


Fig. 41 — Concessionários de automóveis, máquinas registradoras e de contabilidade — 1960.

A figura 42 apresenta a distribuição em Lisboa de quatro tipos de funções centrais, que embora não tenham qualquer afinidade pelo tipo de bens que oferecem, comportam-se de uma forma bastante semelhante.

Apresentam-se, contudo, algumas similitudes: oferecem produtos ou serviços de consumo raro, e nalguns casos apenas destinados a um grupo restrito da população; são todos de criação recente, quase deste século, pois apenas as máquinas registadoras e máquinas de calcular são anteriores. A própria idade de aparecimento da inovação é uma das causas da actual distribuição. Assim, o segundo grupo é o único que ainda aparece em quantidade significativa no antigo centro e próximo da área portuária, mostrando todavia uma nítida tendência para a subida para norte, sobretudo através do eixo Restauradores-Campo Grande, embora o eixo Almirante Reis também consiga captar algumas unidades.

Os locais de venda dos concessionários de automóveis mostram uma forte homogeneidade na sua localização. Note-se, antes de mais, que só aparecem da Praça dos Restauradores para norte. Para isso contribuiu o facto de a comercialização do automóvel só aparecer no princípio do século xx; sendo-lhe necessárias grandes superfícies de exposição, a Baixa não poderia atrair a si este comércio por falta de espaço. A partir de então verificou-se a subida para norte, primeiro ao longo da Avenida da Liberdade, onde ainda se encontram algumas unidades funcionais deste tipo e, mais tarde, predominantemente na área das Avenidas Novas, tendência que ainda se mantém.

Entretanto, só muito recentemente se manifestaram alguns casos que, como em muitas cidades da Europa e dos Estados Unidos, buscam uma localização excêntrica, junto das principais saídas das cidades; é o que se passa com a DAF na Avenida do Brasil e com a FIAT e a DATSUM na Avenida Duarte Pacheco. Contudo, estes dois últimos casos fazem também parte do grupo do Marquês de Pombal-Avenidas Novas, aproveitando uma circunstância rara, que é a da saída da cidade estar a 1000 metros do centro.

As empresas que se dedicam à análise de mercados e estudos industriais, apesar de ocorrerem em pontos muito afastados da cidade (Rua Afonso Domingues a oriente, Bairro

do Restelo a ocidente e Lumiar ao norte), apresentam uma grande densidade e maior concentração (28 dos 51 casos) na área do Marquês de Pombal e Avenidas Novas. Pequenas concentrações secundárias assinalam-se na Avenida Almirante Reis, na Avenida Infante Santo e no Bairro do Restelo, próximo e provavelmente em relação com a nova localização do Ministério do Ultramar. O único caso que se encontra na Baixa (Rua do Carmo) é uma firma estrangeira, a única que se assinala no Anuário Comercial de 1965.

Vemos assim que certas actividades novas não estão interessadas em procurar o centro tradicional, a Baixa, para se estabelecerem.

Para um grupo mais geral, «As Sociedades de Serviços e Profissões de Conselho», F. BENHAMOU <sup>(11)</sup> verificou a seguinte distribuição em 1965 e 1968:

	1965	1968
Centro tradicional .....	40 %	14,1 %
Pombal, Avenidas Novas e Alvalade	40 %	73,7 %
Outros .....	20 %	12,1 %

Segundo este autor, são as seguintes as causas desta nova tendência na localização: para  $\frac{2}{3}$  das sociedades a razão é a situação central dos locais em relação ao acesso e aos clientes; cerca de  $\frac{1}{3}$  das sociedades mostram-se sensíveis ao prestígio dos sítios novos, nos bairros de maior ostentação.

Segundo o mesmo inquérito, junto dos dirigentes daquele tipo de empresas, F. BENHAMOU apurou que a Baixa «é uma zona envelhecida, pequena e muito difícil de transformar» e que deverá «evolucionar para um centro bancário, de comércio de luxo, de turismo e de serviços do Estado». Entretanto essas sociedades prevêem uma maior concentração das actividades económicas modernas na área marcada pelo eixo Pombal-Saldanha.

<sup>(11)</sup> FRANÇOIS BENHAMOU, *Étude Géographique du Tertiaire Supérieur à Lisbonne*. Policopiado. Paris, Sorbonne, 1969.

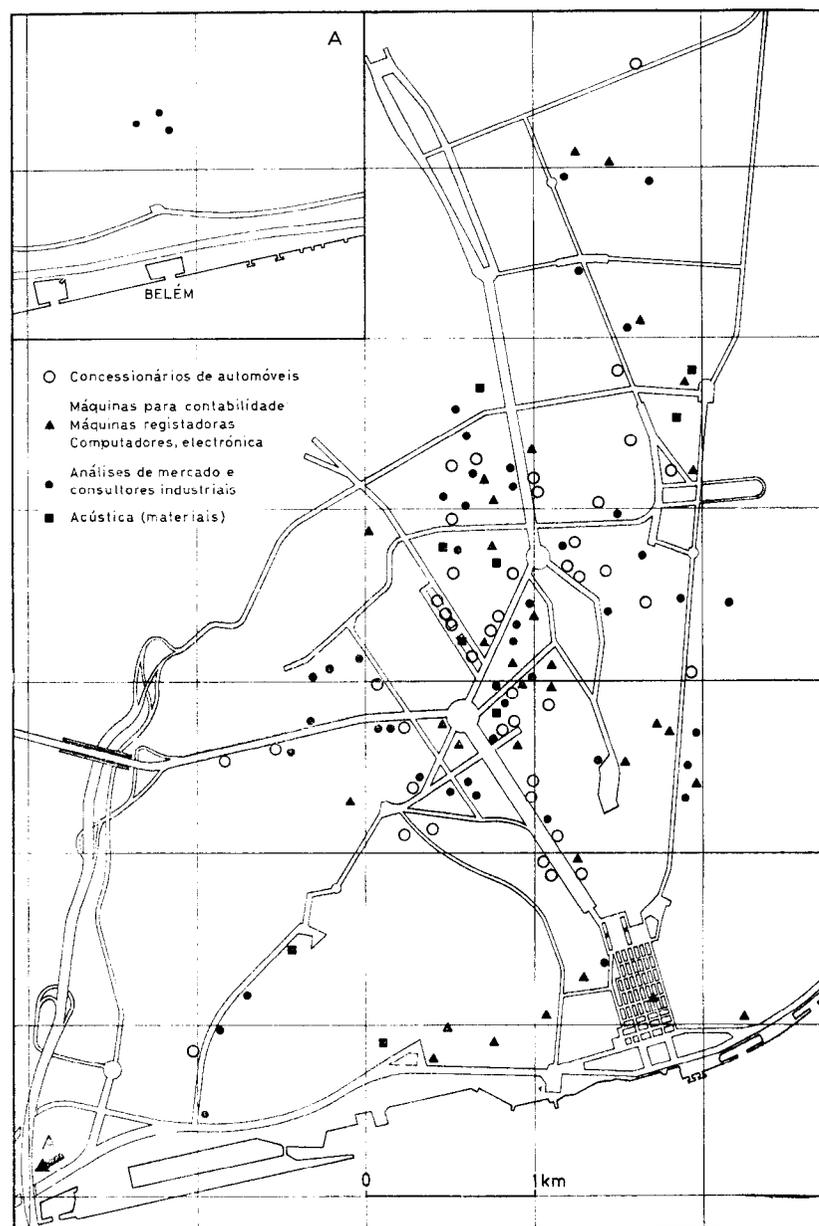


Fig. 42 — Exemplos de funções centrais de criação recente — 1970.

Áreas	Floristas	Institutos de Beleza	Joalherias
Baixa-Chiado .....	9	7	31
Cais do Sodré .....	1	—	—
Marquês-Avenida .....	7	14	—
Avenidas Novas .....	7	13	—
Almirante Reis .....	1	—	—
Áreas Anexas do Centro .....	2	2	1
Norte .....	9	14	1
Leste .....	(Alto S. João) 7	—	1
Oeste .....	6	1	2
<i>Total</i> .....	49	51	36

Áreas	Floristas	Institutos de Beleza	Joalherias
Baixa-Chiado .....	18,36	13,72	85,87
Cais do Sodré .....	2,04	—	—
Marquês-Avenida .....	14,28	27,44	—
Avenidas Novas .....	14,28	25,48	—
Almirante Reis .....	2,04	—	—
Áreas Anexas do Centro .....	4,08	3,92	2,77
Norte .....	18,36	27,44	2,77
Leste .....	14,28	—	2,77
Oeste .....	12,24	1,96	5,44
<i>Total</i> .....	100	100	100

Este quadro e os seguintes pretendem exemplificar tipos de comércio muito ligados a uma localização tradicional ou a uma localização completamente nova. A tradicional é notável no caso das joalherias — à semelhança dos bancos, este comércio enquadra-se bem no prestígio de uma área antiga, com *charme*. Floristas e Institutos de Beleza subiram entretanto para o «Novo Centro» e proliferam nas áreas residenciais de nível mais elevado.

## ANO DE 1970

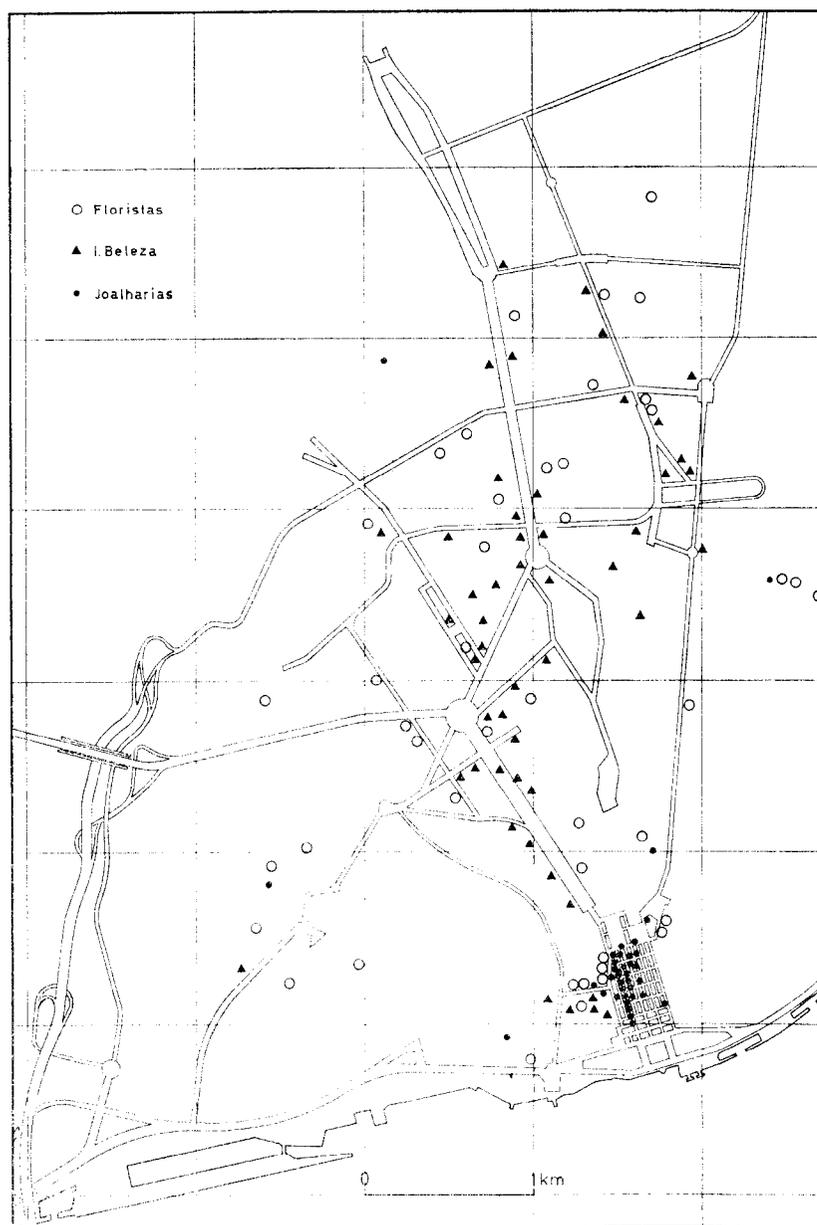


Fig. 43 — Floristas, Institutos de Beleza e Joalharias — 1970.

Áreas	Livrarias	Alfarrabistas	Galerias de Arte	Teatros
Baixa-Chiado .....	12	6	3	2
Cais do Sodré .....	1	—	—	—
Marquês-Avenida .....	3	—	3	2
Avenidas Novas .....	1	—	2	2
Almirante Reis .....	—	1	—	1
Áreas Anexas do Centro .....	1	11	2	—
Norte .....	7	—	1	2
Leste .....	—	—	—	—
Oeste .....	—	3	1	—
<i>Total</i> .....	25	21	12	9

Áreas	Livrarias	Alfarrabistas	Galerias de Arte	Teatros
Baixa-Chiado .....	48	28,56	24,99	22,22
Cais do Sodré .....	4	—	—	—
Marquês-Avenida .....	12	—	24,99	22,22
Avenidas Novas .....	4	—	16,66	22,22
Almirante Reis .....	—	4,76	—	11,11
Áreas Anexas do Centro .....	4	52,36	16,66	—
Norte .....	28	—	8,33	22,22
Leste .....	—	—	—	—
Oeste .....	—	14,28	8,33	—
<i>Total</i> .....	100	100	100	100

Ao contrário das actividades do quadro anterior, as do presente evidenciam uma densidade elevada no «centro tradicional» (Baixa-Chiado). O elevado número de alfarrabistas nas áreas anexas ao centro explica-se pelo fraco poder competitivo deste comércio no que concerne a localizações centrais, enquanto a grande ocorrência de livrarias na parte setentrional de Lisboa se relaciona com a Cidade Universitária e a área comer. al da Avenida de Roma.

5. DELIMITAÇÃO FUNCIONAL E DIFERENCIAÇÕES  
NO CENTRO ACTUAL

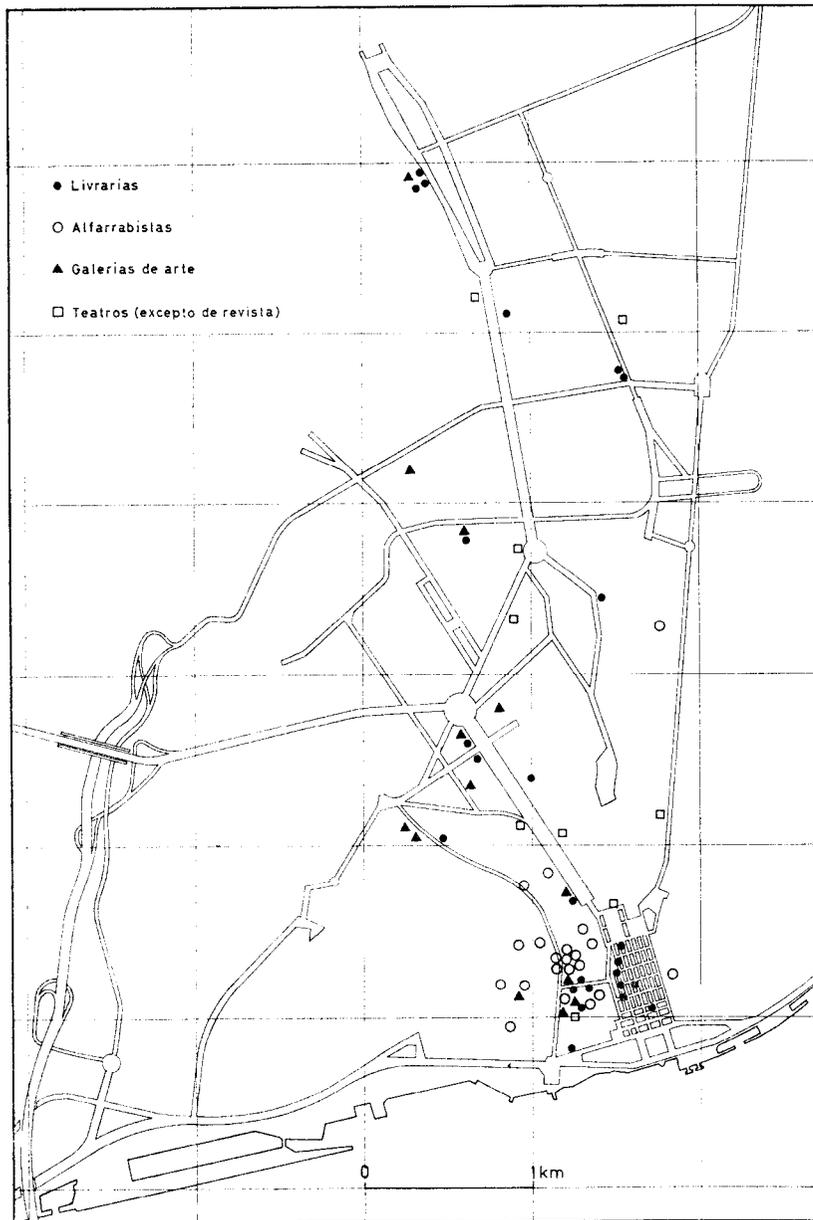


Fig. 44 — Livrarias, alfarrabistas, galerias de arte e teatros  
(excepto de revista) — 1970.

O que está acontecendo com a subida do centro para o norte? Uma transferência pura e simples das actividades ou um movimento de especialização de áreas dentro do próprio centro? No fundo estão acontecendo os dois fenómenos, sendo já nítida uma diferenciação funcional de áreas no centro de Lisboa. Na figura 45 propõe-se uma delimitação desse centro bem como uma demarcação de áreas funcionais afins.

*Administração Pública.* — Apesar de mostrar um movimento de transferência para norte, menos marcado e menos concentracionário que o das actividades privadas, a maior concentração ainda se mantém na Baixa. A Administração Pública Central deve localizar-se no Centro mas numa situação marginal e não constituindo uma barreira física e psicológica à prossecução da vida de rua do centro. Embora periférica em relação ao centro, a administração constitui uma barreira, não por impedir a ligação entre as outras actividades, mas por cortar o caminho do rio, que deveria ser integrado no centro. Que acontecerá com a deslocação para norte de toda a Administração Pública Central? E a que actividades se destinarão os actuais edifícios?

*Bancos.* — As sedes de Bancos e casas bancárias evidenciam uma nítida tendência concentracionária. O movimento de subida para norte é insignificante e fez-se apenas para um estabelecimento de criação recente (Banco de Fomento) ou para serviços centrais de Bancos que tiveram uma expansão recente e que não dispunham na Baixa de espaço adequado (Banco do Alentejo; Banco Fonsecas e Burnay).

Difícilmente se poderá pensar numa remoção para breve das sedes bancárias da sua actual localização na Baixa.

*Comércio de retalho (rico).* — Referimo-nos neste caso sobretudo a comércio de produtos de uso pessoal e não a bens de equipamento. Se incluíssemos aqui serviços pessoais de luxo o panorama seria diferente. Na realidade, enquanto o comércio de retalho rico se mantém no centro tradicional e até com certa expansão, não obstante a subida para norte (Avenida, Lisboa de Rosa Araújo e mesmo já Marquês), os

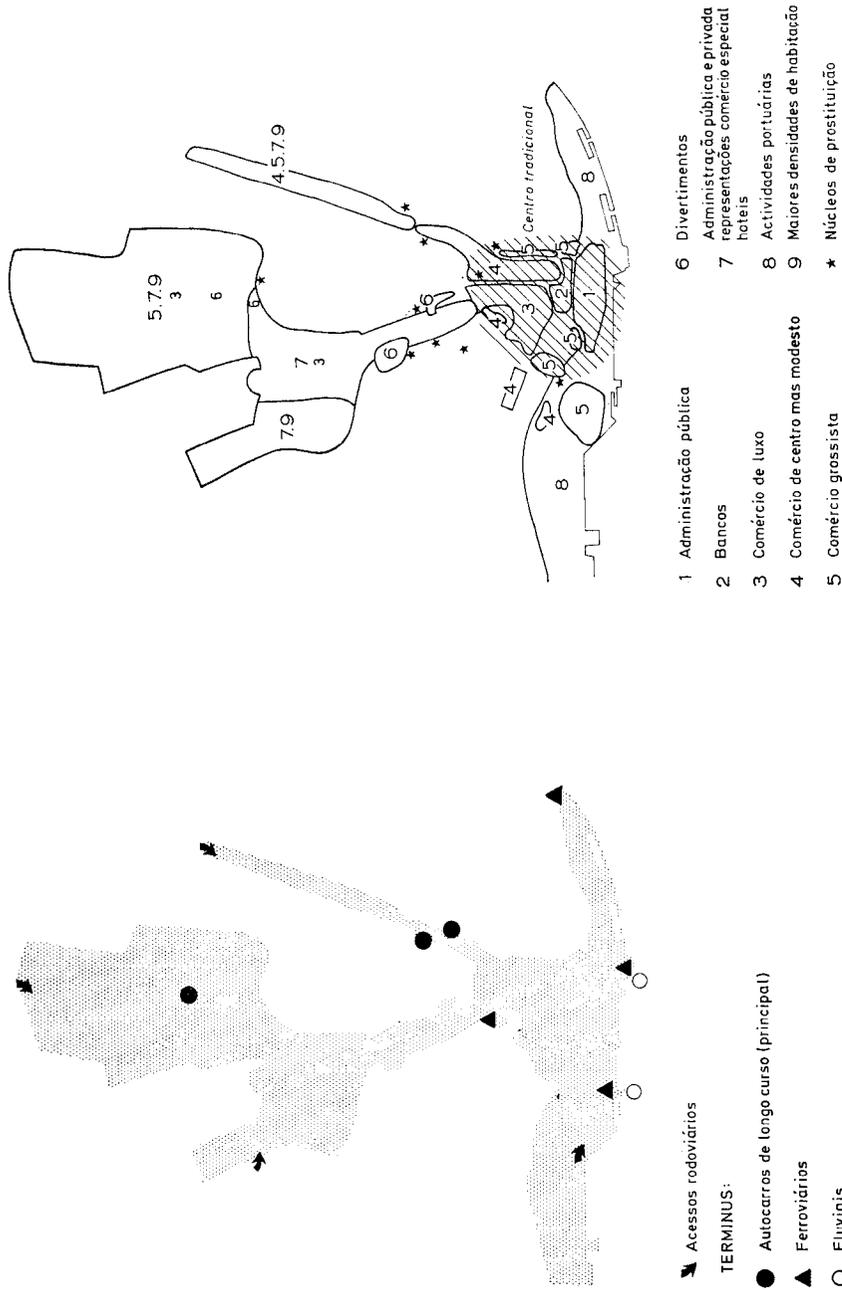


Fig. 45 — Delimitação funcional e diferenciações no centro actual.

serviços pessoais de luxo (Institutos de Beleza e Alta Costura por exemplo) evidenciam uma dinâmica muito maior.

A Baixa, mercê das suas características e sobretudo perante a pobreza física das novas áreas centrais, poderá vir a constituir uma grande concentração do comércio de luxo. Para tal será necessário encontrar mais espaço na periferia do actual. O território a nascente não serve, pois está demasiado marcado por um tipo de comércio e por um tipo de ambiente. Para ocidente passa-se o mesmo e a estrutura física da cidade não comporta uma ocupação deste tipo. Fica o sul. Em certa medida verifica-se uma ramificação do Chiado, tímida todavia, a partir da Rua Garrett para sul. Ao fundo da Baixa aparecem os Bancos e a Administração. Cabe aqui referir qual a ocupação que se nos afigura mais apropriada (racional e que melhor enriqueceria a cidade) para o Terreiro do Paço: Comércio de luxo e serviços correlativos; ou seja, a extensão da Baixa (ruas Augusta, Ouro e Rossio) — Chiado para o rio. Pela primeira vez haveria vida no Terreiro do Paço e junto ao rio. Se os edifícios pombalinos da Praça do Comércio já não servem para uma utilização como a que têm actualmente, facilmente seriam adaptadas à que agora propomos.

*Comércio Modesto de «Centro».* — Desenvolve-se em diferentes pontos periféricos do centro: Rua dos Fanqueiros, Praça da Figueira, M. Moniz, Rua da Palma, Corpo Santo, Rua do Arsenal-São Paulo, Loreto-Calhariz, Calçada do Carmo-Carmo. A principal tendência é para uma subida ao longo da Avenida Almirante Reis, enquanto que nas restantes linhas se nota uma estagnação.

Este comércio poderá em certos casos vir a sofrer deslocamentos mais importantes <sup>(12)</sup>, mas de momento não nos parece provável que tal aconteça. Um exemplo: o projectado *Martim Moniz*. Será esta obra que marcará a «personalidade» do local ou será o comércio que já aí existe que, a manter-se, vai continuar essa «personalidade»?

*Comércio Grossista.* — Persistem ainda algumas concentrações na periferia do centro tradicional: Rua da Madalena-

<sup>(12)</sup> Uma hipótese plausível, para o desenvolvimento locativo deste tipo de comércio, é na periferia da cidade, em relação com os subúrbios — tendência que parece começar a sentir-se.

-Rua dos Bacalhoeiros-parte da Rua dos Fanqueiros; Rua do Alecrim e adjacentes; comércio grossista da Ribeira. Com a expansão da cidade e da vida económica do país houve também grande incremento deste ramo. As novas localizações não tendem para grandes concentrações. O eixo Almirante Reis é contudo o mais significativo. Certas empresas saíram da cidade, o que, mercê dos meios de transporte modernos e tendo em conta que parte da clientela está fora da cidade, até é uma vantagem: Calçada de Carriche, Venda Nova, Amadora, Sacavém.

Para os grossistas de produtos modernos ou mais especializados (material de medicina, alimentação racional, máquinas de precisão, etc.) a tendência é para a concentração nas Avenidas Novas, onde também se instalaram alguns armazéns de produtos mais banais.

A maioria dos casos que mostram tendência para se manter no centro antigo apresentam muito pouca dinâmica comercial, não evidenciando perspectivas de expansão.

*Hotéis.* — Os hotéis que se concentraram em tempos na área do Cais do Sodré começaram no princípio deste século a subir para junto da Estação do Rossio, que até fins de 1940 centra o maior número de hotéis. Entretanto já se iniciara a subida para o Marquês de Pombal, através da Avenida. Actualmente a Praça Marquês de Pombal constitui o centro da maioria dos hotéis, sobretudo dos maiores e mais modernos.

A tendência actual é para o aumento da concentração no Marquês e alargamento às Avenidas Novas.

*O Novo Centro.* — O Novo Centro deverá antes ser considerado uma extensão, com tendências (conveniente seria) de especialização em certas funções. Assim, enquanto o Centro Tradicional conteria em si o Comércio de maior nível, manifestações culturais e núcleo banqueiro, o Novo Centro (Marquês de Pombal, extensões e Avenidas Novas) destinar-se-ia sobretudo à Administração Privada, com comércio do tipo especial (representações de produtos e aparelhos; equipamento). A Administração Pública também se instalaria no Novo Centro, mas em posição periférica.

Mas para tanto era necessário estruturar todo o Centro dentro de um plano de conjunto e não permitir a evolução

mais ou menos caótica que se verifica actualmente. Estruturação que deveria ser feita tanto do ponto de vista físico, como também do económico e social. O que se passa actualmente, pelo menos as tendências são nítidas, é a deslocação pura e simples do Centro para norte, o que não é de todo conveniente. Por outro lado, o incremento da ocupação na área Marquês-Avenidas Novas, sem que tenha havido um planeamento físico prévio, leva à saturação daquela área muito antes de estar concluído o processo de instalação das actividades administrativas (públicas e privadas) e o comércio especial.

Entretanto, já depois de 1970 se tem verificado, na área das Avenidas Novas, o aparecimento de comércio de maior nível, particularmente no domínio do vestuário, ao mesmo tempo que as lojas da Baixa e do Chiado manifestam apreensão: anúncios colectivos na imprensa diária procuram lembrar a uma população esquecida que ali é o primeiro local de compras <sup>(13)</sup>.

Urge pensar e planear o centro (globalmente) para a cidade de Lisboa. Da sua estruturação sairão as formas de vida da própria cidade e até, em certos aspectos, as linhas orientadoras do seu crescimento. Se analisássemos o problema com o devido pormenor, talvez verificássemos a relação que existe entre a localização e expansão das actividades do centro e o crescimento suburbano nos últimos 20 anos, fenómenos que estão intimamente relacionados na dinâmica das grandes cidades, centros de comando de vastos espaços. Afinal, passa-se o mesmo que referimos com a extensão do centro (Chiado) para oeste, a acompanhar o desenvolvimento no mesmo sentido das áreas habitacionais. A partir da Segunda Grande Guerra, o grande crescimento das áreas suburbanas para norte e oeste, cada vez mais favorecido pelo transporte automóvel, ajudou a expansão (nalguns casos a transposição) do centro para norte: Marquês de Pombal-Avenidas.

<sup>(13)</sup> O problema da Baixa na actualidade foi recentemente analisado por um geógrafo francês: J. BITOUN, *La Baixa, Centre Traditionnel des Affaires de Lisbonne*, Mémoire de Maîtrise, policopiada, Paris-Nanterre, 1971.

## 6. O CENTRO DE LISBOA OCUPA O ESCALÃO MÁXIMO NUMA HIERARQUIA DE CENTROS

Existirá um centro secundário com possibilidades (ou tendências) para equilibrar o centro actual?

Para além das tendências e direcções do crescimento e especialização do actual centro de Lisboa, importa saber se não existirá um centro secundário que possa repartir com o principal um certo número de actividades; mas repartir em todos os sectores funcionais, de forma a constituir um novo centro.

No consenso comum dos anos cinquenta deste século acreditava-se (previa-se) que o eixo Avenida Guerra Junqueiro (com Alameda Afonso Henriques)-Praça de Londres-Avenida de Roma, iria constituir «a nova Baixa». Note-se que então ainda se não tinha dado a grande invasão das Avenidas Novas pelas actividades centrais.

Lisboa dispõe de alguns centros secundários de primeiro nível (centros regionais, segundo a terminologia americana), que diferindo um tanto entre si apresentam características funcionais que permitem colocá-los no mesmo escalão hierárquico, abaixo do centro (CBD). Temos assim como exemplos de centros regionais: Alcântara; Campo de Ourique; Benfica; Alvalade; Praça de Londres-Avenida de Roma; abaixo destes existe um número maior de centros locais (*community center*), alguns dos quais apresentam tendências positivas para a sua evolução futura.

Como se vê, não incluímos a área centrada no Marquês de Pombal, nem aquela definida pela linha Saldanha-Duque de Ávila-5 de Outubro, na medida em que as consideramos nucleações importantes do grande centro, embora, e devido à ainda grande densidade habitacional dos sectores em que se inserem (particularmente a segunda), exerçam também funções de centros secundários (centros regionais e mesmo alguns de nível mais baixo).

Na periferia de Lisboa e já fora dos seus limites administrativos desenvolveram-se também alguns centros secundários, de intensidade e qualidade um tanto diferentes, mas que todavia se poderão assimilar no mesmo grupo: Algés, Amadora, Odivelas (este apenas em certa medida, considerando

que os serviços não têm acompanhado o ritmo do crescimento habitacional, pode prever-se para breve um incremento nas actividades terciárias para servir a população local), Mosca-vide, Almada. Eis alguns dos serviços que caracterizam este grupo de centros secundários periurbanos (no fundo, do mesmo tipo do de Benfica): um mínimo de três agências bancárias; supermercados; especialidades médicas, frequentemente policlínicas; cinema ou cinemas com periodicidade diária; alguns serviços mais raros; livrarias; discos; casas de modas com certo grau de sofisticação.

Em relação aos centros secundários de Lisboa nota-se a superioridade do eixo Guerra Junqueiro-Praça de Londres-Avenida de Roma (até ao caminho-de-ferro). Entretanto, outros centros secundários como Benfica e sobretudo Campo de Ourique tiveram durante os anos sessenta um surto notável, que ainda se mantém, particularmente no que se refere a Benfica. Campo de Ourique, por motivos de localização e de situação, não possui qualquer potencialidade que permita supor que poderá ultrapassar o nível hierárquico em que se encontra. O mesmo não se pode dizer de Benfica, que, no caso de uma reestruturação da localização dos serviços públicos e privados, está em situação de discutir (com a Amadora e outros núcleos) o comando de uma área vasta e densamente povoada da periferia de Lisboa.

O eixo Avenida Guerra Junqueiro-Praça de Londres-Avenida de Roma teve um grande surto durante os anos cinquenta e parte dos anos sessenta<sup>(14)</sup>. Esse surto devcu-se fundamentalmente a duas razões: 1.<sup>a</sup> — o desenvolvimento de uma importante área habitacional, de população com nível de vida médio e alto, voltada para aquele eixo, o que fez com que se desenvolvessem muito (escala de Lisboa) as funções terciárias de natureza local, que por vezes podiam parecer de natureza central (é o caso das lojas de modas, de discos, floristas, institutos de beleza, antiguidades, lojas de roupas

<sup>(14)</sup> Aparentemente esse surto continua; veja-se por exemplo o complexo recentemente inaugurado na Avenida Miguel Contreiras (cinema Vox, teatro Maria Matos, Hotel, *Snack-Bar*, escritórios, modas e confecções). Contudo, se compararmos as realizações recentes com o que se verifica nas Avenidas Novas, por exemplo, vemos que é reduzida a sua importância.

para bebé, etc.); 2.<sup>a</sup> — o facto do extravasamento da Baixa se ter feito mais cedo ao longo da Avenida Almirante Reis do que pela Avenida da República, em parte porque a reconstrução se verificou primeiro na Almirante Reis.

Poderíamos ainda juntar factores menores como sejam a instalação, na proximidade, de alguns serviços administrativos (Instituto Nacional de Estatística e certas repartições dispersas, algumas das quais se centralizaram mais tarde no Edifício do Ministério das Corporações).

É contudo um número muito reduzido de funções típicas do centro que se instalam naquele eixo; elas vão preferentemente para o sector Almirante Reis e sobretudo para a área do Marquês de Pombal. Entretanto, longe de saturar a sua ocupação, a Avenida Almirante Reis (repare-se no abrandamento do ritmo de reconstrução, nos últimos anos) não consegue remodelar a sua vivência, entrando algumas funções centrais dirigidas a uma população de nível mais elevado num processo rápido de obsolescência. Certas empresas que nos anos 50 se poderiam ter instalado nesta avenida, na década seguinte buscaram certamente as Avenidas Novas ou a área do Conde Redondo (de características mais afins à Almirante Reis, mas com um grau de centralidade muito maior).

Outros factores contribuíram para a preferência dada ao eixo Pombal-República, em detrimento do eixo Almirante Reis-Avenida de Roma. O metropolitano, por exemplo, que decalca aquele primeiro eixo, ligando-o à Baixa e que em 1970 ainda não atingira o ponto médio da Almirante Reis. A este desenvolvimento também não deve ser estranho o grande surto do automóvel individual, pois as Avenidas Novas dispunham de maiores potencialidades, neste sector dos transportes, do que a Almirante Reis ou mesmo a Guerra Junqueiro-Praça de Londres-Avenida de Roma, apesar da juventude do traçado destas últimas.

O que se verifica a partir da segunda metade da década de 60 é uma estagnação e, conseqüentemente, uma deterioração (relativamente ao contexto geral da cidade e do país) do eixo Guerra Junqueiro-Praça de Londres-Avenida de Roma. A habitação continua a ocupar as mesmas áreas; o comércio de necessidades diárias mantém-se em pontos fulcrais, sem

que outras funções mais específicas de um verdadeiro centro lhe tomem o lugar; algumas lojas mais sofisticadas, como de modas ou de discos, não acompanham o processo evolutivo que se verifica em lojas do mesmo tipo no centro da cidade; algumas tentativas mais arriscadas acabam por falhar, como é o caso de algumas *boîtes*. Entretanto, e como já referimos, recentemente criaram-se unidades funcionais de tipo central: teatro, cinemas de estreia, hotéis, escritórios de empresas de actividades terciárias, agência de turismo, restaurante chinês, loja de modas para homens... Trata-se de uma nova iniciativa muito localizada, que não tem um grande peso no crescimento total das funções do centro de Lisboa. Por outro lado, a loja de modas para homens é uma sucursal de outra no centro; o teatro e os hotéis podem considerar-se mal localizados; a agência de viagens é pequena e dirigida à população de Lisboa e sua periferia norte e leste... Ao mesmo tempo, na Avenida de Roma encontram-se mercearias e drogeries e em plena Praça de Londres foram inaugurados recentemente uma peixaria e um posto de venda de produtos de uma «Casa Agrícola».

O eixo Avenida Guerra Junqueiro-Praça de Londres-Avenida de Roma foi apenas o primeiro sector da cidade a receber as inovações provenientes de um novo estilo de vida que se desenvolveu no Mundo Ocidental após a Segunda Grande Guerra. Vicissitudes de vária ordem contribuíram para que fosse o primeiro. Passado esse período inicial, outras áreas receberam as mesmas inovações e as que dispunham de maiores potencialidades para desenvolver uma forte centralidade começaram a suplantá-la (caso das Avenidas Novas).

Para finalizar estas notas, apenas um exemplo concreto. Nos anos 50 e ainda em parte da década 60, o eixo Avenida Guerra Junqueiro (começando no cinema e Café Império)-Praça de Londres-Avenida de Roma dispunha dos melhores cafés e *snack-bars* de Lisboa, de tal forma que atraía clientela de outras áreas (principalmente os que possuíam automóvel); hoje essas unidades são banais, foram mesmo ultrapassadas por outras (Galeto, Convés, Noite e Dia, Outra Face da Lua, Galerias Ritz (Snack-Bar Monumental), Snobe,

etc., etc.) <sup>(15)</sup>, adquirindo um ar familiar, muito de bairro, em oposição ao ambiente vivo de há 10 anos (Copacabana, Mexicana, Império, Vavá).

Para que estas ideias gerais pudessem ser constatadas seria fundamental fazer uma análise aturada do local de residência e de trabalho da clientela dum certo número de lojas, restaurantes e bares, quer no eixo Avenida Guerra Junqueiro-Praça de Londres-Avenida de Roma, quer noutros locais <sup>(16)</sup>. Estamos em crer que os resultados, que se alcançariam, levariam a assimilar mais aquele eixo ao centro de Campo de Ourique, do que ao núcleo do Marquês de Pombal ou ao futuro *core* das Avenidas Novas.

#### 7. DESEQUILÍBRIOS FUNCIONAIS NO CENTRO DE LISBOA

A necessidade de preservação dos valores histórico-culturais do centro tradicional e da sua periferia, não permitindo uma remodelação e reestruturação no uso do espaço central da cidade, obrigou a uma expansão para norte. As actividades terciárias invadiram as áreas de habitação do primeiro quartel deste século e dos fins do século passado, iniciando já mesmo (Rua Castilho e Rua Rodrigo da Fonseca a norte da Joaquim António de Aguiar) a demolição de prédios do segundo quartel — alguns com menos de 40 anos. Este fenómeno trouxe, entre outras, as consequências que apontamos seguidamente:

1.º A presença no centro tradicional, Baixa e Chiado, de actividades arcaicas, não compatíveis numa cidade moderna em circunstâncias normais, com a actual localização. Isto explica-se pela pouca valorização que tiveram as áreas menos favorecidas no centro tradicional, muitas vezes porque não eram autorizadas grandes transformações;

2.º Nas áreas residenciais invadidas pelo centro (Marquês, Avenidas Novas, Bairro Camões) estabeleceu-se um mosaico

<sup>(15)</sup> A que a Avenida de Roma só muito recentemente contrapôs o *snack-bar* Lutécia e o Tutti-Mundi (e este estará bem localizado?).

<sup>(16)</sup> Essa pesquisa, que está fora do âmbito deste estudo, encontra-se actualmente em curso no Centro de Estudos Geográficos de Lisboa, sob nossa orientação.

de fundações imensamente complicado. Pois se do ponto de vista das actividades terciárias centrais que aí se instalaram a diferenciação é nítida, mesmo em relação a outras áreas do centro <sup>(17)</sup>, a grande ocorrência de actividades não centrais que dominam ainda na maior parte dos sectores estabelece uma certa confusão na estrutura funcional. Temos assim, por um lado, uma grande diferenciação entre as classes de habitação, fruto não só de uma herança, como também das remodelações recentes e, por outro lado, a ocorrência de actividades terciárias banais a vários níveis e de vários graus, relacionadas com as diferentes classes de habitação. Verifica-se ainda o aparecimento, em certos casos, de actividades secundárias, e estas não só de tipo locativo pericentral, mas também algumas que restam como herança, por vezes bastante antiga, como é o caso da Cerâmica Lusitânia e de actividades industriais que persistem no Rego.

No que respeita aos níveis (classes) de habitação, enunciaremos os seguintes tipos, numa tentativa de sistematização, que só um estudo localizado e de pormenor poderia concretizar.

1 — População antiga (1.ª ou 2.ª geração desde que as áreas foram edificadas): a — Pequena burguesia, no Bairro do Camões e sectores mais antigos, como por exemplo na Rua de S. Sebastião da Pedreira; b — Média e alta burguesia na Lisboa de Rosa Araújo e Avenidas Novas.

2 — População de idade intermédia pela época da ocupação (antes e após a Segunda Grande Guerra): a — Pequena e média burguesia nas Avenidas Novas, pela reocupação de 193... a 194... das Avenidas Novas. Onde entra já o fenómeno da parte de casa; b — Média e alta burguesia nas construções novas na Rua Castilho até Artilharia Um, acima da Joaquim António de Aguiar, da Rua Sidónio Pais e parte da Avenida António Augusto de Aguiar.

3 — População recente, ocupação a partir dos anos 50 e predominantemente nos anos 60: a — Média e alta burguesia nos prédios novos da área Marquês de Pombal e das Avenidas Novas; b — Média-baixa nos novos prédios do Bairro de Camões, com fenómenos de sublocações, apartamentos mo-

<sup>(17)</sup> Ver capítulo «Delimitação do Centro».

bilados, etc.; c — Grande número de celibatários em quartos e partes de casa, nos prédios que restam do início do século. Este aspecto mostra a degradação habitual das áreas residenciais próximas do centro, que aqui se atenua pelo ritmo rápido da reconstrução, a que corresponde uma transformação nos habitantes da área. Fenómeno idêntico, mas mais acentuado, verifica-se na área da Praça do Chile, Bairro das Colónias; d — Celibatários ou jovens casais, de certos recursos, em pequenos apartamentos.

Esta variedade de sectores da população residente traz normalmente também uma grande variação nas funções terciárias de apoio, que acrescidas das de tipo central realizam uma teia complexa na estrutura funcional desta área.

Pretende-se com estas breves notas mostrar como será difícil estabelecer quais as funções que não estão correctamente localizadas no centro, na medida portanto em que este ainda agora inicia a sua reestruturação. Mesmo em relação à Baixa-Chiado torna-se difícil, pois aparentemente uma parte dessa área apresenta-se num processo de degradação, podendo vir a aumentar em breve a ocupação por actividades terciárias banais e mesmo pela habitação de classes pobres. A hipótese da ocupação por classes abastadas parece mais difícil, pelas dificuldades de remodelação das construções no local e pela sua cada vez menor acessibilidade ao transporte automóvel individual.

Tentaremos contudo, com uma perspectiva tanto quanto possível dinâmica, indicar algumas das actividades que existem no centro de Lisboa e não se coadunam com tal localização.

Na Baixa-Chiado:

A — Actividades banais

1 — Serviços banais que não tenham sofrido um processo de sofisticação: barbeiro (tipo Bairro), sapateiro (vulgar), latoeiro.

2 — Comércio banal, portanto sem qualquer especialização: mercearia, leitaria.

Estas actividades existem porque ainda subsiste uma certa população residente, e como esta é na generalidade bastante modesta, aquelas actividades são também pobres.

B — Actividades ainda tidas como centrais, mas que na realidade não são compatíveis com o centro de uma grande cidade

1 — Lojas de móveis, que necessitam de grandes superfícies de exposição. Excluem-se certos tipos de *exposição* de últimos modelos.

2 — Supermercados, que devido ao volume das compras feitas de uma só vez necessitam ou de bons acessos para automóvel individual ou de proximidade de residências. É um dos grandes absurdos do centro de Lisboa. Note-se que entretanto se desenvolve uma certa especialização dos supermercados da área central, caso de «Celeiro».

3 — Uma grande parte dos grossistas deverá sair mesmo das faixas marginais do antigo centro, pela pouca acessibilidade e problemas de carga e descarga. Uma posição não muito afastada do centro e junto às grandes vias é ideal.

4 — Alguns serviços que podem ser autónomos (arquivos, armazéns, etc...) ou funcionar pelo telefone. Isto tanto para a administração pública como para o sector privado.

5 — Certo comércio de retalho especial, que se dirige a uma parte reduzida da população e cujos contactos são indirectos (telefone, vendedores no domicílio, etc...). De resto, muito deste comércio já abandonou a área Baixa-Chiado e o de origem mais recente nunca chegou a instalar-se aí.

Em relação aos sectores Avenida da Liberdade-Marquês de Pombal e, sobretudo, Avenidas Novas, a classificação torna-se muito difícil, pois, como vimos, os diferentes níveis de população residente implicam uma enorme variedade de comércio e serviços banais. Estes vão desde a mercearia de cave, com alguidares de azeitonas e postas de bacalhau, até à charcutaria mais refinada; ou desde o sapateiro de vão de escada ou barbeiro de bairro aos melhores institutos de beleza.

O movimento actual é tendente a acentuar duas funções nestes sectores:

- a) as actividades de tipo central;
- b) a habitação de classes mais prósperas, com as respectivas funções terciárias de apoio.

Este movimento trará como consequência, entre outras, uma certa diferenciação hierárquica funcional entre as vias, que até aqui é ainda insignificante na medida em que o traçado viário não é de molde a favorecê-la. Mas com uma ocupação mais geral pelas actividades terciárias centrais essa diferenciação acabará por se estabelecer <sup>(18)</sup>.

Teremos assim, provavelmente:

- 1.º — desaparecimento de mercearias, lugares, capelistas, leitarias;
- 2.º — desenvolvimento de bares, restaurantes, casas de pasto, livrarias, casas de discos, etc.

Pode prever-se ainda um grande abandono por parte das oficinas de automóveis e mesmo até de alguns *stands*.

#### 8. ASPECTOS SOCIOLOGICOS DE CERTAS AREAS NO CENTRO

— Tentativa de delimitação de áreas sociais no centro de Lisboa, através dos frequentadores e do seu comportamento

O presente capítulo foge em certa medida do âmbito da nossa investigação, impondo-se todavia como charneira de ligação entre uma análise sociológica do centro de Lisboa e a sua estrutura funcional. Em grande medida as actividades terciárias geram ambientes sociais distintos, fenómeno tanto mais marcante quando se trata de actividades do mesmo tipo. Num exemplo simples, podemos notar que na área central de qualquer grande cidade existem áreas de comércio de vestuário modesto e áreas de comércio de vestuário de luxo; e que os frequentadores de um e outro pertencem nas linhas gerais a estratos sociais bastante diferentes.

(18) Por exemplo, especialização de ruas de pequenos restaurantes; de lojas de comércio a retalho; de ruas (ou locais) de comércio grossista e de armazéns, etc.

Tentaremos focar alguns destes contrastes sociais em áreas de actividades terciárias do centro, mais não procurando do que abrir caminho — aquele sugerido pela análise funcional — para um futuro estudo sociológico.

Distinguem-se nitidamente, do ponto de vista da qualidade, duas áreas comerciais no centro de Lisboa. Uma rica, que corresponde aos Restauradores-Rossio, Chiado e grande parte das ruas Augusta e do Ouro com os troços transversais que os unem. Outra pobre, que corresponde às ruas da Prata e dos Fanqueiros, Praça da Figueira, Rua D. Duarte, Poço do Borratém, Rua Barros Queirós, Martim Moniz, Rua da Palma e que se estende ainda um pouco pela Avenida Almirante Reis. Do mesmo tipo e com idêntico significado encontramos noutros locais periféricos do centro pequenas áreas comerciais: Rua do Loreto-Calhariz; Rua do Arsenal-Corpo Santo-São Paulo e Calçada do Carmo (em parte também com a Rua 1.º de Dezembro).

Enquanto a primeira daquelas áreas representa uma subida para norte e para oeste da antiga concentração comercial vizinha da Rua Nova dos Ferros e do Terreiro do Paço, a segunda parece evidenciar apenas um pequeno desvio para leste, com ramificações para norte e sul da antiga concentração de comércio para rurais — em grande medida exercida sob a forma de feira — que existiu no Rossio e proximidades, anteriormente ao terramoto de 1755. Esta área comercial desenvolve-se no seguimento da principal via de acesso da periferia rural de Lisboa — ainda hoje no Desterro, na Rua da Palma e no Socorro (Martim Moniz) se concentra o maior número de terminais de autocarro provenientes das áreas rurais a norte de Lisboa.

As outras áreas de comércio para gente mais modesta estão em posições semelhantes: a Rua do Loreto constituía também uma via de acesso do mundo rural ao centro da cidade; a área de São Paulo-Corpo Santo-Arsenal, além de estar em posição idêntica, acentuada ainda pela proximidade dos cais de barcos de Cacilhas e Montijo, tem ainda na existência da Praça da Ribeira um grande factor de atracção de gente rural.

Em certa medida o tipo de comércio da Praça da Figueira e pequenas ruas próximas está também ligado à antiga praça

(mecado abastecedor de hortaliças), que terminou a sua actividade há cerca de 20 anos, constituindo assim uma herança. Algumas das lojas têm, dentro do contexto actual, uma localização absurda — é o caso das lojas de sementes que também vão aparecer junto da Praça da Ribeira, mas aqui de acordo com a dinâmica deste comércio de retalho. Outro aspecto curioso, característico da Praça da Figueira e de São Paulo-Rua do Arsenal, é o da ocorrência de estabelecimentos (ou secções de estabelecimentos) especializados em bacalhau e outros peixes secos ou salgados. Trata-se também de um tipo de comércio particularmente relacionado com os rurais, pelo menos na origem.

Mas estas áreas comerciais são frequentadas não só pelos rurais provenientes de fora da cidade, como por outros que aqui estão radicados. Junta-se a estes um grande sector da gente da cidade com recursos mais baixos. Isto cria um ambiente peculiar, não só na rua, na paisagem humana, como na forma como se organizam as lojas e se processam os actos comerciais. Assim, aparecem leitarias ou pequenos cafés em grande número, as lojas (de vestuário, sobretudo) expõem os objectos de uma forma pouco organizada (aparentemente), quase que diríamos «como numa feira», e num grande número de estabelecimentos, em todos até há pouco tempo, discute-se o preço, «feira-se». Os próprios nomes das lojas são sintomáticos — seria interessante fazer o estudo comparativo dos nomes das lojas de roupas na Baixa e Chiado e na Rua dos Fanqueiros-Rua da Palma.

Nestas duas últimas é frequente o título de «Armazéns de...». Repare-se que no Rossio, parte oriental, existe uma grande loja de roupas, que tem também entrada pela Praça da Figueira e se chama «Armazéns do Povo». Este estabelecimento tem sofrido ultimamente na fachada voltada para o Rossio um processo de sofisticação, enquanto que a entrada pela Praça da Figueira parece ter vindo a perder importância. O restaurante Irmãos Unidos tinha nas traseiras (Praça da Figueira) uma taberna.

As ourivesarias da área comercial leste (modesta) e da área comercial oeste (rica) do centro também apresentam grandes diferenças, tanto no seu aspecto como no comércio

e na clientela. Basta um passeio pela Rua Barros Queirós e Rua da Palma e pela Rua do Ouro para que se evidenciem as dissemelhanças, não obstante a grande proximidade no espaço.

Se analisarmos os percursos dos que vão à Baixa fazer compras verificaremos que se dividem em dois grupos, que têm na Rua da Prata-Praça da Figueira o seu limite médio. Muitos dos rurais (ou de origem rural) que fazem compras na Rua dos Fanqueiros, no Martim Moniz ou na Praça da Figueira, visitarão a Rua Augusta ou o Chiado, à noite, apenas para ver montras. Mas aí o luxo e a ostentação intimidam-nos e afastam-nos como clientes. Este fenómeno torna-se particularmente nítido em dias de grande ocorrência de rurais a Lisboa — por exemplo, quando dos desfiles das marchas populares.

Os locais de divertimentos no centro de Lisboa, além de serem de reduzidas dimensões, possuem um equipamento bastante insignificante. O principal divertimento nacional continua a ser o «comes e bebes» e é à sua volta que se organizam os sectores mais vivos do tempo livre do lisboeta.

Assim, no centro, numa das áreas mais procuradas para este fim define-se pelas ruas das Portas de Santo Antão, Jardim do Regedor e proximidades. O predomínio pertence indiscutivelmente aos restaurantes e cervejarias, que têm sempre uma grande frequência. Aí se encontram todavia outros tipos de divertimentos: cinemas e Coliseu. Em tempos existiram também alguns *cabarets* e próximo, mas sem estar ligada, pois separa-os a Avenida da Liberdade-Restauradores, existe uma pequena concentração de bares e *dancings* (Calçada da Glória-Rua da Glória).

O segundo centro de divertimentos tem uma dimensão maior e já sem o predomínio dos restaurantes. Trata-se da área Praça da Alegria-Parque Mayer-parte da Avenida da Liberdade, onde o naipe de diversões é maior, desde os *cabarets* de diferentes níveis, aos teatros de revista e declamado, passando pelos cinemas, casas de fados, pelos jogos de salão e uma série de diversões populares típicas das feiras. Em tempos existiu mesmo também um recinto para a prática do boxe, da luta livre e outros desportos.

Os restantes locais de diversões do centro ou mesmo fora dele estão ainda menos desenvolvidos. A área Cais do Sodré-São Paulo deverá ser antes considerada no sector da prostituição. Poderíamos talvez incluir uma parte do Chiado (2 cinemas, 2 *cabarets*, 2 teatros e alguns bares), mas na realidade estas unidades além de serem em número reduzido não constituem uma área com características próprias, já que não estão relacionadas entre si.

Incluimos estas considerações neste capítulo, para mostrar que se trata de áreas do centro onde mais dificilmente se estabelece uma diferenciação social. Excluindo as classes mais privilegiadas, por ausentes na generalidade, tanto a área das Portas de Santo Antão, como a da Praça da Alegria-Parque Mayer são frequentadas por diferentes níveis da burguesia e do povo. Os locais de diversão das classes altas estão dispersos, em parte no centro, pela cidade e mesmo fora dela (Cascais teve recentemente um incremento particular, tomando o lugar que em tempos pertenceu ao Estoril).

Esta ausência de maior segregação social nos locais de diversão de centro deve-se sobretudo à sua ticanhez, que afasta as classes altas e não permite uma diferenciação.

A separação destes escalões mais baixos já será mais nítida ao analisarmos a composição, localização e frequência das áreas de prostituição de Lisboa.

#### 9. RELAÇÃO ENTRE A MORFOLOGIA E AS FUNÇÕES

Refere-se este capítulo a um tema altamente polémico que tem sido desde há muito discutido em termos muito extremistas e frequentemente analisado de uma forma pouco aconselhável.

Não pretendemos chegar a conclusões como sejam «a morfologia determina a função» ou, o inverso, «a função é independente da morfologia». Procuraremos, antes, analisar e discutir o problema em termos de relações possibilistas.

O assunto parece-nos entretanto merecer a nossa atenção, pois não só permitirá uma melhor compreensão da evolução histórica da localização das funções na cidade de Lisboa, e

particularmente no seu centro, como também poderá ajudar em casos de projecção futura.

Em traços gerais, podemos considerar em Lisboa os seguintes padrões morfológicos: o padrão medieval europeu; o padrão muçulmano; o padrão geométrico do fim da Idade Média; o padrão renascentista (pombalino); o padrão linear do princípio do século, relacionado com o transporte do carro eléctrico (em certa medida já iniciado com o transporte de tracção animal); o padrão «Hausman» de fim do século xx; o padrão neo-medieval (?) geometrizado.

Consideramos o padrão medieval europeu melhor representado na parte da cidade envolvida pelas muralhas pré-portuguesas e na encosta que desce do castelo para a Rua da Madalena. A Baixa anterior ao terramoto desenvolvia também um padrão do mesmo tipo, onde tinham sido introduzidos alguns arranjos, cujos exemplos mais marcantes eram a Rua Nova dos Ferros e o Terreiro do Paço. Note-se que o emaranhado de ruas da Baixa de então era diferente da clássica cidade muçulmana, sendo a inexistência de uma hierarquização viária generalizada a principal razão dessa dissemelhança. O padrão muçulmano que se encontra em Alfama é diferente, não passando contudo de um bairro desenvolvido como arrabalde, à saída de uma das portas da cidade. Lisboa nunca terá sido, quanto à morfologia, no seu conjunto, uma cidade de tipo muçulmano.

A morfologia da Baixa pré-pombalina possibilitava e acentuava o desenvolvimento das funções terciárias e do aparecimento de vida intensa na proximidade da Ribeira, embora ela não negasse um desenvolvimento para o interior na direcção do Rossio.

O traçado pombalino vai contrariar aquela situação, estabelecendo uma hierarquia em que valoriza extraordinariamente as vias que correm norte-sul, apenas ficando a Rua del Rei, junto ao Terreiro do Paço, com a mesma importância das principais componentes norte-sul. Por outro lado, existe ainda uma hierarquização bidimensional (ou talvez mesmo tri-dimensional) das vias norte-sul. Entre as principais ruas com esta direcção aparecem outras, paralelas, de menor largura e de comprimento mais reduzido. De um e outro lado da Baixa, limitando-a, a meio das encostas, aparecem duas vias (Rua

do Carmo-Rua Nova do Almada e Rua da Madalena) apenas parcialmente integradas no conjunto pombalino.

É natural que as funções terciárias mais ricas e necessitando de grande acessibilidade e melhor ambiente físico-humano se instalem nas vias de comando: Rua do Ouro, Rua Augusta, que são mais importantes que a Rua da Prata ou a Rua dos Fanqueiros, na medida que ligam as duas principais praças da cidade <sup>(19)</sup>. Inicialmente a única transversal de maior dimensão (Rua Del Rei, actual Rua do Comércio) teve também uma utilização rica e densa. Mesmo actualmente, apesar de «morta», ela tem um grande número de unidades funcionais de prestígio — os Bancos.

As ruas secundárias que correm norte-sul, entre as quatro principais, ou sejam ruas dos Sapateiros, dos Correiros e dos Douradores, a que podemos ainda juntar a Rua do Crucifixo, vão especializar-se em funções terciárias necessárias ao centro, mas mais banais; ou em funções terciárias que necessitam de uma posição central, embora não comportem rendas altas e possam prescindir do trânsito de passagem e da ostentação. Estão no primeiro caso as casas de pasto, apoio indispensável ao centro, na medida em que grande parte da população activa não pode almoçar no local de residência. Note-se desde já como um traçado do tipo do das Avenidas Novas, por não estar morfológicamente hierarquizado, não permite uma hierarquização das actividades. O exemplo dos pequenos restaurantes ilustra muito bem esta comparação. No segundo caso encontramos nessas ruas secundárias da Baixa uma série de pequenos escritórios de empresas de fracos recursos, ou de certas profissões liberais menos remuneradas. Também se desenvolvem nestas ruas os armazéns geralmente de apoio a actividades comerciais do centro. O caso dos armazéns ilustra mais uma vez a diferença provocada pela hierarquização do traçado da Baixa, em oposição ao traçado quase igual das Avenidas Novas, onde não existem *back-streets* que atraíam aquele tipo de actividade.

<sup>(19)</sup> O fenómeno é idêntico noutros factos geográficos: a estrada que liga duas cidades importantes é mais importante e mais densamente ocupada que a que une duas cidades menores, ou apenas outras estradas entre si.

Mas também em relação às vias principais são nítidas as diferenças de função entre o traçado da Baixa e o das Avenidas Novas: ali é a rua sobretudo que valoriza a ocupação comercial (ou outra), aqui é o cruzamento de ruas comerciais. Na medida em que não existe valorização física de uma via em relação a outra, desenvolveram-se, nas Avenidas Novas, os pontos de encontro das duas (Avenida Duque de Ávila e Avenida da República, por exemplo).

De resto a própria tipologia dos edifícios vai ao encontro desta tendência: os prédios de gaveto, além de preparados para receber estabelecimentos comerciais, são frequentemente mais imponentes.

Fenómeno idêntico ocorre com o traçado em tabuleiro de xadrez do bairro do Campo de Ourique. Todavia aqui estabeleceu-se uma hierarquia funcional, valorizando duas vias, aquelas que dispunham de transportes colectivos — o carro eléctrico.

As ruas transversais da Baixa, com excepção da Rua do Comércio e em certa medida das ruas da Conceição e de S. Julião — por terem as três maiores frentes de quarteirão e portanto com maior continuidade, não são mais que a continuação das ruas que ligam. Do ponto de vista funcional passa-se o mesmo: assim o comércio das transversais nos troços entre a Rua do Ouro e Rua Augusta é mais requintado que nas mesmas transversais, nos troços entre a Rua da Prata e a Rua dos Fanqueiros. Da mesma forma a intensidade de lojas é maior na parte norte que na parte sul. E ainda toma mais força nas ligações laterais abertas da Rua da Conceição à Rua da Madalena e Sé e da Rua de S. Nicolau à Rua Nova do Almada.

Referimo-nos à posição e traçado idênticos da Rua da Madalena e da Rua do Carmo-Rua Nova do Almada. Contudo, do ponto de vista funcional, a Rua da Madalena assemelha-se mais à Rua do Alecrim, com que também tem outras semelhanças. Ambas marcam o fim do centro; ambas têm um número reduzido de ligações directas com o Chiado ou com a Baixa; mas têm em relação ao rio e em relação ao interior uma elevada acessibilidade. Com tais características é normal que aí se tenha desenvolvido o comércio grossista.

A expansão de Lisboa para norte a partir do fim do século XIX faz-se por dois eixos, duas avenidas: Avenida da Liberdade e Avenida Almirante Reis. Enquanto a primeira vai continuar (do ponto de vista funcional) a «Baixa Rica», ou seja a Rua Augusta e do Ouro, o Chiado e o Rossio, a segunda continua a «Baixa Pobre», isto é, a Rua dos Fanqueiros, a Rua da Madalena, a Praça da Figueira e a Rua da Palma. Entretanto a menor largura da Avenida Almirante Reis permite que se desenvolva de um e outro lado uma actividade comercial bastante densa e um ambiente vivo, impraticável na Avenida da Liberdade devido à grande largura, que cria um vácuo físico e psicológico entre um e outro lado. Assim se nota que o comércio da Avenida da Liberdade é reduzido e quase em relação com as transversais, em pontos de encontro mas nunca criando um ambiente vivo de rua. Ao contrário da Avenida Almirante Reis, que não tendo fim vai morrendo dentro de si mesma, apesar de um certo rejuvenescimento em certos cruzamentos (Rua Passos Manuel, Praça do Chile, Alameda D. Afonso Henriques), a Avenida da Liberdade pára ao cabo de pouco mais de um quilómetro, no ponto de encontro de algumas vias muito importantes (Avenida Fontes Pereira de Melo, Avenida Duque de Loulé, Rua Joaquim António de Aguiar, Rua Braamcamp), o que permite uma expansão das actividades do centro que subiram pela Avenida da Liberdade e podem centrar-se ao longo daquelas vias e suas transversais. Enquanto a ligação Almirante Reis é só linha e portanto morre em si, a Avenida da Liberdade atinge rapidamente um foco de onde irradia para formar nova área.

Note-se que recentemente, nesta área, em ruas de dimensões menores, iniciou-se um processo de desenvolvimento comercial que nunca se chegou a operar na Avenida da Liberdade. É o caso da Rua Duque de Palmela, da Rua Barata Salgueiro e de outras.

JORGE GASPAR

#### 10. BIBLIOGRAFIA

- Anuário Comercial de Portugal.*
- ARPI, GUNNAR e HALL, LARS — *Region och Marknad.* Estocolmo, 1964.
- BAPTISTS, JO e DE GREEF, GEORGES — *Comment Réussir dans le Commerce de Détail.* Verviers, 1967.
- BENHAMOU, FRANÇOIS — *Étude Géographique du Tertiaire Supérieur à Lisbonne.* Policopiado, Paris, Sorbonne, 1969.
- BERRY, BRIAN J. L. — *Geography of Markets Centers and Retail Distribution.* Englewood Cliffs, 1967.
- BONETTI, E. — *La Localizzazione delle Attività al Dettaglio.* Milão, 1967.
- BRITO, J. J. GOMES DE — *Ruas de Lisboa,* 3 vols. Lisboa, 1935.
- CAROL, HANS — «The Hierarchy of Central Functions Within the City». *Lund Studies in Geography,* sér. B, 24, pp. 555-576, Lund, 1962.
- CARTER, H. e ROWLEY, G. — «The Morphology of the Central Business District of Cardiff». *Transactions of the Institute of British Geographers,* vol. 38, pp. 119-134, 1966.
- CASTILHO, JÚLIO DE — *A Ribeira de Lisboa.* 1.ª edição. Lisboa, 1892; outras edições.
- CHABOT, GEORGES e BEAUJEU-GARNIER, J. — *Traité de Géographie Urbaine.* Paris, 1963; 1967.
- COSTA, MÁRIO — *Feiras e Outros Divertimentos Populares de Lisboa.* Lisboa, 1950.
- DAVIES, D. HYWELL — *Land Use in Central Cape Town.* Cape Town, 1965.
- DEMATTEIS, GIUSEPPE — *Le Località Centrali Nella Geografia Urbana di Torino.* Turim, 1966.
- EDWARDS, KENNETH — «Trends in Central Area Differentiation». *Lund Studies in Geography,* sér. B, 24, pp. 519-529, Lund, 1962.
- GASPAR, JORGE — «Morfologia Urbana de Padrão Geométrico na Idade Média». *Finisterra,* IV-8, pp. 198-215, 1969.
- «A Propósito da Originalidade da Cidade Muçulmana». *Finisterra,* III-5, pp. 19-31, 1968.
- GROSSO, JOSÉ M. S. P. — *Demografia Profissional de Lisboa na Segunda Metade do Século XVI — Subsídios para o seu Estudo.* Dissertação de Licenciatura em História, policopiado. Lisboa — Faculdade de Letras, 1968.
- Guia de Portugal — Lisboa e Arredores.* Lisboa, 1924.
- Guia Profissional de Lisboa e Arredores.*
- Indicador dos Hotéis e Pensões de Portugal.* Vários anos.
- Informador Comercial e Industrial de Lisboa.* Vários anos.
- JOHNSON, JAMES H. — *Urban Geography.* Londres, 1967.
- Le Centre des Villes a-t-il encore un Avenir?* Association Internationale Urbanisme et Commerce, 2.ème Congrès International. Estocolmo, 1969.
- LENGELLE, MAURICE — *La Révolution Tertiaire.* Paris, 1966.
- Listas Telefónicas.* Companhia dos Telefones.
- Listas Telefónicas — Páginas Amarelas.* Companhia dos Telefones.

*Livro de Lançamento e Serviço que a Cidade de Lisboa fez a El-Rei Nosso Senhor no Ano de 1565.* Publicado pela Câmara Municipal de Lisboa — 4 vols. Lisboa, 1947.

MACEDO, JORGE BORGES DE — *Problemas de História da Indústria Portuguesa no Século XVIII.* Lisboa, 1963.

MURPHY, RAYMOND E. — «Central Business District Research». *Lund Studies in Geography*, sér. B, 24, pp. 473-484, Lund, 1962.

MURPHY, RAYMOND E. e VANCE, J. E. — «Delimiting the C. B. D.». *Economic Geography*, vol. 30, 1954.

MURPHY, RAYMOND E.; VANCE, J. E. e EPSTEIN, BART J. — «Internal Structure of the C. B. D.». *Economic Geography*, vol. 31, 1955.

SCOTT, PETER — *Geography and Retailing.* Londres, 1970.

«The City-Centre — Symposium Discussion». *Lund Studies in Geography*, sér. B, 24, pp. 595-600, Lund, 1962.

«The Differentiation of the City-Area — Symposium Discussion». *Lund Studies in Geography*, sér. B, 24, pp. 461-469, Lund, 1962.

*Urban Core and Inner City, Proceedings of the International Study Week, Amsterdam, 11-17 September, 1966.* Leiden, 1967.

Para outros elementos bibliográficos consulte-se *Finisterra*, vol. X, n.º 20, 1975.

## INDICE

	Páginas
1. Nota introdutória ... ..	37
2. O Centro de Lisboa, como Centro de Gravidade da Cidade, da Região, do País e das Áreas Ultramarinas ... ..	39
3. Aspectos da Evolução da Estrutura Funcional do Centro de Lisboa até ao Século XIX ... ..	42
4. Dinâmica da Localização de Algumas Funções do Centro durante o Século XX em Lisboa ... ..	52
5. Delimitação Funcional e Diferenciações no Centro Actual ... ..	121
6. O Centro de Lisboa ocupa o Escalão Máximo numa Hierarquia de Centros ... ..	126
7. Desequilíbrios Funcionais no Centro de Lisboa ... ..	130
8. Aspectos Sociológicos de certas Áreas do Centro — Tentativa de delimitação de áreas sociais no centro de Lisboa, através dos frequentadores e do seu comportamento ... ..	134
9. Relação entre a Morfologia e as Funções ... ..	138
10. Bibliografia ... ..	143

## RÉSUMÉ

*Aspects de la dynamique fonctionnelle du centre de Lisbonne.* Cette étude prétend mettre en évidence les traits fondamentaux de la structure fonctionnelle du centre de Lisbonne en définissant les fonctions qui la caractérisent, ainsi que ses relations avec la ville, les habitants et l'ensemble du pays selon une perspective dynamique dans le temps et l'espace.

Dans n'importe quel centre urbain, il y a toujours une zone plus sensible qui traduit le mieux la propre valeur de la ville: c'est le centre ou aire centrale. Il concentre l'organisation supérieure de l'agglomération, de la région dont elle a la tutelle, et en certains cas, du pays même, ainsi que des activités internationales. Le centre reflète donc la dynamique de l'agglomération urbaine et de son aire d'influence constituant un espace en transformation continue, si bien que sa délimitation rigide est impossible. Voilà la première difficulté à vaincre pour aborder l'étude du centre de Lisbonne dont la problématique est traitée dans le premier chapitre. Cependant si la dynamique économique oriente celle du centre directeur, les modifications technologiques, elles, sont en rapport avec les transports et communications qui, en général, correspondent à un moment de l'évolution physique de la ville et de son centre. L'évolution fonctionnelle du centre de Lisbonne, bien que désordonnée, a été logique et naturelle comme on peut le voir d'après l'analyse faite dans le deuxième chapitre. Jusqu'à la deuxième moitié du XIX<sup>e</sup> siècle, avec la prédominance des transports par voie d'eau, Lisbonne et son centre sont tournés vers le Tage qui constitue le meilleur axe de pénétration en direction de l'intérieur du pays. Le premier centre de la ville était en relation avec le château qui abritait la haute administration. Au pied du château s'est développé un noyau commercial, aussitôt que s'amorce un mouvement de descente de la ville en direction du port. A proximité de la Grande Mosquée (Mesquita Maior) substituée postérieurement par la Cathédrale (Sé), se localisent le commerce de luxe et les services les plus sophistiqués. Cette localisation se maintient après la reconquête chrétienne. L'expansion du centre a accompagné le développement de la ville.

Avec le roi Dinis est ouverte la Rua Nova dos Ferros qui relie la muraille pré-portugaise au port parallèlement au fleuve et qui constitue la Grande Rue jusqu'en 1755. En utilisant comme éléments d'analyse les valeurs concernant la population totale active et celle consacrée au commerce en 1565, on constate qu'à cette date le centre de Lisbonne avait une plus grande concentration du commerce dans les quartiers (freguesia) de Madalena et S. Julião, alors que la Sé et S. João da Praça ne représentent qu'une reminiscence du centre antérieur. En 1755, les résultats de l'analyse ébauchent les lignes de la future croissance de Lisbonne. Le plan du Marquis de Pombal favorise la concentration du commerce dans la ville basse (Baixa) avec des exeroissances vers le Nord (Rossio), le Nord-Ouest (Chiado) et l'Ouest (Cais do Sodré).

Le XIX<sup>e</sup> siècle est marqué par une baisse de la fonction de résidence due au développement de nouvelles activités tertiaires. Jusqu'à la fin du siècle, le centre se réduit aux trois quartiers Baixa-Chiado-Cais do Sodré d'importance plus grande que le groupement Baixa-Rossio-Avenida. Ce n'est qu'avec l'installation de la gare de Rossio, à l'aube du XX<sup>e</sup> siècle, que le centre bascule vers le Nord qui continue actuellement à être le sens de son développement.

Afin de pouvoir établir des comparaisons quantitatives de la localisation des activités tertiaires de type central de la ville actuelle, on a délimité des aires homogènes tant fonctionnelles que spatiales. Elles ont été établies non seulement à partir des activités de ces espaces mais aussi en tenant compte des ressemblances de paysages humains définis suivant les caractères physiques, socio-économiques, le contenu historico-urbain et l'identité de comportement dans les localisations des fonctions centrales. Le chapitre 4 réfère les neuf aires ainsi caractérisées. Cette analyse est accompagnée d'une série de tableaux statistiques et de la cartographie concernant les activités suivantes: typographie (1970); bureaux de compagnies (1900-1970); médecins spécialistes (1970); compagnies d'assurances et de navigation (1900-1970); sièges administratifs (1902-1970); hôtels (1902-1970); compagnies aériennes (1948-1970); ambassades, délégations, consulats (1903-1970); concessionnaires d'automobiles, machines enregistreuses et comptables (1922-1960); fonctions centrales de création récente (1970); fleuristes, instituts de beauté, joailleries (1970); librairies, bouquinistes, galeries d'art et théâtres. L'examen de ce matériel traduit une grande expansion de la zone centrale de la ville, surtout en direction du Nord, le développement des aires spécialisées dans l'aire centrale, un mouvement lent d'apparition des activités bancaires à l'Ouest et l'inertie totale de l'aire de la ville située à l'Est du centre.

Le mouvement correspond-il à une simple transférence des activités ou à un déplacement des spécialisations des aires à l'intérieur du centre lui-même? Le chapitre 5 essaie de répondre à cette question. On analyse partiellement quelques activités tertiaires (administration centrale, banques, commerce de détail de luxe, commerces plus modestes du centre, commerce de gros, hôtels) et on conclut que les deux phénomènes ont opéré simultanément. Dans ce chapitre aussi, on tente de délimiter le centre, de démarquer des aires analogues et les directrices qui orienteraient la restructuration du centre en mettant un terme à son évolution chaotique.

Au-delà des tendances et des directions de croissance de Lisbonne, on cherche à savoir s'il n'existe pas un centre secondaire partageant avec le centre principal un certain nombre d'activités de tous les secteurs fonctionnels. Le chapitre 6 rend compte de cette recherche et tente de définir une échelle hiérarchique des centres secondaires les plus importants. La croissance plus ou moins chaotique du centre de Lisbonne conduit à quelques déséquilibres fonctionnels. Le chapitre 7 présente leurs causes et établit quelles sont les fonctions qui n'ont pas une situation correcte dans le centre. Suit une tentative de délimitation d'aires sociales dans

le centre de Lisbonne, à travers de leur clientèle et de son comportement. Cette relation entre l'analyse sociologique du centre et de sa structure fonctionnelle est l'objet du chapitre 8. En tenant compte de la qualité, on définit deux aires dans le centre de Lisbonne: une, riche, correspondant à Restauradores-Rossio-Rua Augusta-Rua do Ouro ainsi que les tronçons de rues transversales qui les unissent. L'autre, pauvre, correspondant à Rua dos Fanqueiros, Rua D. Duarte, Poço do Borratém, Rua Barros Queirós, Martim Moniz, Rua da Palma.

Le chapitre 9 réfère un thème hautement polémique: le rapport entre la morphologie et les fonctions. En terme général sont définis les patrons morphologiques décelés à Lisbonne et on essaie de trouver quelles sont les causes possibles des altérations rencontrées dans les aires centrales étudiées.

#### SUMMARY

*Some aspects of the functional dynamics of the centre of Lisbon.* This study endeavours to make clear the fundamental features of the functional structure of the centre of Lisbon, by defining the functions which characterize the central area, their relationship with the city, the inhabitants and the country, within a dynamic perspective of time and space.

In any urban centre, there is always a more sensitive area, which best corresponds to the actual value of the city itself and which is the centre or central area. It concentrates the superior organization of the settlement, of the region beneath whose protection it stands, and, in certain cases, of the country and activities that are sought after beyond its frontiers. Thus the centre reflects the dynamics of urban agglomeration and of territories it commands, constituting a space, constantly changing and, as a result, its rigid limitation is impossible. This is the first difficulty to be overcome when facing the Lisbon centre, and whose problem is dealt with in chapter 1. However, if economic dynamics determine the dynamics of the directional centre, it is the technological changes related to transport and communication, as a whole, that decide the course of physical evolution of the city and its centre.

The functional evolution of the centre of Lisbon, though without order, has been both logical and natural, as far as can be inferred from the analysis made and described in chapter 2. Until the second half of the nineteenth century, with the predominance of river and sea transport, Lisbon and her centre live with their interests focused on the Tagus, which was the best mean of access into the interior of the country. The first city centre was related with the castle, where maximal administration settled. At the gate of the Castle-Town, there grew up a commercial nucleus, but from an early stage a downward movement of the city towards the Ribeira (port) took place. Near the Greater Mosque, later replaced by the Christian Cathedral, the

sophisticated trade and services were situated, this location being preserved after the Christian Reconquest. The expansion of the centre took place with the development of the city. This had an effect upon the actual physical shape of the city by the time of king Dom Dinis, who had the plans made up for the Rua Nova dos Ferros, linking the pre-Portuguese city wall to the Ribeira, running parallel to the river and standing as the main street until 1755. Using, as analysis material, values related to the total active population involved in trade in 1565, it is seen that, at this time, the Lisbon centre had a greater concentration of trade in the parishes of Madalena and S. Julião, while those of Sé and S. João da Praça are reminders of the previous centre. From an analysis of 1755, the results sketch out the lines of the future growth of Lisbon that the Pombaline plan favours: a concentration in the Baixa with extensions to the north (Rossio), the northwest (Chiado) and the west (Cais do Sodré). The growth of the old centre (Sé, S. João da Praça and Madalena) is also discussed. The nineteenth century is marked by a fall in habitational functions competing with the development of the new tertiary activities.

Until the close of the century, the centre was confined to the Baixa-Chiado-Cais do Sodré, being a more important link than the Baixa-Rossio-Avenida. Only after the building of the Rossio railway station, at the turn of the century, was the centre tilted to the north and continued to be its direction of growth.

So as to make it possible to set up quantitative comparisons of the location of tertiary activities of central type, in the present city, functionally and spatially uniform areas were isolated. They were not only considered on the basis of activities that operate in these spaces, but also of similarities in human landscape, defined through physical, socio-economic characteristics, historico-urban content, and identity of behaviour in the location of central functions. The characterization of the nine areas found is given in chapter 4. This analysis is accompanied by a series of statistical tables and their respective cartography referring to the following activities: Typing-presses—1970; medical specialists—1970; Company offices 1900-1970; insurance and shipping companies 1900-1970; central administration 1902-1970; hotels 1902-1970; airline companies 1948-1970; embassies, legations, consulates 1903-1970; agents for cars, cash and accounting registers 1922-1960; central functions recently created—1970; florists, beauty parlours, jewellers—1970; bookshops, second-hand book shops, art-galleries and theatres. Study of this material indicates a great expansion of the central area of the city, especially to the north; the development of the specialized areas within the central area, a slow movement in the emergence of tertiary activities in the west and the total inertia of the area of Lisbon to the east of the centre. Does this movement correspond to a simple transfer of the activities or to the shift of specialization in the areas within the centre itself? Chapter 5 tries to answer the question. One partially analyses some tertiary activities—central public administration, banks, retail trade (rich), modest central trade, wholesale

trade and hotels. It concludes that the two phenomena took place at the same time. One also finds in this chapter the definition of this «centre», the demarcation of similar areas and the orders that would direct the restructuring of the centre, putting an end to its chaotic evolution.

Besides the tendencies, and directions of Lisbon growth, one tries to discover whether there exists or not a secondary centre which may share with the main one a certain number of activities in all the functional sectors. A research into this centre is carried out in chapter 6, which tries to define a hierarchic scale of the secondary major centres.

The more or less chaotic growth of the centre of Lisbon leads to certain functional unbalances. Chapter 7 lays down the causes for them and establishes which functions are not concretely situated in the centre.

This is followed by an attempt to define social areas in the centre of Lisbon, through its users and their behaviour. This link between the sociological analysis of the centre and its functional structure is the topic of chapter 8. Two areas are defined, from a qualitative point of view, in the centre of Lisbon. One, rich, corresponding to Restauradores-Rossio, Rua Augusta, Rua do Ouro, with the transversal lines that join them up. Another one, poor, corresponding to the Rua dos Fanqueiros, Rua da Prata, Praça da Figueira, Praça Dom Duarte, the Poço do Borratém, Rua Barros Queirós, Martim Moniz and the Rua da Palma.

Chapter 9 refers to the highly polemic subject: the relationship between morphology and its functions. In broad terms the morphological patterns found in Lisbon are defined and one tries to find the reasons for the possible alterations found in the central areas reviewed.